



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**Análise Fonológica da Estrutura Verbal do Passado Recente em
Emakhuwa**

Candidato: Maurício Bernardo

Supervisor: Professor Catedrático Armindo Saúl Atelela Ngunga

Maputo, Outubro de 2017

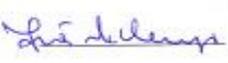
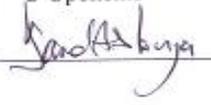
Análise Fonológica da Estrutura Verbal do Passado Recente em Emakhuwa

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Mestrado em Linguística no Departamento de Linguística e Literatura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

Candidato: Maurício Bernamardo

Supervisor: Professor Catedrático Armindo Saúl Atelela Ngunga

Maputo, Outubro de 2017

O Júri			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	
			25/04/2018

Índice

DEDICATÓRIA	v
AGRADECIMENTOS	vi
RESUMO GERAL	viii
ABSTRACT	ix
LISTA DE ESQUEMAS E QUADROS	x
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xi
LISTA DE SÍMBOLOS	xii
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	1
1.1 A língua Makhuwa	2
1.2 Estudos anteriores de Emakhuwa	5
1.3 Objectivos do trabalho	9
1.3.1 Objectivo geral	9
1.3.2 Objectivos específicos	9
1.4 Problema de investigação	9
1.5 Hipóteses da investigação	10
1.6 Justificativa de estudo	10
1.7 Delimitação e contribuição de estudo	11
1.8 Organização do trabalho	11
CAPÍTULO II: METOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	13
2.1 Métodos de recolha de dados	13
2.2 Selecção, tratamento e análise do corpus	14
2.3 Perfil dos consultores linguísticos	15
CAPÍTULO III: REVISÃO DA LITERATURA	17
3.1 Fonologia	17
3.1.1 Aspectos preliminares da fonologia de Emakhuwa	18
3.1.1.1 O sistema de vogais	18
3.1.1.2 Regras fonológicas relacionadas a vogais	19
3.1.1.3 O sistema de consoantes	21
3.1.1.4 Regras fonológicas relacionadas a consoantes	22
3.2 Morfologia	25
3.2.1 Morfologia verbal	29
3.2.2 Tempo verbal	31
3.2.2.1 Tempo verbal em Emakhuwa	33
3.3 Morfofonologia	34

3.4 Quadro teórico.....	36
CAPÍTULO IV: ANÁLISE FONOLÓGICA DA ESTRUTURA VERBAL DO PASSADO RECENTE EM EMAKHUWA.....	38
4.1 O passado recente marcado através do prefixo /-ho-/	42
4.1.1 Forma afirmativa.....	42
4.2 O passado recente marcado através do sufixo /-ale/.....	50
4.2.1 Forma afirmativa.....	50
4.3 O passado recente marcado através da imbricação	55
4.3.1 Forma afirmativa.....	55
4.4 Forma negativa	60
4.5 Constatações gerais	64
CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	67
5.1 Conclusões.....	67
5.2 Recomendações.....	73
Bibliografia	75
ANEXOS	xii
Anexo 1: Guião de entrevista usado na recolha de dados.....	xiii
Anexo 2: Guião de entrevista com os dados recolhidos	xxviii
Anexo 3: Lista dos 100 verbos usados na presente pesquisa	lxvii

DECLARAÇÃO

Declaro, por minha honra, que a dissertação que submeto à Universidade Eduardo Mondlane, em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestrado em Linguística, nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico ou num outro âmbito e que ela constitui resultado da minha investigação pessoal e independente, tendo indicado no texto e na bibliografia as fontes que usei.

O Candidato

Maurício Bernardo

(Maurício Bernardo)

DEDICATÓRIA

A todos parentes, amigos e conhecidos que partiram deste mundo deixando um grande vazio nos nossos corações, que Deus os acolha e lhes dê o eterno descanso!

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação é produto, não só do meu esforço, como também do empenho de outros intervenientes. Reconhecendo isso, reservo esta secção para endereçar a minha gratidão a todos aqueles que directa ou indirectamente tornaram possível a concretização desta pesquisa, quer em termos financeiros ou materiais quer em termos morais.

Assim, começo por endereçar os meus sinceros agradecimentos a Deus Todo Poderoso - Meu Protector, pelas energias que me concede incansavelmente no dia-a-dia para que eu consiga atingir os meus objectivos e ultrapassar as barreiras que se colocam no trilho da vida. A Ele sempre Lhe devo a gratidão do Dom da Vida!

Ao Professor Catedrático Armindo Saúl Atelela Ngunga, meu supervisor, por, não só ter acreditado em mim e, por conseguinte, aceite supervisionar a elaboração do presente estudo, mas também pela forma incansável e humilde como ele orientou e acompanhou esta pesquisa, assim como pela partilha amigável dos seus conhecimentos em todo o momento que os solicitei, apresento-lhe o meu ‘grande agradecimento’.

Para cada um dos meus Docentes do Curso de Mestrado, especialmente os Professores Catedráticos Armindo Saúl Atelela Ngunga e Armando Jorge Lopes, os Profs. Doutores Marcelino Liphola, Henrique Nhaombe, Bento Siteo e Mateus Katupha, pelos conhecimentos transmitidos durante as aulas do curso, vai o meu: *Asante Saana, Mwaalimu!*

Um especial agradecimento é endereçado também para as Profs. Doutoradas Inês Machungo e Julieta Langa, assim como para os Profs. Doutores Gregório Firmino, Feliciano Chimbutane, Carlos Manuel, David Langa, entre outros, pelo puxão de orelhas que sempre me deram ao cobrar a conclusão do meu curso de Mestrado

Minhas princesas (Maurina, Karina, Berina, Merina), senhora minha Rainha (Rosa Bernardo, mãe das Rinas), príncipes da casa (os senhores meus sobrinhos Ohoma e Jerry), peço que aceitem o meu “muito obrigado” por me fazerem sempre o Rei da Nossa Casa, mesmo com as minhas frequentes ausências do convívio familiar por razões de trabalho ou pesquisa.

À minha mãe, Catarina Muahilive, que incansavelmente aguarda pela visita daquele seu filho que vive muito longe, pela sua paciência e pelo seu inquestionável carinho de mãe, endereço-lhe os meus inesgotáveis agradecimentos.

À minha “eterna encarregada de educação” e ao seu esposo, dra. Juliana Molesse e Mestre Agostinho Molesse, respectivamente, mais uma vez, dirijo o meu agradecimento pela atenção e incansável cobrança do resultado final da minha formação.

Aos “colegas-irmãos” que o tempo me deu, especialmente, o Dr. Artides Maduela, os Mestres Manuel Guissemo, Walter Matimbe e os Profs. Doutores Osvaldo Faquir e Carlito Companhia, pelo encorajamento que sempre me deram durante a elaboração da presente pesquisa, mando-lhes a minha sincera gratidão.

Aos colegas da Seccção de Linguística, especificamente Mestre Pércida Langa, Dras. Mariamo Aly, Rosa Mitelela, Febe Gomes, Drs. Narciso Gastene, Joaquim Razão, Henriques Mateus, aos colegas do Departamento de Linguística e Literatura representados pelo Dr. Aurélio Cuna, aos colegas da área das ciências de linguagem, representados pela Mestre Nelsa Nhantumbo e pelo Mestre Félix Tembe, à mana Ezra Nhampoka, aos colegas da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, sem necessariamente mencionar os nomes, pois a lista é vasta, pela força que sempre me transmitiram, queiram aceitar o muito obrigado.

A meus colegas do Curso de Mestrado em Linguística, pelo companheirismo de sempre, vai o meu ***Khanimambo!***

A todos meus consultores linguísticos, pela simpatia e paciência mostradas durante as minhas entrevistas, endereço-lhes o meu ***Kooxukhuru!***

E aos demais amigos e conhecidos, entre eles, os colegas das quatro linhas (de futebol) que, pela sua amizade e pelos embates dos “clássicos” de cada fim-de-semana, contribuem, sobremaneira, para a manutenção da minha estabilidade física e mental, envio-lhes a minha sincera gratidão!

A todos que aqui enderecei os meus agradecimentos, desejo-lhes também uma chuva de benção para que eu continue a receber o seu carinho e a sua simpatia!

RESUMO GERAL

O presente trabalho examina o comportamento fonológico dos morfemas básicos que marcam o passado recente em Emakhuwa, língua Bantu codificada como P31, segundo a classificação de Guthrie (1967-71). Esta língua é falada em Moçambique, Malawi, na Tanzânia, bem como nas ilhas de Madagáscar, das Comores e das Maurícias. Reconhecendo que os morfemas básicos que marcam o passado recente na língua em estudo apresentam diversas variações alomórficas, por conseguinte, procurando perceber que processos fonológicos condicionam tais variações, na recolha de dados, a presente pesquisa usa, para além do filológico e de introspecção, o método de entrevista, tendo privilegiado as formas verbais conjugadas no tempo em análise. Os dados foram gravados em áudio e, posteriormente, transcritos. Assim, da sua análise constata-se que o passado recente em Emakhuwa pode ser marcado morfologicamente através de três morfemas básicos: prefixo **/-ho-**, sufixo **/-ale/** e o descontínuo **/-(i)N-(j)e/**. Tendo em conta os contextos fonológicos de sua ocorrência, o prefixo **/-ho-** realiza-se sob a forma de **[-o :-]**, **[-h-]**, **[-ho-]** e **[-ho :-]**, enquanto o sufixo **/-ale/** se concretiza na forma **[-ale]** e **[-a :le]**; em relação ao morfema descontínuo **/-(i)N-(j)e/**, destaca-se, sobretudo, a assimilação da nasal ao ponto de articulação da consoante seguinte. A partir destas contatações, conjugando-as com as hipóteses definidas e testadas no presente estudo, conclui-se que, no geral, as variações dos morfemas que marcam o passado recente em Emakhuwa são determinadas através das condições fonológicas criadas na estrutura da base verbal quando a ela se afixam.

Palavras-chave: estrutura verbal, fonema, morfema, morfologia, imbricação, tempo verbal.

ABSTRACT

This study aims to examine the phonological behavior of the basic morphemes which mark the recent past tense in Emakhuwa, a Bantu language codified as P31, according to Guthrie (1967/71) classification. This language is spoken in Mozambique, Malawi, Tanzania, and in Madagascar, Comoros and Mauritius Islands. Recognizing that the basic morphemes which mark the recent past tense in Emakhuwa have several allomorphic variations, in this study we use, for data collection, apart of philological and introspective methods, the interview, highlighting the verbal forms conjugated in the recent past. These data were audio recorded and then transcribed for better analysis. From the collected data we realize that the recent past tense in Emakhuwa can be morphologically marked through three basic morphemes: prefix **/-ho-**, suffix **/-ale/** and the discontinued morpheme **/(i)N-(j)e/**. According to the phonological contexts of its appearance, the prefix **/-ho-** can be presented in the form of **[-o:-]**, **[-h-]**, **[-ho-]** and **[-ho:-]**, while the basic suffix **/-ale/** is presented in the form of **[-ale]** and **[-a:le]**; related to the discontinued morpheme **/(i)N-(j)e/**, the stress must be put, above all, to the nasal assimilation in the articulation place of the next consonant. From this findings, combined with the hypothesis defined and tested in the present study, we conclude that, in general, the variations of the morphemes which mark the recent past tense in Emakhuwa are determined by the phonological conditions created in the structure of the verbal base when affixed to it.

Key words: verbal structure, phoneme, morpheme, morphophonology, imbrication, verbal tense.

LISTA DE ESQUEMAS E QUADROS

- Esquema 1: Estrutura do verbo nas línguas bantu (NGUNGA 2000)
- Esquema 2: Representação do tempo verbal na maioria das línguas do mundo
- Esquema 3: Representação do tempo verbal em Cinyanja
- Esquema 4: Representação do tempo verbal em Emakhuwa
- Esquema 5: Relação entre processos morfológicos e fonológicos
-
- Quadro 1: Vogais básicas de Emakhuwa
- Quadro 2: Consoantes subjacentes de Emakhuwa
- Quadro 3: Estrutura do verbo (MEEUSSEN 1967)
- Quadro 4: Estrutura do verbo em Bantu (MUTAKA e TAMANJI 2000)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFI	= Alfabeto fonético internacional
C(G)V	= Consoante (glide / semiconsoante) vogal
Cf.	= Confira
Cl.	= Classe nominal
EP	= Estrutura profunda
ES	= Estrutura de superfície
Ext.	= Extensão verbal
FLCS	= Faculdade de Letras e Ciências Sociais
INDE	= Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação
INE	= Instituto Nacional de Estatística
LASU	= Linguistics Association for Southern African Development Community (SADC) Universities
MA	= Marca de aspecto
MN	= Marca de negação
MO	= Marca de objecto
MS	= Marca de sujeito
MT	= Marca de tempo
NA	= Não se aplica
NELIMO	= Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas
PI	= Pré-inicial
PS	= Pós-sujeito
SF	= Sufixo flexional
SPE	= The Sound Pattern of English
Tema D	= Tema derivado
Tema F	= Tema flexionado
UEM	= Universidade Eduardo Mondlane
VF	= Vogal final
VT	= Vogal terminal

LISTA DE SÍMBOLOS

/ /	= Estrutura profunda (ou de base / subjacente / fonológica)
[]	= Estrutura de superfície (fonética)
[+nas]	= Que contêm o traço distintivo nasal
∅	= Elisão de segmento (ou de suprasegmento)
→	= Realiza-se como
[alug]	= Do mesmo ponto de articulação que
>	= Resulta em
/	= Na condição fonológica de
—	= Contexto de ocorrência do som destacado

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe-se a examinar o comportamento fonológico dos morfemas marcadores do passado recente na língua makhuwa¹ quando se afixam a outros morfemas, analisando a estrutura verbal tanto na forma afirmativa como na forma negativa.

Trata-se de um estudo que, por um lado, procura descrever os constituintes morfológicos do verbo, sobretudo, os do passado recente na língua em estudo e, por outro lado, analisa as diversas manifestações dos morfemas em causa que, através de formalização de processos fonológicos, procura apresentar e interpretar as leis que governam as suas realizações alomórficas.

Esta proposta resulta da percepção de que o passado recente em Emakhuwa apresenta diversas marcas morfológicas e também pelo facto de muitos estudos anteriores (KATUPHA 1991, CENTIS 2000; CHIMUZU 2002; NGUNGA & VICTORINO 2002; KROGER 2003; BERNARDO 2009a, só para mencionar alguns) sobre a língua em análise revelarem dados variados sobre as marcas do tempo em Makhuwa, sobretudo os morfemas que marcam o passado recente. Embora Ngunga & Victorino (2002) tenham analisado o passado recente, estudo no qual estes autores identificaram seis alomorfos que marcam o tempo em causa, entre os quais, três prefixos e três sufixos, pode constatar-se que nem estes nem os autores aqui citados explicam detalhadamente as manifestações fonológicas dos constituintes morfológicos tomando em consideração as condições fonológicas criadas quando eles são afixados a outros morfemas. Daí o nosso interesse em proceder a uma análise orientada para a perspectiva morfofonológica, examinando dados da variante designada **Emakhuwa** (e também conhecida por *Emakhuwani* ou *Emakhuwana*), falada na cidade de Nampula e arredores².

Tratando-se de uma análise que se preocupa em compreender as diversas formas de manifestação fonológica dos constituintes morfológicos da estrutura verbal, a presente pesquisa privilegia a teoria da *morfologia e fonologia lexical* (KIPARSKY 1982, 1985),

¹ O uso das expressões *Emakhuwa* ou *Makhuwa*, *Elomwe* ou *Lomwe*, entre outras, poderá alternar-se ao longo deste estudo tendo em conta o contexto discursivo.

² Cf. Victorino (1995), Afido (1997), Siteo & Ngunga (2000), Chimuzu (2002), Bernardo (2009), Ngunga & Faquir (2011).

que defende a interligação entre a morfologia e a fonologia na formação das palavras, como veremos na secção que diz respeito ao quadro teórico do nosso estudo.

A eleição da variante Emakhuwa para o presente estudo prende-se a vários factores: por um lado, o facto de ela ter sido tomada como referência em vários estudos sobre esta língua (PRATA 1960, 1990; DE MATOS 1982; AFIDO 1997; SITOE & NGUNGA 2000; CENTIS 2000; CHIMUZU 2002; NGUNGA & VICTORINO 2002; KROGER 2003; BERNARDO 2009a, 2009b; e outros). Por outro lado, devido ao facto de a actual ortografia padronizada da língua Makhuwa (NGUNGA & FAQUIR 2011), também usada no presente trabalho, ter sido baseada nesta variante, para além de o autor do presente trabalho ser falante fluente da mesma.

1.1 A língua Makhuwa

Canonici (1991), citando Greenberg (1963), refere que Makhuwa pertence ao grupo linguístico Bantu da subfamília Niger-Congo que pertence à família Congo-Kordofaniana.

Segundo a classificação de Guthrie (1967-71), Makhuwa, codificada como P31, pertence ao grupo linguístico (P30), grupo a que também pertencem Lomwe (P32), Ngulo (P33) e Chuwabo (P34). Guthrie (ibidem) refere ainda que a maior parte destas línguas é falada somente em Moçambique, exceptuando Ngulo que também é falada em Malawi.

Katupha (1988), em contrapartida, considera Elomwe e Echuwabo como variantes da língua Makhuwa; enquanto Prata (1960) subdivide a língua Makhuwa em blocos dialectais, entre os quais “grandes” (Makhuwa do Centro, Lomwe, Chirima, Chaca, Metto, Makhuwa de Cabo Delgado e Makhuwa do Rovuma) e “pequenos” (Marevoni, Nampamela, Mulai, Nahara, Koti, Sankaci e Kimwani). Na sua análise, Prata (op. cit.) refere que Koti, Sankaci e Kimwani são variantes de Swahili, mas que estão no espaço Makhuwa.

Entretanto, Victorino (1995), Afido (1997), Siteo & Ngunga (2000), Bernardo (2009a), Ngunga & Faquir (2011) consideram existir na língua Makhuwa oito (8) variantes distintas e significativas, designadamente Emakhuwa, Enahara, Esaaka, Esankaci, Emarevoni, Elomwe, Emeetto e Exirima. O presente estudo segue esta percepção.

Embora reconheçam que os falantes da língua em estudo estão distribuídos por vastas áreas de Moçambique, bem como por alguns países vizinhos, Prata (1960), Afido

(1997), Siteo & Ngunga (2000), Chimuzu (2002), Ngunga & Victorino (2002), Ngunga & Faquir (2011) assumem que o núcleo central da língua Makhuwa se encontra no norte de Moçambique, especificamente na Cidade de Nampula. A definição da centralidade da variante falada na Cidade de Nampula, que também levou à sua padronização na ortografia da língua Makhuwa, foi fundamentada pelo reconhecimento da inteligibilidade mútua entre ela e as diversas variantes, aliado ainda ao facto de, nesse mesmo local, não existir um outro grupo étnico local que fala uma língua diferente de Makhuwa.

Todavia, Victorino (1995) refere que os factores usados para definir o núcleo central da língua são questionáveis por serem pouco consistentes, visto que, no entender deste autor, a escolha de uma variante como padrão deve ter em conta os critérios fundamentados também por factores históricos, culturais e sociais que determinaram as relações entre os povos e não meramente linguísticos.

No entanto, apesar de se definir a Cidade de Nampula como o centro da língua em análise, Afido (1997), Siteo & Ngunga (2000) Chimuzu (2002) e Ngunga & Faquir (2011) referem ainda que Emakhuwa, a variante de referência, é também falada nos arredores da Cidade de Nampula, como Mecubúri, Muecate, Meconta, parte de Murrupula, Mogovolas, parte de Ribáwe e Lalawa, na província de Nampula. Siteo & Ngunga (2000) e Ngunga & Faquir (2011) acrescentam ainda que a variante Emakhuwa é ainda falada no distrito de Pebane, província da Zambézia, e parcialmente nos distritos de Mecanhelas, Cuamba, Maúa, Metarica e Nipepe, província de Niassa. Na mesma percepção, conclui-se que nas províncias circunvizinhas (Cabo Delgado, Niassa, Zambézia), assim como em algumas partes da província de Nampula, são faladas as restantes variantes.

Assim, as outras variantes de Emakhuwa são distribuídas da seguinte maneira:

- (i) Enahara, apenas falada na província de Nampula, especificamente nos distritos de Mossuril, Ilha de Moçambique, Nacala-Porto, Nacala-a-Velha e parte de Memba;
- (ii) Esaaka, falada nos distritos de Eráti, Nacarôa e parte de Memba, província de Nampula; e nos distritos de Chiúre e Mecúfi, província de Cabo Delgado;
- (iii) Esankaci, falada somente numa parte de Angoche, província de Nampula;
- (iv) Emarevoni, falada numa região de Moma e Mogincual, província de Nampula; e numa parte de Pebane, província da Zambézia;

- (v) Elomwe, falada no distrito de Malema, parte de Ribáwe, parte de Murrupula e parte de Moma, província de Nampula; e em Gurúe, Gilé, Alto Molócue, Ile, norte de Mocuba e parte de Milange, província da Zambézia;
- (vi) Emeetto, falada nos distritos de Montepuez, Balama, Namuno, Pemba, Ancuabe, parte de Quissanga, Meluco, Macomia e Mocímboa da Praia, província de Cabo Delgado; e em Marrupa e Maúa, província do Niassa;
- (vii) E Exirima, falada somente na província do Niassa, especificamente em Maúa, Metarica e Cuamba.

Contudo, fazendo uma analogia entre as descrições aqui apresentadas sobre a língua makhuwa, pode-se notar que as classificações dialectais assumidas por Katupha (1988), Victorino (1995), Afido (1997), Siteo & Ngunga (2000), Chimuzu (2002), Bernardo (2009a) e Ngunga & Faquir (2011) convergem ao considerarem Elomwe como variante da língua makhuwa, contrariamente à classificação de Guthrie (1967-71), que considera Elomwe como uma língua autónoma, mas que pertence ao mesmo grupo linguístico onde faz parte Emakhuwa, Echuwabo e Ngulo.

Entretanto, a descrição de Katupha (1988) opõe-se aos demais por definir Echuwabo como sendo variante de Makhuwa, enquanto Guthrie (1967-71), Victorino (1995), Afido (1997), Siteo & Ngunga (2000), Chimuzu (2002), Bernardo (2009a) e Ngunga & Faquir (2011) classificam-na como outra língua autónoma.

Portanto, apesar de se registarem adversidades na descrição das variações dialectais da língua em estudo, a maioria dos autores aqui citados converge ao admitir que, além de ser falada em Moçambique, a língua makhuwa é também falada no sul de Tanzânia, numa parte do sul de Malawi e num enclave do nordeste de Madagáscar, bem como nas ilhas Comores. Martinez (1989) acrescenta ainda que, devido ao comércio de escravos realizado durante os séculos XVIII-XIX, encontram-se igualmente grupos de makhuwa nas ilhas Seychelles e Maurícias, para além da ilha de Madagáscar anteriormente mencionada. E de acordo com Ngunga & Faquir (2011:72), citando INE (2010), “o Emakhuwa é falado por cerca de 5.307.378 pessoas de cinco anos de idade ou mais em Moçambique”.

1.2 Estudos anteriores de Emakhuwa

Os primeiros trabalhos descritivos sobre a língua makhuwa parece terem sido apontamentos de missionários que tentaram descrever a gramática da língua com fins de tradução de livros religiosos que serviriam para ensinar a doutrina cristã, base importante de preparação de terreno para a colonização. Aliás, Medeiros (1995) sustenta a nossa percepção ao afirmar que

numa perspectiva histórica e antropológica, não existem estudos aprofundados sobre a formação dos diferentes grupos tribais de língua(s) emakhuwa e elómwè originários ou não de um mesmo tronco comum; não existem tão-pouco estudos arqueológicos e linguísticos sobre esse eventual tronco; e só recentemente se começou a estudar a formação nesta última centúria de uma área cultural reactivamente homogénea, com duas subáreas de características próprias, fruto da colonização moderna e da acção missionária (MEDEIROS 1995:31).

No conjunto de apontamentos, Victorino (1995) faz referência ao texto de Castro (1933) que se debruça sobre os ensinamentos das igrejas aos indígenas para fins da política colonial. Essa ideologia é bem sublinhada no prefácio assinado pelo Padre José Vicente Sacramento onde se afirma que “...não há auxiliar melhor na missionação religiosa do que o conhecimento da língua dos povos que missionamos, apanhando-lhes a alma para Deus e o coração para a nossa pátria” (VICTORINO, 1995:16).

Todavia, antes do referido conjunto de apontamentos, Bleek (1858) usou, pela primeira vez, o termo *Bantu* para se referir a um grupo de línguas africanas com características comuns e com semelhanças no termo morfológico que designa *pessoas* (do prefixo da classe 2, “ba-” e do respectivo tema nominal, “-ntu”), grupo linguístico ao qual pertence Emakhuwa (CANONICI, 1991).

Chimuzu (2002) salienta também que “foi Bleek (1862-1869) quem abordou, primeiro, a questão do sistema de classes nas línguas do Sul de África. Foi aqui que também, pela primeira vez, se introduziu a ideia de atribuir um número a cada tipo de concordância por prefixos” (CHIMUZU 2002:11).

Mais tarde apareceram trabalhos de descrição tipológica das línguas africanas, entre eles:

- (i) Doke (1945) que, ao classificar as línguas, considerou Makhuwa como pertencente a Zona Este-Central (52), tendo a codificado como 52/5 (MASSIMACULO 2004).
- (ii) Greenberg (1963) e Guthrie (1967-71), estudos apresentados na secção anterior, que também contribuíram imensamente na classificação actual da língua makhuwa.

Ademais, na década de 1960 surgiram ainda algumas gramáticas de Emakhuwa, destacando-se, nessa época, a *Gramática da Língua Macua (e Seus Dialectos)* de Prata (1960) que fez a descrição das variantes de Emakhuwa, inspirada e muito influenciada pelo conhecimento de gramáticas de línguas indo-europeias. Nessa descrição, apresentaram-se os elementos segmentais da língua, bem como a formação das palavras e sua organização na frase.

Trabalhos recentes sobre Emakhuwa incluem Katupha (1988, 1991), NELIMO (1989), Victorino (1995), Afido (1997), Siteo & Ngunga (2000), Centis (2000), Chimuzu (2002), Ngunga & Victorino (2002), Kroger (2003), Kisseberth & Odden (2003), Massimaculo (2004), Bernardo (2009a), Ngunga & Faquir (2011), Ngunga (2014), entre outros.

Katupha (1988), apresentando o panorama linguístico de Moçambique, enumera as variantes de Emakhuwa e a redistribuição geográfica dos seus falantes; enquanto Katupha (1991) faz um estudo morfo-sintáctico das extensões verbais de Emakhuwa, tendo indicado a ordem e as regras de organização desses afixos derivacionais.

NELIMO (1989), Siteo & Ngunga (2000) e Ngunga & Faquir (2011) apresentam, em forma de relatórios, as ortografias padronizadas das línguas moçambicanas³ elaboradas com base em debates, acordos e compromissos alcançados nos seminários realizados com o mesmo propósito. Tais relatórios apresentam a descrição dialectal das línguas

³ *Línguas Moçambicanas* é uma expressão usada por muitos estudiosos, como Siteo & Ngunga (2000), Ngunga & Faquir (2011), Ngunga (2014), entre outros, para se referir às línguas bantu faladas em Moçambique.

moçambicanas, bem como as representações gráficas tendo em conta a fonologia segmental das mesmas.

Adicionalmente, descrevendo as variações fonológicas de nível segmental de Emakhuwa, Elomwe, Enahara e Emarevoni, Victorino (1995) procura estabelecer uma matriz sonora comum entre as variantes analisadas e suas relações de diferença, numa espécie de reconstituição de um sistema fonológico de língua comum com base na qual as variantes se aparentam.

Por conseguinte, Afido (1997), examinando os morfemas do presente do indicativo, procura indicar os morfemas que efectivamente constituem formas idiossincráticas e os que constituem as derivações das formas básicas.

Centis (2000) e Kroger (2003), sem se afastarem dos métodos usados por Prata (1960), apresentam as conjugações dos verbos em Emakhuwa, como também identificam as consoantes e vogais existentes na língua em causa.

Analisando o sistema de classes nominais em Emakhuwa, Chimuzu (2002) procura explicar os critérios observados na redistribuição dos nomes pelas classes nominais da língua em estudo, com particular enfoque para os nomes de animais.

Ngunga & Victorino (2002), por sua vez, fazendo um estudo morfofonológico do passado recente em Emakhuwa, identificam seis afixos que marcam o tempo em análise, três dos quais prefixos (**-ho-**, **-h-**, **-o-**) e três sufixos (**-al-e**, **-iy-e**, **-an-e**). Na sua análise, estes autores examinam as condições morfológicas que governam os seis alomorfos identificados, tendo constatado que os três prefixos e os sufixos **-al-e** e **-iy-e**, ocorrem fora da raiz verbal, enquanto uma parte do sufixo **-an-e** ocorre dentro da raiz verbal, devido ao processo morfológico conhecido como imbricação.

Na mesma análise, sem se indicar as condições fonológicas que ditaram a eleição dos morfemas básicos, muito menos se formalizar os processos fonológicos que acontecem na estrutura do verbo quando as marcas do passado recente são afixadas a outros morfemas, conclui-se que **-h-** e **-o-** são variações alomórficas de **-ho-**, enquanto os morfemas **-iy-e** e o afixo **-an-e** são definidos como variações alomórficas de **-al-e**. Ngunga & Victorino (2002) constata ainda que, apesar de as características morfológicas da raiz do verbo serem responsáveis pela variação alomórfica, certos parâmetros sintácticos podem bloquear a prefixação a favor da sufixação.

Todavia, fazendo uma abordagem da fonologia segmental e suprasegmental de Emakhuwa, Kisseberth & Odden (2003) apontam as consoantes e vogais encontradas nas diversas variantes analisadas. Neste estudo apresenta-se quer a forma de organização dos sons, quer a estrutura das sílabas, bem como a manifestação do tom nas variantes de Emakhuwa onde ele é frequente. Define-se ainda a assimilação da consoante nasal ao ponto de articulação da consoante seguinte como o princípio morfofonémico mais importante que afecta as consoantes em Makhuwa. Kisseberth & Odden (op. cit.) apresentam também descrições morfológicas e sintácticas da língua em análise.

Por seu turno, Massimaculo (2004) discute a reduplicação verbal em Exirima como um processo morfológico, descrevendo os diferentes fenómenos que ocorrem na estrutura do verbo resultante do processo de reduplicação.

Bernardo (2009a) faz uma abordagem morfofonológica das marcas do passado remoto imperfectivo em Emakhuwa. O referido trabalho, por um lado, identifica os morfemas que marcam o passado remoto e os que marcam o aspecto imperfectivo desse mesmo tempo; por outro lado, descreve as diversas formas de manifestações fonológicas dos morfemas em causa nas formas verbais afirmativa e negativa.

Portanto, Ngunga (2014), socorrendo-se de vários quadros teóricos, entre os quais o da *teoria mórica* (HYMAN 1985), *fonologia lexical* (KIPARSKY 1982, 1985), *fonologia autosegmental* (GOLDSMITH 1976, 1990), *sintaxe generativa* (BORSELEY 1991, RADFORD 1981), descreve as línguas bantu faladas em Moçambique, grupo do qual faz parte Emakhuwa. Esta obra, eminentemente teórico-descritiva, procura dar um impulso iniciático de investigação à Linguística bantu, descrevendo de forma genérica a gramática das línguas bantu. Nesse estudo, recorre-se, como exemplos ilustrativos, dados concretos de línguas moçambicanas, entre elas, a língua makhuwa.

Olhando para o conjunto de trabalhos anteriores citados neste estudo, pode-se perceber que, muitos deles contribuíram, em grande medida, para a compreensão do funcionamento da gramática de Emakhuwa. Um exame mais cuidadoso, porém, revela que um pequeno número desses estudos faz a descrição sobre o tempo verbal em Emakhuwa, pouco ainda é o número de estudos sobre o passado. Apesar de Ngunga & Victorino (2002) terem analisado o passado recente na língua em estudo, nota-se que nem neste nem nos

outros estudos anteriores se faz uma análise fonológica detalhada da estrutura verbal deste tempo específico.

1.3 Objectivos do trabalho

1.3.1 Objectivo geral

Partindo do pressuposto segundo o qual Emakhuwa pertence ao grupo de línguas aglutinantes (CANONICI 1991, DACALA 1994, NGUNGA 2014), dentro das quais a palavra é geralmente formada por afixação de morfemas presos a outros que constituem núcleos das palavras, e porque o verbo é uma das palavras que evidenciam tal carácter aglutinante, o presente estudo tem como objectivo geral analisar os processos fonológicos que decorrem da afixação dos morfemas da estrutura verbal no passado recente em Emakhuwa.

1.3.2 Objectivos específicos

1. Identificar os morfemas que compõem a estrutura do verbo no passado recente em Emakhuwa, sobretudo a marca do tempo, tanto na forma afirmativa, como na forma negativa;
2. Analisar os contextos fonológicos de ocorrência de cada um dos constituintes da estrutura verbal no passado recente na língua em estudo;
3. Interpretar os processos fonológicos que ditam as variações alomórficas dos constituintes da estrutura do verbo, com maior enfoque as marcas do passado recente em Emakhuwa.

1.4 Problema de investigação

Assumindo que Ngunga & Victorino (2002) apontaram os morfemas básicos que marcam o passado recente e as suas diversas variações alomórficas, e atendendo que, nesse mesmo estudo, os autores em alusão se preocuparam, sobremaneira, em indicar as formas fonéticas dos afixos que marcam o tempo em análise, sem necessariamente descrever e formalizar minuciosamente as regras fonológicas que ocorrem na estrutura do verbo para

dar lugar à variação alomórfica das marcas do tempo em estudo, formulamos a seguinte questão que enforma o problema da nossa pesquisa:

- Que processos fonológicos ditam a variação dos morfemas que marcam o passado recente na estrutura do verbo em Emakhuwa?

1.5 Hipóteses da investigação

A partir da questão colocada no nosso problema de pesquisa, apresentamos as seguintes hipóteses:

- a) A variação do morfema **/-ho-/**, prefixo que marca o passado recente em Emakhuwa, é determinada ou por elisão da consoante **/h/**, quando ele se afixa a uma base verbal de estrutura **-CVC(...)-**, ou por elisão da vogal **/o/**, quando ele se afixa a base verbal de estrutura **-VC(...)-**, ou ainda por alongamento da vogal **/o/**, quando ele se afixa a uma base verbal monossilábica;
- b) A variação do morfema **/-ale/**, sufixo que marca o passado recente em Emakhuwa, é determinada por alongamento da vogal **/a/** quando ele se afixa a uma raiz verbal de estrutura **-C-** ou **-VC-**;
- c) A variação do morfema que marca o passado recente em Emakhuwa na forma de imbricação é determinada por assimilação da consoante nasal ao ponto de articulação da consoante seguinte, quando o morfema descontínuo **/-(i)N-(j)e/** se afixa ao verbo.
- d) A variação dos morfemas que marcam o passado recente em Emakhuwa acontece de forma livre, independentemente das condições fonológicas que se criam quando eles se afixam a outros morfemas constituintes da estrutura verbal.

1.6 Justificativa de estudo

Como se afirmou anteriormente, olhando para o conjunto de pesquisas anteriores, e apesar de muitas delas terem contribuído, em grande medida, para a compreensão do funcionamento da gramática de Emakhuwa, percebe-se que somente um pequeno número desses estudos faz a descrição sobre o tempo verbal em Emakhuwa, pouco ainda é o número de estudos sobre o passado. Nota-se ainda que nenhum desses trabalhos anteriores faz uma análise fonológica detalhada da estrutura verbal do passado recente em

Emakhuwa, embora Ngunga & Victorino (2002) tenham feito algumas análises sobre este tempo verbal. Aliás, analisando minuciosamente os factos aqui apresentados, parece que a variação alomórfica identificada por Ngunga & Victorino (ibidem) sugere ainda uma reanálise morfofonológica que identifique e explique detalhadamente os processos fonológicos que acontecem para dar forma a cada um dos alomorfos dos afixos do passado recente.

1.7 Delimitação e contribuição de estudo

O presente estudo procura interpretar os processos fonológicos decorrentes da afixação de morfemas que marcam o passado recente à base verbal em Emakhuwa, revendo, quer o conjunto de morfemas que constituem a estrutura do verbo no tempo em análise, quer as regras fonológicas decorrentes de processos morfológicos de acordo com as condições criadas na afixação dos morfemas em causa a outros.

O estudo é relevante na medida em que, por um lado, procura testar a validade de alguns modelos teóricos para explicar a gramática que os falantes da língua usam para dar forma às variações alomórficas em questão e, por outro lado, constitui um contributo para o enriquecimento do acervo bibliográfico em termos de material descritivo com base no qual outros estudos poderão ser feitos.

1.8 Organização do trabalho

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos, a saber: **I. Introdução** onde, para além de se fazer a apresentação do tema, de algumas considerações e os estudos anteriores sobre Emakhuwa, bem como a identificação do problema e definição dos objectivos da pesquisa, se faz ainda a formulação do problema e das hipóteses, assim como se apresenta a justificativa e a delimitação do estudo, sem deixar de lado a sua organização; **II. Metodologia de investigação**, que descreve os procedimentos usados no processo de recolha, tratamento e de análise dos dados e apresenta o perfil sociolinguístico dos informantes (consultores linguísticos); **III. Revisão da literatura**, onde se passa em revista os estudos anteriores sobre a língua, o tópico em discussão, bem como os conceitos operatórios da nossa pesquisa, para além de se descrever a teoria que conduz a nossa análise de dados; **IV. Análise fonológica da estrutura verbal do passado recente em**

Emakhuwa, onde se faz a descrição e interpretação dos dados recolhidos e; **V. Conclusões e recomendações**, onde, em função dos dados analisados, se apresentam as considerações finais da nossa pesquisa e as recomendações para pesquisas futuras.

A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos e os pressupostos teóricos inerentes às técnicas usadas na recolha, tratamento e análise dos dados da nossa pesquisa, assim como a caracterização dos consultores linguísticos.

CAPÍTULO II: METOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente capítulo apresenta os métodos usados na obtenção, tratamento e análise de dados, assim como a discussão teórica desses métodos, para além da caracterização dos consultores linguísticos.

O capítulo começa por apresentar os métodos de recolha de dados usados na presente pesquisa os conceitos teóricos a eles relacionados. Depois faz a caracterização dos verbos que constituem o *corpus* de análise, bem como os critérios de selecção e os procedimentos da sua análise. Por fim, caracteriza os informantes que foram instrumentais no fornecimento dos dados da língua analisados neste estudo.

2.1 Métodos de recolha de dados

Em termos metodológicos, e sabendo que o foco de nossa análise é a morfofonologia da estrutura verbal do passado recente em Emakhuwa, na recolha de dados, usamos vários métodos, entre eles, o filológico ou de pesquisa bibliográfica, de entrevista e o da introspecção, como a seguir se descrevem:

a) O **método filológico** ou **de pesquisa bibliográfica**, que consistiu no levantamento de informação e de dados a partir de material escrito disponível sobre a língua em estudo (PRATA 1960, 1990; DE MATOS 1982; NELIMO 1989; VICTORINO 1995; AFIDO 1997; SITO E & NGUNGA 2000; CENTIS 2000; CHIMUZU (2002); NGUNGA & VICTORINO 2002; KROGER 2003; BERNARDO 2009a, 2009b; NGUNGA & FAQUIR 2011; e outros), como também buscou informações importantes sobre a fonologia e a morfologia do verbo através de estudos de outras línguas (ODDEN 1996; MATEUS et al 1989; NGUNGA 2000, 2014; LANGA 2013; LIPHOLA 2001, 2015; NHANTUMBO 2015; entre outros), pois ele é um método que consiste em consultas de um conjunto de informação documental relevante sobre o assunto em análise, tendo em conta aspectos que corroboram os diferentes pontos de vista e as dissemelhanças existentes na abordagem do tema de pesquisa (MARCONI & LAKATOS 2008, NHANTUMBO 2015);

b) **O método de entrevista**, que consistiu na aplicação de um rol de perguntas previamente elaboradas aos consultores linguísticos e ainda no estabelecimento de diálogos entre os consultores linguísticos e o entrevistador durante os quais discutiram assuntos relevantes visando à recolha de subsídios sobre as questões levantadas (anexo 1). Assim, neste trabalho, usou-se especificamente o método de entrevista semi-estruturada, aquele que é definido como sendo uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado baseada em um questionário previamente elaborado e que, ao longo da entrevista, é permitida a possibilidade de se fazerem outras perguntas, além das previamente elaboradas de modo a obter esclarecimentos adicionais sobre as matérias que se pretende investigar (BELL 1997; APPOLINÁRIO 2004; NHANTUMBO 2015) e;

c) **O método da introspecção**, que consistiu no recurso intuitivo ao conhecimento que o investigador tem da língua. Aliás, este método é definido como um instrumento de recolha e de análise de dados que consiste no recurso intuitivo ao conhecimento que o investigador tem da língua (LANGA 2008). Assim, visto que o investigador da presente pesquisa é falante fluente de Emakhuwa, e porque ele usou o seu conhecimento da língua, não só para recolher os subsídios linguísticos, mas também para analisar os dados, então o método da introspecção foi também preponderante e presente no presente estudo.

2.2 **Seleção, tratamento e análise do corpus**

O corpus analisado na presente dissertação foi constituído por cem verbos, entre transitivos e intransitivos extraídos do *Dicionário Macua - Português* (PRATA 1990), do *Método Macua* (CENTIS 2000) e ainda de estudos teórico-descritivos (NGUNGA & VICTORINO 2002; BERNARDO 2009a). A seleção dos verbos foi feita com base na natureza das estruturas internas de suas raízes (anexo 3).

A escolha de verbos de raízes com estruturas internas diferentes deve-se ao facto de, nas línguas bantu, a estrutura do radical afectar o processo de introdução de outros materiais morfológicos (SITOE 1986, NGUNGA & VICTORINO 2002, NGUNGA 2014).

Os verbos seleccionados foram traduzidos para português e inseridos em frases em forma de um questionário elaborado também em língua portuguesa. Os verbos das frases do questionário foram conjugados, segundo a gramática tradicional da língua portuguesa, no pretérito perfeito do indicativo, na primeira pessoa gramatical quer na forma afirmativa quer na forma negativa. Entretanto, independentemente da estrutura argumental do verbo, as frases elaboradas apresentam sempre um complemento, visando a responder a percepção introspectiva segundo a qual, algumas formas do passado recente em Emakhuwa só se realizam quando o verbo é seguido de algum complemento, seja este subcategorizado ou não pelo próprio verbo, daí a razão da diversificação nas frases entre os verbos transitivos e não transitivos.

Por conseguinte, os dados das entrevistas foram gravados em áudio digital e depois transcritos com base no sistema do Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

Organizados de acordo com a natureza da estrutura interna de suas raízes, e à luz dos modelos teóricos discutidos, os verbos conjugados no passado recente são analisados testando-se, na forma afirmativa, a marcação do tempo em questão, primeiro, através de prefixo, depois através de sufixo, por fim, através as formas de imbricação. Em seguida, examinam-se as formas negativas dos verbos analisados.

Visto que a estrutura do verbo é o objecto de análise da presente pesquisa, o capítulo de análise de dados apresenta somente as formas verbais, estas reescritas em três formatos: (i) o da ortografia da língua, de acordo com a padronização em vigor (NGUNGA & FAQUIR 2011); (ii) o fonêmico, fonológico, de base, subjacente ou de estrutura profunda (EP), apresentado entre barras oblíquas “/ /”; e (iii) o fonético ou de estrutura de superfície (ES), apresentado entre parêntesis rectos “[]”. Neste sentido, as frases onde tais formas verbais se encontram inseridas em frase encontram-se no anexo 2.

2.3 Perfil dos consultores linguísticos

A recolha de dados baseou-se em seis falantes nativos de Emakhuwa e também fluentes na língua portuguesa de idades compreendidas entre 17 e 40 anos, entre os quais, quatro residentes em Nampula e dois residentes em Maputo.

Para a entrevista, o factor sexo não se considerou como relevante, visto que, segundo Afido (1997), “o discurso de um falante nativo adulto com competência linguística apropriada pode servir de base de análise independentemente do sexo” (AFIDO 1997:29).

Feita a apresentação e a descrição dos métodos usados na recolha, no tratamento e na análise do corpus, e ainda tendo-se caracterizado os informantes linguísticos, a seguir, vamos apresentar os pressupostos teóricos que conduziram a nossa pesquisa.

CAPÍTULO III: REVISÃO DA LITERATURA

O presente capítulo procura apresentar e descrever os conceitos teóricos que conduziram a nossa pesquisa.

Tendo em vista os pressupostos que definiram o tema e os objectivos traçados, destacam-se fonologia, regras fonológicas, elisão, assimilação, imbricação, morfologia, morfemas, tempo, morfologia verbal, morfofonologia, como alguns de entre vários conceitos operatórios que merecem menção neste estudo.

3.1 Fonologia

A fonologia é uma área da Linguística que estuda os sons que participam no sistema da fala. Contudo, o estudo dos sons de fala não é exclusivo à fonologia, visto que a fonética é igualmente uma área da Linguística que estuda o mesmo objecto. Porém, para Ngunga (2002, 2014), estas duas ciências distinguem-se uma da outra pelo facto de a fonética estudar os sons da fala sob ponto de vista físico, sem se importar com a sua função na comunicação, ao passo que a fonologia estuda os sistemas de sons da fala, sua estrutura e sua função na língua.

No mesmo prisma, Hyman (1975) refere que a fonologia tem sido definida como sendo o estudo dos sistemas de sons, isto é, o estudo de como os sons da fala se estruturam e funcionam na língua, enquanto Katamba (1989) define a fonologia como sendo o ramo da Linguística que investiga os meios pelos quais os sons da fala são usados sistematicamente para formar palavras e enunciados. Segundo este último autor, para se entender a fonologia é importante que se tenha a noção dos conceitos básicos da fonética que também é o estudo dos sons da fala, mas, desta feita, como fenómenos físicos (sua produção, percepção, transmissão bem como suas características físicas).

Por sua vez, Weiss (1988) refere que a fonologia ou fonêmica estuda a função dos segmentos e das unidades de sons de uma determinada língua, tendo o fonema como a unidade mínima. Weiss (op. cit.) sustenta ainda que a fonologia analisa, deste modo, a função de cada som e das unidades de sons, como também as regras do sistema de sons dessa língua.

Os autores aqui citados convergem ao admitirem que a fonologia estuda a função dos sons e a forma como eles se estruturam para formar sistemas dentro de uma determinada língua, enquanto a fonética se preocupa em estudar o som da fala a nível da sua produção, percepção, transmissão e suas propriedades físicas, sem se importar com o seu valor na significação das palavras. Assim, aponta-se o fonema como sendo a unidade básica do estudo da fonologia e o fone como unidade mínima de estudo da fonética.

Hyman (1975) define o fonema como sendo a unidade mínima de som capaz de distinguir palavras de diferentes significados. No entender deste autor, o fonema é um som significativamente distintivo numa determinada língua. Em contrapartida, o fone é definido como sendo “a realização concreta de um fonema em determinados contextos sem contribuir para distinguir o significado de palavras” (NGUNGA 2014:68).

Neste sentido, o fone é visto como sendo a forma real de concretização de um fonema.

Contudo, como refere Bernardo (2009a), o fonema pode ter diversas realizações dependendo da aplicação de regras fonológicas da língua. Tendo em conta esta percepção, o fonema é também definido, de acordo com Katamba (1989), como sendo uma família de sons do mesmo ponto de vista funcional, onde os membros da família são vários sons fisicamente distintos, mas que se contam como realizações de um mesmo fonema. Tais sons são chamados *alofones* ou *variantes* desse fonema.

3.1.1 Aspectos preliminares da fonologia de Emakhuwa

A seguir, apresenta-se o inventário fonético de Emakhuwa, bem como algumas regras que governam o sistema de sons desta língua.

3.1.1.1 O sistema de vogais

As vogais são sons em cuja produção a corrente de ar não sofre qualquer tipo de obstrução ao longo de todo o tracto vocal (HAYES 2009; NGUNGA 2002, 2014). O termo *tracto vocal*, segundo Hayes (2009), “designa toda a porção da anatomia humana através da qual o ar segue em curso na produção do som da fala” (HAYES 2009:2).

Hayes (2009) acrescenta também que na produção das vogais, o ar sofre modificações através de (i) arredondamento dos lábios, (ii) abertura do maxilar ou subida e descida do corpo da língua e (iii) avanço ou recuo do corpo da língua.

Na mesma percepção, Hyman (1975) refere que, segundo a reformulação jackobsoniana, as vogais são segmentos que não são especificados [+cons, -sil].

Assim, de acordo com NELIMO (1989), Siteo & Ngunga (2000) e Ngunga & Faquir (2011), em Emakhuwa registam-se fonologicamente dez vogais básicas, cinco breves e cinco longas, conforme se pode observar no quadro abaixo:

Descrição	Breve	Longa
Vogal alta anterior	/ i /	/ i : /
Vogal média anterior	/ e /	/ e : /
Vogal central baixa	/ a /	/ a : /
Vogal média posterior	/ o /	/ o : /
Vogal alta posterior	/ u /	/ u : /

Quadro 1: Vogais básicas de Emakhuwa.

3.1.1.2 Regras fonológicas relacionadas a vogais

Como nos referimos anteriormente, um fonema pode ter diversas realizações que dependem do contexto de sua ocorrência e da aplicação de regras fonológicas da língua. Neste sentido, Cipollone et al (1998) definem as regras fonológicas como sendo processos nos quais ocorrem ajustes na articulação dos sons, sendo os mais comuns a assimilação, dissimilação, inserção e o apagamento. No mesmo âmbito de estudo, Kindell (1981) refere que existem quatro processos fonológicos (i) assimilação e dissimilação, (ii) diminuição e aumento, (iii) metátese e (iv) reduplicação. Kindell (op. cit.) sustenta ainda que os processos fonológicos que se operam para determinar alteração morfofonêmica são os mesmos que se operam na variação entre alofones de fonemas em distribuição complementar.

Assim, pode-se apontar elisão, semivocalização, assimilação como algumas das regras fonológicas destacáveis que nos permitem facilmente compreender a variação alomórfica do passado recente em Emakhuwa.

Entende-se como **elisão** o processo fonológico que consiste na eliminação de um segmento ou suprasegmento em determinadas situações fonológicas (CIPOLLONE et al 1998), enquanto a **semivocalização** é vista como um processo fonológico que consiste em tornar um som vocálico ou consonântico em semivogal (ODDEN 1996; LIPHOLA 2001; NGUNGA 2002). Entretanto, a **assimilação** refere-se a uma situação em que um som se torna semelhante ao outro som (CIPOLLONE et al 1998).

Outro processo fonológico que acontece em vogais, sobretudo as de prefixos de classes nominais de Emakhuwa, é o **abaixamento**. De acordo com a reconstituição de Guthrie (1967), os prefixos das classes nominais 7, 8, 14, 15 e 17 do Proto-Bantu (PB) são marcados, respectivamente, por /ki-/ , /bɿ-/ , /bu-/ , /ku-/ e /ku-/. Contudo, com a evolução fonética, Emakhuwa perdeu as consoantes iniciais desses prefixos. Conseqüentemente, as vogais constituintes dos prefixos em causa passam a ocupar a posição inicial e, em seguida, sofreram o abaixamento, resultando em [e-], [i-], [o-], [o-] e [o-], respectivamente.

Não obstante, em relação ao prefixo da classe 15, há que acautelar que a perda de /b/ em Emakhuwa, consoante inicial do prefixo /bu-/ do PB, faz realmente com que a vogal remanescente /u-/ ocupe a posição inicial. Entretanto, dependendo do contexto fonológico, esta vogal, por um lado, sofre abaixamento, por outro lado, sofre o processo de semivocalização. Assim, dá-se lugar ao **abaixamento** quando ela se afixa a um tema verbal que tem consoante na posição inicial, tornando-se [o-]; porém, ocorre a **semivocalização** quando ela se afixa a um tema verbal que tem vogal em posição inicial, tomando, assim, a forma [w-].

Em jeito de conclusão, o contacto de uma vogal com outra provoca hiatos que a língua não tolera. Neste sentido, a adjacência de vogais é eliminada através de certos processos fonológicos que visam resolver os hiatos.

Odden (1996) e Ngunga (2002) referem que, em várias línguas naturais, a labialização, palatalização, fusão, semivocalização, inserção, elisão ou assimilação são alguns dos processos de resolução de hiatos. Nessa percepção, Ngunga (2002) refere também o seguinte:

Às vezes, nem a semivocalização nem a fusão são possíveis quando duas vogais estão em sequência por imperativos morfológicos ou por imperativos sintáticos. Mas como alguma operação tem de acontecer para evitar a sequência de duas vogais, dá-se a assimilação de todas as características de uma das vogais pela outra, o que se resume em elisão (NGUNGA 2002:27).

Portanto, cada resolução de hiatos pode ser seguida pela regra de alongamento compensatório. Aliás, Kisseberth & Odden (2003), analisando a fonologia segmental de Emakhuwa, concluem que esta língua exhibe um sistema de cinco vogais, distinguindo-se entre versões monomóricas [i, e, a, o, u] e bimóricas [i:, e:, a:, o:, u:]. As vogais bimóricas podem ser subjacentes ou derivadas a partir de uma justaposição de vogais.

Assim como percebe Ngunga (2002) sobre o alongamento compensatório de vogais em Yao, pode-se também concluir que a regra do alongamento compensatório em Emakhuwa, dada a obrigatoriedade da sua aplicação, por conveniência, pode considerar-se uma regra complementar.

3.1.1.3 O sistema de consoantes

Segundo Hayes (2009), as vogais diferem das consoantes pelo facto de as primeiras não possuírem lugares de articulação, isto é, pontos de grande constrição no tracto vocal, enquanto as últimas podem ser classificadas através de três dimensões, a saber (i) vozeamento, (ii) ponto de articulação e (iii) modo de articulação.

Por outro lado, Hyman (1975) afirma que, segundo a reformulação jackobsoniana, uma consoante é um segmento que é especificado [+cons, -sil]. Hyman (op. cit.) acrescenta também que, para Jakobson, qualquer segmento que é [+cons] ou [-sil] qualifica-se como uma consoante. Assim, as consoantes, segundo a teoria jackobsoniana, distinguem-se em três tipos, que são: verdadeiramente consoantes [+cons, -sil]; líquidas [+cons, +sil] e as semiconsoantes [-cons, -sil] (HYMAN 1975).

Com base na matriz de consoantes apresentadas em NELIMO (1989), Siteo & Ngunga (2000) e harmonizada em Ngunga & Faquir (2011), e seguindo a teoria aludida por Hyman (ibidem), podemos afirmar que Emakhuwa tem vinte e uma consoantes subjacentes (fonémicas), como se ilustra no quadro a seguir:

Grafema	Descrição fonética	AFI	Grafema	Descrição fonética	AFI
c	Oclusiva palatal não vozeada	/c/	r	Vibrante alveolar vozeada	/r/
h	Fricativa glotal vozeada	/h/	s	Fricativa alveolar não voeada	/s/
k	Oclusiva velar não vozeada	/k/	x	Fricativa alveo-palatal não vozeada	/ʃ/
kh	Oclusiva velar não vozeada aspirada	/k ^h /	t	Oclusiva alveolar não vozeada	/t/
l	Lateral alveolar vozeada	/l/	th	Oclusiva alveolar não vozeada aspirada	/t ^h /
ly	Lateral Palatal vozeada	/ɫ/	tt	Oclusiva retroflexa não vozeada	/ʈ/
m	Nasal bilabial vozeada	/m/	tth	Oclusiva retroflexa não vozeada aspirada	/ʈ ^h /
n	Nasal alveolar vozeada	/n/	v	Fricativa lábio-dental vozeada	/v/
ny	Nasal palatal vozeada	/ɲ/	w	Semiconsoante lábio-velar vozeada	/w/
p	Oclusiva bilabial não vozeada	/p/	y	Semiconsoante palatal vozeada	/j/
ph	Oclusiva bilabial não vozeada aspirada	/p ^h /			

Quadro 2: Consoantes subjacentes de Emakhuwa.

3.1.1.4 Regras fonológicas relacionadas a consoantes

Algumas das consoantes de Emakhuwa podem sofrer modificações. Como refere Ngunga (2002), descrevendo a língua yao, uma consoante pode sofrer, pelo menos, uma modificação através de processos tais como pré-nasalização, labialização e/ou velarização, palatalização.

Considera-se uma consoante pré-nasalizada quando for precedida de uma nasal breve do mesmo ponto de articulação e geralmente da mesma sonoridade (WEISS, 1988:41).

Segundo Ngunga (2002), a pré-nasalização pode ser como resultado de processos fonológicos. Neste sentido, a assimilação pode ser um dos casos. Assim, Weiss (1988), Katamba (1989), Liphola (2001), Ngunga (2002) e Kisseberth & Odden (2003) defendem

que no processo de pré-nasalização, geralmente, a nasal assimila o lugar de articulação da consoante seguinte.

Entretanto, Kisseberth & Odden (2003) afirmam que, em Emakhuwa, as consoantes nasais móricas ocorrem na posição antes de uma outra consoante. Estes autores referem também que, na posição inicial da palavra, as nasais móricas podem ser consideradas núcleos silábicos. Portanto, mediante esta percepção, e tendo em conta o conceito de pré-nasalização de consoantes apresentado por Weiss (1988), pode-se afirmar que em Emakhuwa não há registo de consoantes pré-nasalizadas, pese embora as nasais móricas assimilem o ponto de articulação da consoante seguinte.

Um outro traço comum das línguas bantu é ainda a possibilidade de existir uma sequência das consoantes com as semivogais (LIPHOLA 2001). Neste processo, a produção das consoantes, tanto nasais como orais, pode ser feita com um ligeiro arredondamento dos lábios e/ou uma ligeira velarização (NGUNGA 2002). Chamar-se-á *labialização*, de acordo com Katamba (1989), ao processo em que as consoantes em causa forem não-labiais, ou *velarização*, se as consoantes em causa forem labiais.

Assim, na língua makhuwa, ocorre tanto a aspiração assim como a palatalização de consoantes. Enquanto a aspiração em Emakhuwa é, no geral, de consoantes oclusivas, a palatalização pode ocorrer em quase todo tipo de consoantes.

Schadeberg (1999) refere que Katupha (1983), estudando a variante Esaaka, identifica restrições na ocorrência de consoantes aspiradas em Emakhuwa. Tais restrições, às quais Schadeberg (1999) designou por *Lei de Katupha*, ditam que existam sequências como **-asp... -asp...**, **-asp... +asp...** e **+asp... -asp...** e não **+asp... +asp...** dentro do lexema, embora o **kha-**, morfema de negação, possa preceder livremente a um tema verbal contendo uma consoante aspirada. Nessa percepção, Schadeberg (ibidem) conclui que a restrição em causa se mantém dentro do tema, isto é, ela aplica-se ao tema inteiro e não às sílabas adjacentes.

Assim, Kisseberth & Odden (2003), interpretando a reformulação de Schadeberg (1999), afirmam que, embora Emakhuwa contraste oclusivas não vozeadas aspiradas com não aspiradas, um tema só pode conter no máximo uma oclusiva aspirada. Todavia, pode-se ter temas com uma ou mais oclusivas não aspiradas, ou ainda, uma aspirada e qualquer número de oclusivas não aspiradas.

Outros aspectos fonológicos não menos importantes dizem respeito à sílaba e ao tom. A este respeito, Ngunga (2014) refere o seguinte:

Sílaba pode ser definida como unidade de som situada ao nível imediatamente superior ao fonema. Diz-se que ela é um suprasegmento porque se situa ‘acima’ do segmento, na medida em que ela pode abranger mais do que um segmento. Embora universalmente se reconheça uma certa estrutura de sílaba, as diferentes línguas ‘escolhem’ a forma específica da sua sílaba que é adequada à organização do seu sistema fonológico. Em termos universais, há também várias propostas de estruturas de sílaba apresentadas por diferentes estudiosos (NGUNGA 2014:90, citando WIESEMANN et al 1983).

Hyman (1975), Langa (2013) e Ngunga (2014) referem também que a estrutura básica da sílaba nas línguas bantu é constituída por um ataque e uma rima. O ataque pode ser qualquer consoante ou qualquer segmento com o traço [-sil], enquanto a rima é constituída apenas pelo núcleo. Assim, para Ngunga (2014), a estrutura básica da sílaba nas línguas bantu pode abreviar-se informalmente sob a forma de CV(V). A sílaba básica das línguas bantu é constituída desta forma com a hipótese de o núcleo, principalmente a vogal, poder ser leve, breve ou monomórica, ou então pesada, longa ou bimórica. Hyman (1975), porém, usa o conceito de mora (peso fonológico) para explicar que o núcleo da sílaba pode ser leve ou pesado, conforme seja preenchido por uma vogal breve ou longa, respectivamente. Nesta base de perceção, Kisseberth & Odden (2003) concluem que as sílabas em Emakhuwa têm geralmente a forma C(G)V(V), onde as sílabas com núcleos VV envolvem geralmente vogais idênticas.

Além do contraste de significados das palavras através de segmentos ou ainda da duração vocálica, e apesar de não se tomar com maior consideração em vários estudos, Bernardo (2009a) refere também que em algumas variantes de Emakhuwa, como Exirima, por exemplo, se verifica ainda o contraste de significados de palavras através do tom. Mas para o nosso estudo, este suprasegmento não será levado muito em consideração, muito menos será representado nos dados analisados, uma vez que a variante em estudo apresenta poucas marcas tonais, encontradas especificamente em nomes, para além de que o sistema de ortografia vigente da língua em análise ainda não tem a sua representação padronizada.

Feita a abordagem sobre a fonologia, a seguir vamos discutir aspectos relacionados à morfologia.

3.2 Morfologia

De acordo com Liphola (2015), a morfologia pode ser definida, metaforicamente, como o estudo de blocos de construção do significado na língua. Ela procura perceber como as línguas formam as palavras e como as línguas indicam as relações gramaticais entre as palavras. No entender deste autor, o conhecimento de estrutura da palavra tem a ver com o conhecimento da estrutura do som e com o conhecimento da estrutura da frase. Este conhecimento faz parte do que o falante deve saber para ser considerado falante nativo da língua. Tendo em conta essa percepção, este autor resume o seu pensamento da seguinte forma:

Pode-se, então, definir a morfologia como a disciplina da teoria linguística que estuda o conhecimento do falante sobre a estrutura interna da palavra que em muitos aspectos deve ser explicado da mesma maneira que a teoria linguística caracteriza o conhecimento de padrões fonológicos ou o conhecimento das estruturas sintáticas (LIPHOLA 2015:9).

Por seu turno, Bernardo (2009a), citando Gleason Jr (1961), Bauer (1988) e Ngunga (2004), refere que a morfologia é entendida como sendo o estudo das palavras e da sua estrutura, isto é, estudo dos morfemas, das regras que regem a sua combinação na formação da palavra, bem como a sua função no sintagma e na frase.

Azuaga (1996) refere que a morfologia analisa as formas das palavras, ou melhor, as alterações sistemáticas na forma destas unidades. Ela é uma disciplina linguística que tem a palavra por objecto, e que estuda, por um lado, a sua estrutura interna, a organização dos seus constituintes e, por outro, o modo como essa estrutura reflecte a relação com outras palavras, que parecem estar associadas a ela de maneira especial. Nesse estudo, segundo a mesma autora, inclui-se a análise das unidades que são usadas nas alterações sofridas, como, por exemplo, afixos flexionais e afixos derivacionais, bem como as regras que são postuladas para dar conta dessas alterações. Assim, seguindo o seu raciocínio, esta

autora afirma que se uma palavra pode ser analisada internamente por constituintes, isto significa que ela pode também ser internamente complexa. Ao tentar analisar, quer as palavras simples quer as complexas, em termos de seus constituintes, pode-se considerar que se trata também de associações particulares de som e sentido.

Como se pode perceber, os autores aqui citados convergem ao considerar a morfologia como uma área de estudo da estrutura da palavra e da sua relação com outros elementos com os quais é usada, assumindo a palavra não apenas como um bloco, mas também como uma combinação estruturada de unidades menores, igualmente portadoras de sentido, que se designam morfemas.

Por outro lado, Bauer (1988) define o morfema como sendo a unidade gramatical menor ou a menor unidade da língua com significado, enquanto Gleason Jr (1961) considera o morfema como sendo a unidade do plano da expressão da linguagem que entra em relação com o nível do conteúdo. Este último autor ainda acrescenta que o morfema tem significado.

Azuaga (1996), citando Bloomfield (1933), define o morfema como sendo, por um lado, uma combinação de sequências fonológicas e, por outro, uma unidade de sentido, ou seja, uma forma linguística que não apresenta semelhanças fonético-semânticas com qualquer outra forma.

Ngunga (2014), por sua vez, refere que o morfema, objecto de estudo da morfologia, é a menor unidade da língua portadora de sentido (lexical ou gramatical), na hierarquia da palavra. No entender deste autor, os morfemas que se afixam aos núcleos, aqueles que não podem ocorrer senão na condição de estarem ligados a outro(s), são chamados **presos** e aqueles aos quais os presos são afixados são chamados **livres**. Contudo, este mesmo autor salienta ainda que, como em todas as situações, a liberdade dos morfemas que constituem núcleos das palavras é sempre relativa, uma vez que, apesar de haver morfemas que são palavras, há outros que não o são. Estes só podem aparecer na frase quando outros morfemas estão ligados a ele.

Liphola (2015) conclui que os morfemas que são igualmente palavras são chamados de **morfemas livres** (independentes), porque podem ocorrer isoladamente. Além de morfemas livres, existem **morfemas presos**. Estes nunca aparecem como palavras de

forma isolada, mas são sempre associados a outros morfemas. Liphola (op. cit.) afirma também que um aspecto importante a notar tem a ver com o facto de em cada palavra existir, pelo menos, um morfema livre. Quando uma palavra é composta por um morfema livre e um número variado de morfemas presos, ela designa-se de palavra morfologicamente complexa.

Todavia, apesar de parecerem divergentes nas suas abordagens, pode-se deprender que Ngunga (2014) e Liphola (2015) convergem ao incorporarem no conjunto dos morfemas livres também aqueles que constituem núcleos das palavras, mesmo quando eles só podem ocorrer na frase ligados a outros morfemas.

A este respeito, Ngunga (2014) refere ainda o seguinte:

Os morfemas livres são também chamados lexicais visto residir neles a informação lexical da palavra, e os presos são chamados morfemas gramaticais porque se usam para marcar tempo, aspecto, sujeitos, objecto, número, classe, etc. Estes morfemas, os gramaticais, também se chamam **afixos** (NGUNGA 2014:116-117).

Por conseguinte, Azuaga (1996) define o afixo como um morfema que ocorre apenas quando concatenado com outro morfema ou morfemas. Por definição, no entender da mesma autora, um afixo é, portanto, morfema preso.

Os afixos que, no entanto, podem ser prefixos, infixos e sufixos, às vezes, circunfixos, interfixos e transfixos são definidos como “morfemas obrigatoriamente fronteiras que não se realizam como um lexema” (BAUER 1988:237), este que é definido como “uma unidade abstracta do vocabulário” (BAUER 1988:246).

Entretanto, tendo em conta a relação entre os morfemas, Ngunga (2014) afirma que eles podem ser raízes, prefixos, sufixos, infixos, suprafixos e reduplicativos, dependendo do tipo de informação que transportam, da sua função e da sua localização na palavra. Na percepção deste autor, as **raízes** constituem o núcleo ou a parte invariável da palavra, enquanto os **prefixos** são os morfemas presos que se colocam antes da raiz e os **sufixos** são morfemas presos que ocorrem depois da raiz. Os **infixos** ocorrem no interior da raiz,

enquanto os **suprafixos** são morfemas suprasegmentais que se acrescentam ao radical ou ao tema. Portanto, a **reduplicação** consiste na repetição do tema ou uma parte dele, o que gera uma estrutura composta reduplicada.

Petter (2003) conclui que os afixos são os morfemas que se adicionam à raiz, e a afixação é o processo. Esta autora acrescenta ainda que, dependendo da posição dos afixos em relação à base, podemos ter cinco tipos: (i) sufixos, que ocorrem depois da base; (ii) prefixos, que ocorrem antes da base; (iii) infixos, que ocorrem dentro da base; (iv) circumfixos, que são afixos descontínuos que enquadram a base e; (v) transfixos, que são descontínuos e actuam numa base descontínua. E ainda faz menção da reduplicação que, segundo ela, é um tipo especial de afixação que repete fonemas da base com ou sem modificações.

Neste sentido, podemos perceber que os autores aqui citados convergem ao considerarem o afixo como um morfema preso, uma vez que ele é assumido por todos como sendo um morfema que se associa à raiz, base ou ao radical para formar palavras.

Entretanto, a palavra morfologicamente complexa (polimórfica), segundo Liphola (2015), contém um morfema central com o significado básico e um conjunto de outros morfemas que servem para alterar o significado do morfema central. Ao morfema central dá-se o nome de **raiz** ou **base**.

Aliás, no mesmo diapasão, analisando a língua portuguesa, Azuaga (1996) afirma que qualquer unidade à qual um afixo pode ser aliado tem o nome de **base**. Esta autora acrescenta também que os afixos juntos a uma base podem ser, portanto, flexionais, se seleccionados por razões sintácticas, ou derivacionais, se alteram o sentido ou a função gramatical da **base**. Uma **raiz** pode ser uma **base** na medida em que é possível juntar-lhe o sufixo flexional ou um afixo derivacional.

Portanto, parece comum, entre Azuaga (1996), Petter (2003) e Liphola (2015), usar-se o termo **base** para se referir à parte de uma palavra à qual se aplica uma operação, como a junção de um afixo. Aliás, como afirma Petter (2003), a **base** pode corresponder a (i) um radical simples, constituído por um único morfema; (ii) um radical complexo, constituído por mais do que um morfema; e a (iii) um tema, que inclui um radical e um índice temático. Assim, o presente estudo segue esta mesma percepção.

Outro conceito relacionado à morfologia é **raiz**. Bauer (1988) define **raiz** como sendo a parte da palavra que se mantém inalterada quando todos os afixos flexionais e derivacionais forem retirados.

Por seu turno, Ngunga (2014), citando Xavier e Mateus (1992), define a **raiz** como sendo o constituinte da palavra que contém o significado básico e não inclui afixos derivacionais ou flexionais. Este autor afirma ainda que a raiz pode ser verbal, nominal, ideofónica ou outra, de acordo com a categoria gramatical a que pertence a palavra de que é núcleo.

Na mesma linha de pensamento, Ngunga (2014) e Liphola (2015), aludem o termo **tema** para se referir à parte da palavra desprovida de prefixos, mas incluindo os sufixos. Ngunga (2014), acrescenta ainda que a natureza da categoria gramatical da palavra a que o tema pertence indica se se trata de tema verbal (de verbo), nominal (de nome), ideofónico (de ideofone), etc. Os autores citados neste parágrafo fazem ainda as distinções entre **tema** e **macrotema**. Assim, “o macrotema inclui, para além do tema, os prefixos de objecto que, geralmente, em línguas bantu aparecem à esquerda da raiz, mas à direita dos prefixos do sujeito” (LIPHOLA 2015:12).

3.2.1 Morfologia verbal

Como nos referimos anteriormente, apoiando-nos em Canonici (1991), Dacala (1994) e Ngunga (2014), só para citar alguns, um dos aspectos que caracteriza as línguas bantu, grupo do qual faz parte Emakhuwa, é o facto de elas serem aglutinantes. Aliás, como refere Dacala (1994), as línguas bantu pertencem ao grupo das línguas aglutinantes dentro das quais a palavra é geralmente formada de morfemas presos a outros que constituem os núcleos das palavras.

Como refere Ngunga (2014), neste grupo de línguas, o verbo conjugado traz consigo as marcas do sujeito sobre o qual se faz a afirmação, o tempo em que o fenómeno tem lugar, o número dos sujeitos sobre os quais se faz a afirmação ou envolvidos na acção, etc., facto que faz com que a estrutura do verbo seja particularmente complexa, uma das verdadeiras razões por que estas línguas se chamam aglutinantes.

Meeussen (1967), para evidenciar o carácter aglutinante do verbo em línguas bantu, apresenta o seguinte quadro:

Pre-inic	Inic	Pos-inic	Form	Limit	Inf	Rad	Pré-fin	Fin	Pos-fin
Relativo indirecto /forma negativa absoluta	Prefixo verbal	Marca de negação	Marca de tempo	Modo/ Aspecto perfecti- vo	Marca de objecto	Raiz verbal	Marca de aspecto/ extensão verbal	Marca de tempo/ vogal final	Plural do impera- tivo

Quadro 3: Estrutura do verbo (MEEUSSEN 1967)

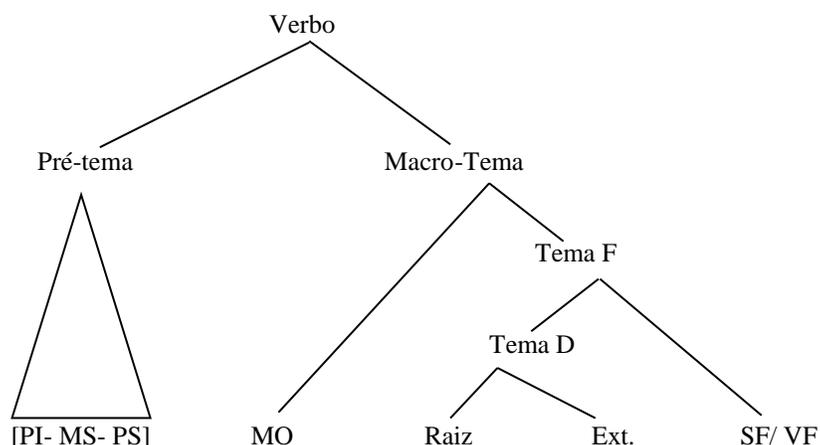
Onde: Pre-inic = Pré-inicial; Inic = Inicial; Pos-inic = Pós-inicial; Form = Formativo; Limit = Limitativo; Inf = Infixo; Rad = Radical; Pré-fin = Pré-final; Fin = Final; Pos-fin = Pós-final.

Inspirados em Meeussen (1967), vários estudos procuraram propor a estrutura verbal das línguas bantu. Entre eles, destaca-se a sistematização de Mutaka & Tamanji (2000), citada por Nhantumbo (2015), que se apresenta através do quadro 4, e a reformulação de Ngunga (2000:87) que é representada através do esquema 1, como se podem observar a seguir:

Pré- inicial	Inicial	Pós- inicial	Formativo	Pós- formativo	Infixo	Radical	Sufixo	Pré- final	Final	Pós- final
MN prefixo relativo	Prefixo verbal	MN	MT	MA	MO	RAIZ	Ext.	MA	MT	Imp.

Quadro 4: Estrutura do verbo em Bantu (MUTAKA e TAMANJI 2000, citado por NHANTUMBO 2015)

Onde: MN = marca de negação; MT = marca de tempo; MA = marca de aspecto; MO = marca de objecto.



Esquema 1: Estrutura do verbo nas línguas bantu (NGUNGA 2000)

Onde: Ext. = Extensão verbal; Tema F = tema flexionado; Tema D = tema derivado; PI = pré-inicial; MS = marca de sujeito; PS = pós-sujeito; SF = sufixo flexional ou VF = vogal final, também designada vogal terminal (VT).

O PI e o PS incluem as marcas de tempo, aspecto, modo, negação. Tendo em conta o esquema acima, pode-se concluir que, de um modo geral, o verbo é constituído por raiz e afixos.

Observando os fluxogramas anteriormente apresentados, pode-se constatar que os quadros de Meeussen (1967) e de Mutaka & Tamanji (2000) prevêm a MT na posição pré e pós-raiz/radical, enquanto o esquema de Ngunga (2000) apenas prevê a ocorrência da mesma na posição pré-raiz/radical.

Neste sentido, fazendo uma analogia prévia entre as reformulações da estrutura verbal das línguas bantu anteriormente apresentadas e o tempo em análise na presente pesquisa, a proposta apresentada por Mutaka & Tamanji (2000), citado por Nhantumbo (2015), parece ser aquela que melhor prevê as posições de ocorrência das marcas do passado recente em Emakhuwa. Por isso, tomámo-la como referência do nosso estudo.

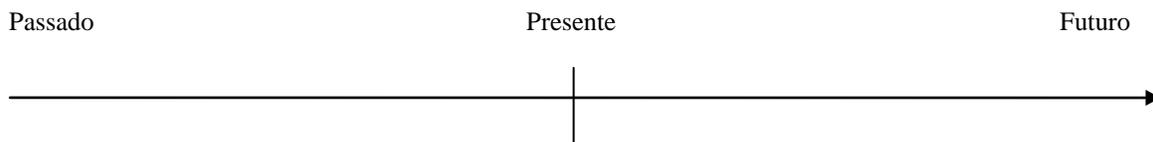
3.2.2 Tempo verbal

O tempo é definido, de acordo com Ngunga (2014), como um fenómeno que reflecte a cultura de um povo. Segundo este mesmo autor, “antes de ser um fenómeno real,

o tempo pode ser considerado como uma categoria filosófica, daí que, linguisticamente, ele pode ser expresso quer através de formas lexicais, quer através de morfemas afixados a formas verbais que representam a gramaticalização do tempo” (NGUNGA 2014:175).

Comrie (1985) refere que o tempo verbal relaciona o tempo da situação referida com o outro tempo, geralmente com o momento de enunciação. Este autor acrescenta ainda que os tempos comuns encontrados em muitas línguas, embora nem todas os distingam da mesma forma, são o presente, o passado e o futuro, em que a situação descrita no passado é temporalmente anterior ao momento da elocução; uma descrita no presente, como simultânea ao momento da enunciação e; uma descrita no futuro, como subsequente ao momento da elocução. Nesta sequência, porque o tempo verbal localiza o tempo da situação descrita, Comrie (op. cit.) sugere que possamos descrever o tempo como uma categoria deítica.

Na mesma linha de análise, Mateus et al (1989) referem que a categoria linguística de tempo exprime a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma. Tal como Comrie (1976), Mateus et al (1989) referem também que o passado, o presente e o futuro, exprimem, respectivamente, a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito relativamente ao intervalo de tempo em que ocorre a enunciação.



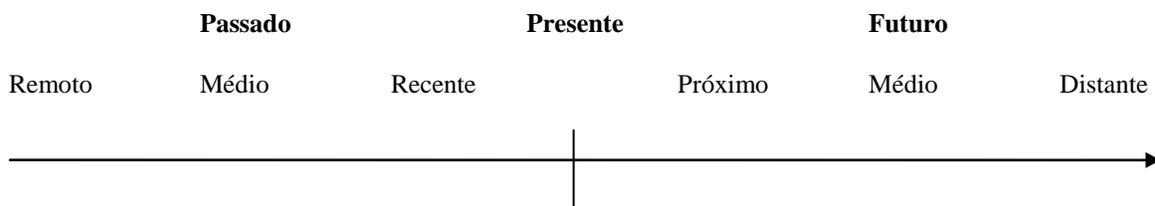
Esquema 2: Representação do tempo verbal na maioria das línguas do mundo

Segundo Ngunga (2014), o esquema 2 acima “reflecte o senso comum de representação mental do tempo que tem como referência básica o momento da fala (presente). Tudo o que refere ao momento anterior ao tempo da fala é passado e tudo o que refere ao momento posterior da fala é o futuro.”

Embora a existência de três tempos seja comum em muitas línguas do mundo, há àquelas que subdividem esses tempos, especificamente o passado e o futuro, em outros tempos.

Aliás, como sustenta Ngunga (2014), enquanto para algumas línguas o passado e o futuro são tempos básicos e podem ser entendidos como unidades integrais, para outras eles são apenas pontos de referência que servem para distinguir a sequência de acontecimentos ou factos em relação a outros que tenham tido lugar antes ou que não-de ter lugar depois, havendo espaço para no interior de cada tempo os factos poderem suceder-se uns aos outros, devendo, neste sentido, ser repartidos numa relação simétrica.

Ao observarmos o esquema 3 que se segue, podemos compreender que em Nyanja, uma das línguas bantu faladas em Moçambique, Malawi, Zâmbia e outras partes de África, para além de se fazer a subdivisão temporal em três tempos absolutos: passado, presente e futuro, o primeiro e o último são ainda repartidos em outros três:

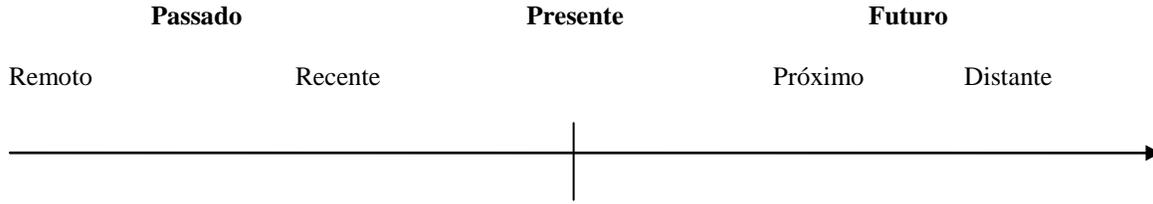


Esquema 3: Representação do tempo verbal em Cinyanja

Como se pode constatar, no esquema 3, a língua Nyanja subdivide o passado em remoto, médio e recente, enquanto o futuro em próximo, médio e distante.

3.2.2.1 Tempo verbal em Emakhuwa

Tal como muitas outras línguas bantu, Emakhuwa subdivide o tempo em passado, presente e futuro. Contudo, estes tempos absolutos, especificamente o passado e o futuro, são ainda repartidos em outros tempos, como recente e remoto, para o passado, e próximo e distante, para o caso do futuro:



Esquema 4: Representação do tempo verbal em Emakhuwa

De acordo com Bernardo (2009a), as várias divisões temporais em Emakhuwa são realizadas linguisticamente através de diferentes morfemas. Neste sentido, segundo o mesmo autor, o tempo verbal em Emakhuwa, na sua forma afirmativa, é marcado por morfemas como **-a-** (passado remoto); **-(h)o-** (passado recente); **-n-** (presente), **-no-** (futuro próximo) e **-nko-** (futuro distante).

A seguir, passamos a descrever a morfofonologia e alguns processos inerentes a ela.

3.3 Morfofonologia

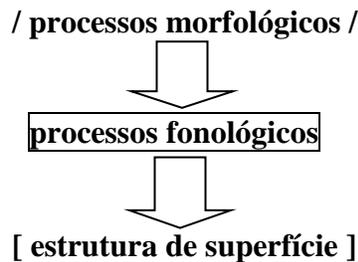
O processo de afixação de morfemas a outros para formar unidades comunicativas maiores nem sempre é feito de forma linear, visto que, como refere Ngunga (2015), alguns morfemas podem apresentar-se em formas irreconhecíveis ou através de fonemas que, por estarem na fronteira entre morfemas contíguos, mudam a sua forma original através de vários processos fonológicos. Essa situação mostra que, ao descrevermos os processos de aglutinação de alguns morfemas a outros, é necessário também tomarmos em conta os processos fonológicos deles decorrentes.

Assim, “ao estudo do processo de afixação dos morfemas a outros morfemas bem como dos processos fonológicos daí resultantes dá-se o nome de morfofonologia” (NGUNGA 2015:101, citando ANDERSON 1985).

Aliás, Cagliari (1997) refere também que quando uma forma básica lexical serve de motivação para uma regra fonológica, acontece um processo morfofonológico. Em outras palavras, as realizações sonoras que são determinadas não somente por oposições

fonológicas, mas também por factores morfológicos como, por exemplo, a forma básica lexical dos morfemas, devem ser consideradas processos morfológicos.

Neste sentido, pode deduzir-se que a afixação de morfemas para a formação de palavras acontece em etapas e cada uma delas está intrinsecamente ligada a regras fonológicas responsáveis pela forma fonética do processo morfológico. Esta relação entre a morfologia e a fonologia pode ser resumida da seguinte maneira:



Esquema 5: Relação entre processos morfológicos e fonológicos

Contudo, um dos processos linguísticos que pode ser considerado como morfológico é a **imbricação**.

A este respeito, Kawasha (2016) afirma o seguinte:

A imbricação é um padrão fonológico que ocorre em algumas línguas bantu. De acordo com este padrão, o sufixo do passado (recente ou remoto) é sobreposto e se funde com a raiz ou com a base verbal precedente. Dependendo da língua, ou o sufixo subdivide-se em duas partes, ou a raiz ou a base verbal perde a sua consoante final (KAWASHA 2016:193).

Chongo (2001), explicando o processo de imbricação em Bemba, refere que a particularidade do sufixo do passado decorre do facto de, além da afixação ao final da raiz ou da base verbal, ele poder também ser inserido dentro da base verbal, particularmente, de forma sistemática antes da última consoante da base.

Ngunga (1998), estudando a língua yao, considerou a inserção do morfema **-il-** (MT) entre a consoante final da base e a vogal precedente como também **imbricação**. Todavia, de acordo com este autor, a imbricação em Yao tem lugar quando a base tem duas

sílabas em que a última é breve, provocando, em seguida, coalescência de vogais, formação de *glides* e harmonia vocálica no local da imbricação. Ngunga (ibidem) adverte ainda que, em Yao, o processo de imbricação não ocorre em todas as bases verbais, uma vez que ela não acontece em bases bissilábicas. Aliás, este mesmo autor refere ainda que Hyman (1995), seguindo Bastin (1983), identificou, por exemplo, quatro factores cruciais que determinam a aplicação da imbricação em Bemba: (i) o tamanho da base; (ii) a natureza da consoante final da base; (iii) a natureza da vogal que precede a consoante final da base e; (iv) a identidade do último morfema da base (NGUNGA 1998).

Como se pode depreender, a imbricação é um processo linguístico que combina a fonologia com a morfologia, visto que ela é um processo fonológico relacionado ao processo de afixação da MT.

Assim, feita a abordagem sobre os conceitos teóricos que conduzem a nossa pesquisa, a seguir vamos apresentar e descrever os pressupostos teóricos básicos propostos para explicar o problema formulado no presente estudo.

3.4 Quadro teórico

Como se pode perceber, seria difícil explicar os níveis de língua que se pretende abordar sem que se tivesse escolhido um quadro teórico que se considere adequado para a descrição e análise dos factos.

Tratando-se de um estudo que se preocupa em compreender as diversas formas de manifestação fonológica dos constituintes morfológicos da estrutura verbal, o quadro teórico de análise privilegiado na presente pesquisa é o da morfologia e fonologia lexical (KIPARSKY 1982, 1985), aquele que defende a interligação entre a morfologia e a fonologia na formação das palavras. Aliás, como referem Ngunga (2000) e Nhantumbo (2015), esta teoria assume que as regras fonológicas são aplicadas a diferentes níveis da gramática, a nível lexical (a nível da palavra) e a nível pós-lexical (a nível do sintagma ou da frase). A teoria pressupõe ainda a interligação entre os processos morfológicos e os processos fonológicos, na medida em que, mais do que o morfema, a palavra é uma unidade básica de análise morfológica. E as regras que definem a estruturação de uma palavra, regras morfológicas, estão intrinsecamente relacionadas com as regras responsáveis pela maneira como a palavra é pronunciada, regras fonológicas. Nhantumbo (op. cit.), citando

Katamba & Stonham (2003), refere também que todas essas regras são encontradas no léxico e organizadas, hierarquicamente, em níveis. Por conseguinte, Ngunga (2014) acrescenta que a teoria de morfologia e fonologia lexical (KIPARSKY 1982, 1985; MOHANAN 1982, e outros) é aquela que pressupõe que cada acréscimo de morfema a um determinado material cria condições para aplicação de uma regra fonológica ou mais. Por isso, esta teoria também se diz ser de entrelaçamento entre morfologia e fonologia.

Todavia, embora o quadro teórico da morfologia e fonologia lexical seja recentemente um dos mais usados na análise linguística, Langa (2013) adverte o seguinte:

Odden (1993) levanta a questão teórica da componente de interacção na fonologia lexical, baseando-se no gráfico da metáfora proposta por Kiparsky (1982), que pressupõe o seguinte: (i) existe um nível de construção comum à fonologia e à morfologia; (ii) há diferenças formais entre a fonologia lexical e a fonologia pós-lexical; (iii) os níveis em que actua a fonologia são os mesmos que os da morfologia; (iv) a ciclicidade da aplicação das regras fonológicas deriva da interacção entre a fonologia e a morfologia lexical; (v) a fonologia lexical não tem o acesso ao *output*, que é a fonologia pós-lexical (a Sintaxe); e (vi) a fonologia lexical e a morfologia lexical interagem, permitindo que a morfologia tenha acesso à informação fonológica derivada da aplicação das regras fonológicas. O argumento central de Odden (1993) reside no ponto (iv), de acordo com o qual a ciclicidade é apenas uma afirmação teórica, pois outros modelos podem derivá-la, sem que necessariamente tenha havido uma interacção. Contudo, não rejeita a proposta da metáfora da fonologia e morfologia lexical (LANGA 2013:29-30).

Porém, é verdade que a análise dos dados da nossa pesquisa se baseou principalmente na *teoria da morfologia e fonologia lexical* (KIPARSKY 1982, 1985). Entretanto, este quadro teórico foi também complementado pela *teoria mórica* (HYMAN 1975, 1985) e pela *teoria de traços distintivos* (CHOMSKY & HALLE 1968) para explicar as alterações dos sons observadas ao nível da estrutura de superfície (*output*).

A seguir, passamos a apresentar a análise dos dados.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE FONOLÓGICA DA ESTRUTURA VERBAL DO PASSADO RECENTE EM EMAKHUWA

Este capítulo analisa o passado recente em Emakhuwa examinando, tanto os morfemas que constituem a estrutura do verbo, assim como o comportamento fonológico desses constituintes morfológicos.

Mas, antes da referida análise, começa-se por apresentar um conjunto de frases com um verbo conjugado nos cinco tempos gramaticais referidos no capítulo da revisão da literatura para evidenciar algumas características morfológicas de cada um deles. De seguida, apresenta-se a síntese das conclusões de Ngunga & Victorino (2002), um estudo que analisou o passado recente em Emakhuwa. A sistematização em causa serve para facilitar a compreensão dos aspectos que antes foram interpretados, assim como identificar os pontos de convergências e os de divergências entre as análises anteriores e as da presente pesquisa. Por fim, faz-se a análise dos dados recolhidos na presente pesquisa.

A seguir, observemos os dados:

1. a) Miyo k(i)-**a**-hi-nyikal-a mwiiwa. ‘eu tinha pisado espinho’
Hiyo n(i)-**a**-hi-nyikal-a mwiiwa. ‘nós tínhamos pisado espinho’
- b) Miyo k(i)-**a**-ni-nyikal-a mwiiwa. ‘eu costumava pisar espinho’
Hiyo n(i)-**a**-ni-nyikal-a mwiiwa. ‘nós costumávamos pisar espinho’
- c) Miyo k(i)-**a**-nyikal-(a)-aka mwiiwa... ‘quando eu pisava espinho...’
Hiyo n(i)-**a**-nyikal-(a)-ahu mwiiwa... ‘quando nós pisávamos espinho...’
- d) Miyo k(i)-**a**-nyikal-a mwiwa. ‘eu estava a pisar espinho’
Hiyo n(i)-**a**-nyikal-a mwiiwa. ‘nós estávamos a pisar espinho’

Em (1), de acordo com Bernardo (2009a), descrevem-se eventos que ocorreram no **passado remoto**, tempo marcado através do prefixo /-**a**-/, este antecedido pela MS (/ki-/, primeira pessoa do singular e /ni-/, primeira pessoa do plural). A distinção entre (1a, 1b, 1c, 1d) é feita através do **aspecto: *perfectivo***, marcado por meio do prefixo **-hi-** (1a),

imperfectivo habitual, marcado por meio do prefixo **-ni-** (1b), *imperfectivo progressivo*, marcado através do sufixo **-a-** (1c) e *imperfectivo não progressivo* (1d) que tem morfema zero, isto é, não é marcado por algum material morfológico.

2. a) Miyo k(i)-**(h)o**-nyikal-a mwiiwa. ‘eu pisei espinho’
 Hiyo n(i)-**(h)o**-nyikal-a mwiiwa. ‘nós pisámos espinho’
- b) Miyo ki-nyikal-**ale** mwiiwa. ‘eu pisei espinho’
 Hiyo ni-nyikal-**ale** mwiiwa. ‘nós pisámos espinho’
- c) Miyo ki-nyika-**n-l-e** mwiiwa. ‘eu pisei espinho’
 Hiyo ni-nyika-**n-l-e** mwiiwa. ‘nós pisámos espinho’

Em (2), embora os verbos apresentem marcas morfológicas diferentes, descrevem-se eventos que ocorreram no passado recente. Nos dados apresentados aqui, o tempo gramatical é marcado através do prefixo **-(h)o-** (2a), ou por meio do sufixo **-ale** (2b), ou ainda através do morfema descontínuo **-n-e** (2c).

3. a) Miyo ki-**n**-nyikal-a mwiiwa. ‘eu estou a pisar espinho’
 Hiyo ni-**n**-nyikal-a mwiiwa. ‘nós estamos a pisar espinho’
- b) Miyo ki-**n-ni**-nyikal-a mwiiwa. ‘eu custumo pisar espinho’
 Hiyo ni-**n-ni**-nyikal-a mwiiwa. ‘nós costumámos pisar espinhos’

Em (3) relatam-se eventos que podem estar a acontecer em simultâneo com o momento da enunciação (presente), tempo marcado pelo prefixo **-n-**. A distinção entre (3a) e (3b) é feita através do **aspecto: imperfectivo progressivo** (3a), que não é marcado por algum material morfológico e *imperfectivo habitual*, marcado através do prefixo **-ni** (3b).

4. Miyo ki-**noo**-nyikal-a mwiiwa. ‘eu pisarei espinho’
 Hiyo ni-**noo**-nyikal-a mwiiwa. ‘nós pisaremos espinho’

Em (4) descrevem-se eventos que vão decorrer dentro de minutos, horas ou mesmo dias (hoje e amanhã) - **futuro próximo**, tempo marcado através do prefixo **-noo-**.

5. Miyo ki-**nroo**-nyikal-a mwiiwa. ‘eu hei-de pisar espinho’
 Hiyo ni-**nroo**-nyikal-a mwiiwa. ‘nós havemos de pisar espinho’

Em (5) prevêm-se situações que ocorrerão depois de um tempo considerável, que pode ser determinado por dias, começando por amanhã até o tempo distancialmente mais avançado - **futuro distante**, tempo marcado através do prefixo **-nroo-**.

A partir dos dados apresentados em (1) - (5), pode-se concluir que, Emakhuwa subdivide o tempo em (i) **passado remoto**, que descreve situações ocorridas há muito tempo, este que pode ser determinado por dias, partindo de ontem até o tempo mais recuado (semanas, meses, anos, etc.), tempo marcado através do prefixo **-a-**; (ii) **passado recente**, que descreve situações que ocorreram há pouco tempo, este que usualmente é determinado por minutos, horas, ou ainda dias (hoje e ontem) e, nos exemplos acima, é marcado através do prefixo **-ho-**, bem como por meio do sufixo **-ale** e também através do morfema descontínuo **-n-e**; (iii) **presente**, que descreve eventos que podem estar a acontecer “em simultâneo” com o momento da elocução e é marcado através do prefixo **-n-**; (iv) **futuro próximo**, que prevê eventos que ocorrerão dentro de pouco tempo, desde segundos até dias (entre hoje e amanhã) e é marcado através do prefixo **-noo-** e (v) **futuro distante**, que prevê acções que vão ocorrer depois de um tempo considerável, este que pode ser determinado por dias (começando por amanhã até o tempo distancialmente mais avançado) e é marcado através do prefixo **-nroo-**.

Porque o foco da presente análise é o passado recente, a seguir apresenta-se a síntese das conclusões tiradas em Ngunga & Victorino (2002).

Ao analisar a morfologia do passado recente em Emakhuwa, Ngunga & Victorino (2002) constataram que este tempo pode ser marcado, tanto por prefixação através dos alomorfos **-ho-**, **-h-**, **-o-**, bem como por sufixação através dos alomorfos **-al-e**, **-iy-e**, **-an-e**.

Nesse estudo, concluiu-se que **-h-** e **-o-** são variações alomórficas do prefixo **/-ho-/**, este que aparece invariavelmente afixado à raiz verbal com estrutura **-CV-**, enquanto o primeiro e o segundo alomorfos são afixados, respectivamente, a raízes verbais com estruturas internas **-VC(...)-** e **-CVC(...)-**.

Quanto aos sufixos identificados, os mesmos autores referem que **-iy-e** e **-an-e** são variações alomórficas de **/-al-e/**, podendo a forma básica ocorrer com todo o tipo de raiz verbal, estando, assim, em variação livre com os seus alomorfos. Contudo, no entender dos mesmos autores, **-iy-e** e **-an-e** estão em distribuição complementar, deduzindo que, enquanto o primeiro é afixado a raízes verbais com a estrutura **-(...)CV-**, o último morfema somente se afixa, em forma de imbricação, a raízes verbais com a estrutura **-(...)VC-**.

Entretanto, através de alguns dados da língua, como os apresentados em (6), estes mesmos autores procuraram mostrar diferentes etapas de interligação entre a morfologia e a fonologia:

6.	Tema:	-aneel-a	-iy-a	-on-a
	a) Morf.:	-a-aneel-a	-a-iy-a	-a-on-a
	b) Fonol.:	-a-aneel-a	-i-iy-a	-o-on-a
	c) Morf.:	-ho-a-aneel-a	-ho-i-iy-a	-ho-o-on-a
	d) Fonol.:	-ho-w-a-aneel-a	-ho-w-i-iy-a	-ho-w-o-on-a
	e) Morf.:	ki-ho-w-a-aneel-a	ki-ho-w-i-iy-a	ki-ho-w-o-on-a
	f) Fonol. (i):	ki-o-w-a-aneel-a	ki-o-w-i-iy-a	ki-o-w-o-on-a
	(ii):	ko-o-w-a-aneel-a	ko-o-w-i-iy-a	ko-o-w-o-on-a
	ES:	[ko:wa:ne:la]	[ko:wi:ya]	[ko:wo:na]
	Gloss:	assei-os/as	roubei-os/as	vi-os/as

Onde: Tema = raiz + sufixos; Morf. = morfologia; Fonol. = fonologia; Gloss. = glossário.

Em (6), de acordo com a teoria da morfologia e fonologia lexical, cada etapa morfológica desencadeia um processo fonológico que alimenta a etapa seguinte. Neste sentido, a afixação do prefixo **-a-** (MO) à raiz com vogal em posição inicial (6a) é seguida por um processo fonológico que consiste na assimilação da vogal da MO à qualidade da

vogal na posição inicial da raiz verbal (6b); em (6c) ocorre a prefixação do morfema básico da marca do passado recente **-ho-**, que é seguido pela inserção da semiconsoante labiovelar entre a MT e a MO (6d) para se resolver o hiato, entretanto, criado pela morfologia que introduz a vocálica MO; em seguida, em (6e) afixa-se o prefixo da primeira pessoa do singular **-ki-** que é seguido pela elisão da consoante da MS (6f.⁽ⁱ⁾) e assimilação da vogal alta anterior da MS à qualidade da vogal da MT (10f.⁽ⁱⁱ⁾). Por fim, são apresentadas as estruturas de superfície, as formas verbais que são naturalmente pronunciadas pelos falantes da língua (NGUNGA & VICTORINO 2001:68).

Portanto, reanalisando a descrição aqui sistematizada, conjugada com os dados em análise no presente estudo, parece evidenciar-se de que o passado recente em Emakhuwa pode ser marcado, tanto através do prefixo **/-ho-/**, como também por meio do sufixo **/-ale/** e, ainda, em forma de imbricação através do morfema descontínuo **/(i)N-(j)e/** que, por regra, uma parte ocorre no interior da raiz verbal e outra parte ocorre no final do verbo, como poderá observar-se mais adiante. Nota-se ainda que uma afixação de morfemas pode causar vários processos fonológicos, dependendo das condições fonológicas nela criadas.

Feita, assim, a sistematização de Ngunga & Victorino (2002), a seguir, apresenta-se a descrição fonológica adicional da estrutura do verbo na primeira pessoa gramatical do passado recente na língua em estudo, quer na forma afirmativa quer na forma negativa. A análise começa por descrever os verbos com raiz verbal de estrutura menor para verbos com raízes de estrutura maior.

4.1 O passado recente marcado através do prefixo **/-ho-/**

4.1.1 Forma afirmativa

Nos dados que se seguem, pode perceber-se que o passado recente é marcado através do prefixo **/-ho-/**, este que se apresenta em forma de **[-ho:-]** quando se afixa a raízes verbais de estrutura **-C-** e **-CV-** e em forma de **[-h-]** quando se afixa a raiz verbal de estrutura **-VC(...)-**. Portanto, em verbos de raiz com estrutura **-CVC(...)-**, o prefixo em causa pode tanto apresenta-se na sua forma básica, como em forma de **[-o:-]**, esta última resultante da queda opcional de **/h/**:

7.a)	(i):	kihoonya	/ki-ho-ŋ-a/	[kiho:ŋa]	‘defequiei’
	(ii):	nihoonya	/ni-ho-ŋ-a/	[niho:ŋa]	‘defecámos’
			MS-MT-raiz-VF		
b)	(i):	kihoolya	/ki-ho-li-a/	[kiho:l ^j a]	‘comi’
	(ii):	nihoolya	/ni-ho-li-a/	[niho:l ^j a]	‘comémos’
			MS-MT-raiz-VF		
c)	(i):	kihoovya	/ki-ho-vi-a/	[kiho:v ^j a]	‘queimeimei-me’
	(ii):	nihoovya	/ni-ho-vi-a/	[niho:v ^j a]	‘queimámo-nos’
			MS-MT-raiz-VF		
d)	(i):	kihoorwa	/ki-ho-ru-a/	[kiho:r ^w a]	‘vim’
	(ii):	nihoorwa	/ni-ho-ru-a/	[niho:r ^w a]	‘viémos’
			MS-MT-raiz-VF		
e)	(i):	kihookhwa	/ki-ho-khu-a/	[kiho:k ^h w a]	‘morri’
	(ii):	nihookhwa	/ni-ho-khu-a/	[niho:k ^h w a]	‘morrémos’
			MS-MT-raiz-VF		

Em (7) apresentam-se verbos com raízes de estrutura **-C-** (7a) e **-CV-** (7b-e) conjugados no passado recente, marcado através do prefixo **/-ho-/**. A diferença entre (7a_(i)) e (7a_(ii)), bem como entre (7b_(i)) e (7b_(ii)), (7c_(i)) e (7c_(ii)), (7d_(i)) e (7d_(ii)), (7e_(i)) e (7e_(ii)) é apenas do sujeito. Enquanto em (7a_(i)), b_(i), c_(i), d_(i), e_(i)) o sujeito é a primeira pessoa do singular marcada pelo prefixo **/-ki-/**, em (7a_(ii)), b_(ii), c_(ii), d_(ii), e_(ii)) o sujeito é a primeira pessoa do plural marcada através do prefixo **/-ni-/**.

8.a)	(i):	kihaala	/ki-ho-al-a/	[kiha:la]	‘semeiei’
	(ii):	nihaala	/ni-ho-al-a/	[niha:la]	‘semeámos’
			MS-MT-raiz-VF		

b)	(i):	kihaasya	/ki-ho-asi-a/	[kiha:s ^j a]	‘procurei’
	(ii):	nihaasya	/ni-ho-asi-a/	[niha:s ^j a]	‘procurámos’
			MS-MT-raiz-VF		
c)	(i):	kihaamwa	/ki-ho-amu-a/	[kiha:m ^w a]	‘mamei’
	(ii):	nihaamwa	/ni-ho-amu-a/	[niha:m ^w a]	‘mamámos’
			MS-MT-raiz-VF		
d)	(i):	kiheetta	/ki-ho-eṭ-a/	[kihe:ṭa]	‘andei’
	(ii):	niheetta	/ni-ho-eṭ-a/	[nihe:ṭa]	‘andámos’
			MS-MT-raiz-VF		
e)	(i):	kiheemexa	/ki-ho-emeʃ-a/	[kihe:meʃa]	‘levantei’
	(ii):	niheemexa	/ni-ho-emʃ-a/	[nihe:meʃa]	‘levantámos’
			MS-MT-raiz-VF		
f)	(i):	kihiipa	/ki-ho-ip-a/	[kihi:pa]	‘cantei’
	(ii):	nihiipa	/ni-ho-ip-a/	[nihi:pa]	‘cantámos’
			MS-MT-raiz-VF		
g)	(i):	kihintaka	/ki-ho-intak-a/	[kihintaka]	‘parti’
	(ii):	nihintaka	/ni-ho-intak-a/	[nihintaka]	‘partímos’
			MS-MT-raiz-VF		
h)	(i):	kihoona	/ki-ho-on-a/	[kiho:na]	‘vi’
	(ii):	nihoona	/ni-ho-on-a/	[niho:na]	‘vímos’
			MS-MT-raiz-VF		
i)	(i):	kihoopola	/ki-ho-opol-a/	[kiho:pola]	‘saldei’
	(ii):	nihoopola	/ni-ho-opol-a/	[niho:pola]	‘saldámos’
			MS-MT-raiz-VF		
j)	(i):	kihunla	/ki-ho-unl-a/	[kihunla]	‘chorei’
	(ii):	nihunla	/ni-ho-unl-a/	[nihunla]	‘chorámos’
			MS-MT-raiz-VF		

- k) (i): kihuupuxera /**ki-ho-upuʃer-a**/ [kihu:puʃera] ‘lembrei-me’
(ii): nihuupuxera /**ni-ho-upuʃer-a**/ [nihu:puʃera] ‘lembrámo-nos’

Em (8) apresentam-se verbos de raiz de estrutura **-VC(...)-** conjugados no passado recente. Tal como em (7), nas formas verbais em (8), o tempo em questão é também marcado através do prefixo **/-ho-/**. Contudo, por imperativos fonológicos, este prefixo concretiza-se, ao nível da estrutura de superfície, em forma de **[-h-]**. E como se notou anteriormente, a diferença entre os membros dos pares (i) e (ii) das formas verbais em (8a-k) reside no facto de em (i) o sujeito ser a primeira pessoa do singular e em (ii) a primeira pessoa do plural.

- 9.a) (i): kiholepa /**ki-ho-lep-a**/ [kiholepa] ‘escrevi’
(ii): niholepa /**ni-ho-lep-a**/ [niholepa] ‘escrevémos’
MS-MT-raiz-VF
- b) (i): kihoriha /**ki-ho-rih-a**/ [kihoriha] ‘deitei’
(ii): nihoriha /**ni-ho-rih-a**/ [nihoriha] ‘deitámos’
MS-MT-raiz-VF
- c) (i): kiholapuwa /**ki-ho-lapuw-a**/ [kiholapuwa] ‘atravessei’
(ii): niholapuwa /**ni-ho-lapuw-a**/ [niholapuwa] ‘atravessámos’
MS-MT-raiz-VF
- d) (i): kihorapheya /**ki-ho-raphej-a**/ [kihorap^heja] ‘vomitei’
(ii): nihorapheya /**ni-ho-rap^hej-a**/ [nihorap^heja] ‘vomitámos’
MS-MT-raiz-VF
- e) (i): kihomaala /**ki-ho-ma:l-a**/ [kihoma:la] ‘calei-me’
(ii): nihomaala /**ni-ho-ma:l-a**/ [nihoma:la] ‘calámo-nos’
MS-MT-raiz-VF
- f) (i): kihotiina /**ki-ho-ti:n-a**/ [kihoti:na] ‘belisquei’
(ii): nihotiina /**ni-ho-ti:n-a**/ [nihoti:na] ‘beliscámos’
MS-MT-raiz-VF

- g) (i): kihothoonya /**ki-ho-t^ho:ɲ-a**/ [kihot^ho:ɲa] ‘apontei’
(ii): nihothoonya /**ni-ho-t^ho:ɲ-a**/ [nihot^ho:ɲa] ‘apontámos’
MS-MT-raiz-VF
- h) (i): kihowurya /**ki-ho-wuri-a**/ [kihowur^ja] ‘bebi’
(ii): nihowurya /**ni-ho-wuri-a**/ [nihowur^ja] ‘bebémos’
MS-MT-raiz-VF
- i) (i): kihotemwa /**ki-ho-temu-a**/ [kihotem^wa] ‘cansei-me’
(ii): nihotemwa /**ni-ho-temu-a**/ [nihotem^wa] ‘cansámo-nos’
MS-MT-raiz-VF

Em (9) mostram-se verbos de raiz de estrutura **-CVC(...)**- conjugados no passado recente, com o tempo marcado através do prefixo **/-ho-/** a concretizar-se na sua forma básica.

- 10.a) (i): koolepa /**ki-ho-lep-a**/ [ko:lepa] ‘escrevi’
(ii): noolepa /**ni-ho-lep-a**/ [no:lepa] ‘escrevémos’
MS-MT-raiz-VF
- b) (i): kooriha /**ki-ho-rih-a**/ [ko:riha] ‘deitei’
(ii): nooriha /**ni-ho-rih-a**/ [no:riha] ‘deitámos’
MS-MT-raiz-VF
- c) (i): koolapuwa /**ki-ho-lapuw-a**/ [ko:lapuwa] ‘atravessei’
(ii): noolapuwa /**ni-ho-lapuw-a**/ [no:lapuwa] ‘atravessámos’
MS-MT-raiz-VF
- d) (i): koorapheya /**ki-ho-rap^hej-a**/ [ko:rap^heja] ‘vomitei’
(ii): noorapheya /**ni-ho-rap^hej-a**/ [no:rap^heja] ‘vomitámos’
MS-MT-raiz-VF
- e) (i): koomaala /**ki-ho-ma:l-a**/ [ko:ma:la] ‘calei-me’

	(ii):	noomaala	/ni-ho-ma:l-a/	[no:ma:la]	‘calámo-nos’
			MS-MT-raiz-VF		
f)	(i):	kootiina	/ki-ho-tin-a/	[ko:ti:na]	‘belisquei’
	(ii):	nootiina	/ni-ho-tin-a/	[no:ti:na]	‘beliscámos’
			MS-MT-raiz-VF		
g)	(i):	koothoonya	/ki-ho-t ^h o:n-a/	[ko:t ^h o:n]	‘apontei’
	(ii):	noothoonya	/ni-ho-t ^h o:n-a/	[no:t ^h o:n]	‘apontámos’
			MS-MT-raiz-VF		
h)	(i):	koowurya	/ki-ho-wuri-a/	[ko:wur ^j a]	‘bebi’
	(ii):	noowurya	/ni-ho-wuri-a/	[no:wur ^j a]	‘bebémos’
			MS-MT-raiz-VF		
i)	(i):	kootemwa	/ki-ho-temu-a/	[ko:tem ^w a]	‘cansei-me’
	(ii):	nootemwa	/ni-ho-temu-a/	[no:tem ^w a]	‘cansámo-nos’
			MS-MT-raiz-VF		

Em (10) tem-se também os mesmos verbos de raiz de estrutura **-CVC(...)-** apresentados em (9), conjugados ainda no passado recente e também marcados pelo morfema **/-ho-/**. Só que deste vez a MT se realiza em forma de **[-o: -]** por causa do apagamento opcional da consoante **/h/**.

Entretanto, as formas verbais apresentadas em (7-10) têm a estrutura morfológica MS-MT-raiz-VF, morfemas que se ligam uns aos outros por etapas. Assim, em cada uma das formas verbais em (7-10), primeiro, afixa-se a VF **/-a/** à raiz verbal. Todavia, em verbos de raiz do tipo **-(...)CV-**, como em (7b-e), (8b, c) e (9h, i) ou (10h, i), a sufixação da VF resulta em semivocalização das vogais na posição final da raiz e, conseqüentemente, na modificação da consoante precedente através da palatalização (7b, c), (8b), (9h), (10h), labialização (7d, e), velarização (8c), (9i), (10i). Após a sufixação da VF à raiz, é afixada a MT **/-ho-/**. Dependendo da estrutura silábica do tema verbal ou da natureza dos fonemas circundantes, a afixação desta MT resulta em diferentes processos fonológicos, entre os

quais, o alongamento da vogal /o/ da MT quando /-ho-/ se afixa a um tema verbal monossilábico (7); a elisão da vogal /o/ da MT quando esta MT se afixa a uma raiz que tem vogal em posição inicial (8); a elisão opcional da consoante /h/ da MT, quando esta se afixa a um tema polissilábico que tem uma consoante em posição inicial (10); a elisão da vogal /i/ da MS, quando esta precede a vogal /o/ da MT por consequência da elisão opcional da consoante /h/ da MT (10); o alongamento compensatório da vogal seguinte resultante da elisão da vogal precedente, como ilustram os exemplos (8a, b, c, d, e, f, h, i, k) e (10).

Todavia, embora o alongamento compensatório seja uma regra fonológica complementar à regra de semivocalização ou de elisão de vogais quando estas ocorrem uma adjacente da outra, nos dados (7-10), para além dos processos fonológicos provocados pela afixação da MT /-ho-/, pode-se ainda destacar o bloqueio do alongamento compensatório da vogal que ocorre no final da palavra (7b-e), (8b, c), (9h, i), (10h, i), ou da vogal que é seguida de uma consoante nasal mórica (8g, j), mesmo elas sendo antecedidas por uma vogal semivocalizada ou elidida. Portanto, depois da afixação da MT e os respectivos processos fonológicos a ela inerentes, fez-se a afixação da MS (/ -ki-/ ou de /-ni-/):

11.	Raiz:	/-li-/	/-amu-/	/-intak-/	/-lep-/
a).	Morf.:	-li-a	-amu-a	-intak-a	-lep-a
b).	Fonol. (i):	-lja	-amwa	-intaka	-lepa
	Fonol. (ii):	-l ^j a	-am ^w a	NA ⁴	NA
c).	Morf.:	-ho-l ^j a	-ho-am ^w a	-ho-intaka	-ho-lepa
d).	Fonol. (i):	-hol ^j a	-høam ^w a	-høintaka	-ølepa
	Fonol. (ii):	-ho:l ^j a	-ha:m ^w a	-hintaka	-olepa
e).	Morf.:	ki-ho:l ^j a	ki-ha:m ^w a	ki-hintaka	ki-olepa
		ni-ho:l ^j a	ni-ha:m ^w a	ni-hintaka	ni-olepa
f).	Fonol. (i):	kiho:l ^j a	kiha:m ^w a	kihintaka	kølepa
		nihol ^j a	niham ^w a	nihintaka	nølepa

⁴ A sigla “NA” equivale à expressão “não se aplica”.

Fonol. (ii):	NA	NA	NA	ko : lepa
	NA	NA	NA	no : lepa
g) ES:	[kiho : l ^j a]	[kiha : m ^w a]	[kihintaka]	[ko : lepa]
Gloss.:	comi	mamei	parti	escrevi
	[niho : l ^j a]	[niha : m ^w a]	[nihintaka]	[no : lepa]
Gloss.:	comémos	mamámos	partímos	escrevémos

Como se pode observar em (11), as diferentes etapas morfológicas alimentam diferentes processos fonológicos responsáveis pela forma como os morfemas em concatenação são pronunciados. Assim, a afixação da VF **/-a/** (11a) resulta na semivocalização da vogal alta quando esta ocorre no final da raiz (11b_(i)), causando, por conseguinte, ou a palatalização de **/l/**, ou a velarização de **/m/** (11b_(ii)). Após a sufixação da VF, ocorre a afixação da MT **/-ho-/** (11c). Ao afixar-se a um tema verbal monossilábico, esta MT realiza-se com alongamento da vogal **/o/** (11d_(ii)). Todavia, em tema verbal polissilábico com consoante na posição inicial ocorre, de forma opcional, como já foi mencionado, a queda de **/h/** (11d_(i)), criando a condição para a vogal **/o/** ocorrer na posição inicial da forma verbal (11d_(ii)). Por outro lado, em tema verbal que tem vogal na posição inicial, a afixação da MT cria a adjacência de duas vogais, situação que a língua não tolera, o que resulta na elisão da vogal precedente (11d_(i)) e o alongamento compensatório da vogal seguinte (11d_(ii)). Entretanto, apesar de constituir uma regra fonológica complementar ao processo de eliminação de sequências de vogais, o alongamento compensatório é bloqueado, como foi referido antes, quando a vogal susceptível ao processo ocorre ou no final da palavra (11b_(ii)) ou seguida de uma nasal mórica (11d_(ii)).

Portanto, depois da afixação da MT, faz-se a afixação da MS **/ki-/** ou **/ni-/** (11e) que, ao ligar-se à forma verbal onde há queda de **/h/** da MT, provoca outro hiato. Como forma de resolução deste hiato, ocorre a elisão da vogal **/i/** da MS (11f_(i)) e, por conseguinte, o alongamento compensatório da vogal **/o/** da MT (11f_(ii)).

4.2 O passado recente marcado através do sufixo /-ale/

4.2.1 Forma afirmativa

Como se afirmou anteriormente, para além do prefixo /-ho-/, o passado recente em Emakhuwa pode também ser marcado por meio do sufixo /-ale/, que se apresenta em forma de [-ale] quando se afixa a raízes verbais de estrutura -C- e -CV- e se concretiza em forma de [-ale] quando se afixa a raízes verbais de estrutura -VC(...)- e -CVC(...)-.

Os dados que se seguem ilustram a marcação morfológica do tempo em referência nos diferentes tipos de raízes verbais:

12.a)	(i):	kinyaale	/ki-ŋ-ale/	[kiŋa : le]	‘defeguei’
	(ii):	ninyaale	/ni-ŋ-ale/	[niŋa : le]	‘defecámos’
			MS-raiz-MT		
b)	(i):	kilyaale	/ki-li-ale/	[kil ^j a : le]	‘comi’
	(ii):	nilyaale	/ni-li-ale/	[nil ^j a : le]	‘comémos’
			MS-raiz-MT		
c)	(i):	kivyaale	/ki-vi-ale/	[kiv ^j a : le]	‘queimei-me’
	(ii):	nivyaale	/ni-vi-ale/	[niv ^j a : le]	‘queimámo-nos’
			MS-raiz-MT		
d)	(i):	kirwaale	/ki-ru-ale/	[kir ^w a : le]	‘vim’
	(ii):	nirwaale	/ni-ru-ale/	[nir ^w a : le]	‘viémos’
			MS-raiz-MT		
e)	(i):	kikhwaale	/ki-khu-ale/	[kik ^h wa : le]	‘morri’
	(ii):	nikhwaale	/ni-khu-ale/	[nik ^h wa : le]	‘morrémos’
			MS-raiz-MT		

Em (12) apresentam-se verbos com raízes de estrutura -C- (12a) e -CV- (12b-e) conjugados no passado recente marcado através do sufixo /-ale/. Como se pode depreender,

em todas as formas verbais aqui apresentadas, a MT é concretizada na forma [-a:le].

Todavia, o que distingue (i) de (ii) é o sujeito, primeira pessoa do singular em (i) marcada por /**ki-**/ e primeira pessoa do plural em (ii) marcada por /**-ni-**/.

A seguir, apresentam-se dados de raiz verbal de estrutura **-VC(...)-**:

13. a)	(i):	kaalale	/ki-al-ale/	[ka:lale]	‘semeiei’
	(ii):	naalale	/ni-al-ale/	[na:lale]	‘semeámos’
			MS-raiz-MT		
b)	(i):	kaasyale	/ki-asi-ale/	[ka:s ^j ale]	‘procurei’
	(ii):	naasyale	/ni-asi-ale/	[na:s ^j ale]	‘procurámos’
			MS-raiz-MT		
c)	(i):	kaamwale	/ki-amu-ale/	[ka:m ^w ale]	‘mamei’
	(ii):	naamwale	/ni-amu-ale/	[na:m ^w ale]	‘mamámos’
			MS-raiz-MT		
c)	(i):	keettale	/ki-eṭ-ale/	[ke:ṭale]	‘andei’
	(ii):	neettale	/ni-eṭ-ale/	[ne:ṭale]	‘andámos’
			MS-raiz-MT		
e)	(i):	keemexale	/ki-emeʃ-ale/	[ke:meʃale]	‘levantei’
	(ii):	neemexale	/ni-emʃ-ale/	[ne:meʃale]	‘levantámos’
			MS-raiz-MT		
f)	(i):	kiipale	/ki-ip-ale/	[ki:pale]	‘cantei’
	(ii):	niipale	/ni-ip-ale/	[ni:pale]	‘cantámos’
			MS-raiz-MT		
g)	(i):	kintakale	/ki-intak-ale/	[kintakale]	‘parti’
	(ii):	nintakale	/ni-intak-ale/	[nintakale]	‘partímos’
			MS-raiz-MT		
h)	(i):	koonale	/ki-on-ale/	[ko:nale]	‘vi’

	(ii):	noonale	/ni-on-ale/	[no:nale]	‘vimos’
			MS-raiz-MT		
i)	(i):	koopolale	/ki-opol-ale/	[ko:polale]	‘saldei’
	(ii):	noopolale	/ni-opol-ale/	[no:polale]	‘saldámos’
			MS-raiz-MT		
j)	(i):	kunlale	/ki-unl-ale/	[kunlale]	‘chorei’
	(ii):	nunlale	/ni-unl-ale/	[nunlale]	‘chorámos’
			MS-raiz-MT		
k)	(i):	kuupuxerale	/ki-upuʃer-ale/	[ku:puʃerale]	‘lembrei-me’
	(ii):	nuupuxerale	/ni-upuʃer-ale/	[nu:puʃerale]	‘lembrámo-nos’
			MS-raiz-MT		

Em (13) apresentam-se as formas do passado recente marcado pelo sufixo **/-ale/** em verbos de raízes de estrutura **-VC(...)**. Diferentemente de (12), em (13) a MT **/-ale/** realiza-se da mesma forma como se apresenta na estrutura básica.

14. a)	(i):	kilepale	/ki-lep-ale/	[kilepale]	‘escrevi’
	(ii):	nilepale	/ni-lep-ale/	[nilepale]	‘escrevémos’
			MS-raiz-MT		
b)	(i):	kirihale	/ki-rih-ale/	[kirihale]	‘deitei’
	(ii):	nirihale	/ni-rih-ale/	[nirihale]	‘deitámos’
			MS-raiz-MT		
c)	(i):	kilapuwale	/ki-lapuw-ale/	[lapuwale]	‘atravessei’
	(ii):	nilapuwale	/ni-lapuw-ale/	[nilapuwale]	‘atravessámos’
			MS-raiz-MT		
d)	(i):	kirapheyale	/ki-rap ^h ej-ale/	[kirap ^h ejale]	‘vomitei’
	(ii):	nirapheyale	/ni-rap ^h ej-ale/	[nirap ^h ejale]	‘não vomitámos’
			MS-raiz-MT		
e)	(i):	kimaalale	/ki-ma:l-ale/	[kima:lale]	‘calei-me’

	(ii):	nimaalale	/ni-ma:l-ale/	[nima:lale]	‘calámo-nos’
			MS-raiz-MT		
f)	(i):	kitiinale	/ki-ti:n-ale/	[kiti:nale]	‘belisquei’
	(ii):	nitiinale	/ni-ti:n-ale/	[niti:nale]	‘beliscámos’
			MS-raiz-MT		
g)	(i):	kithoonyale	/ki-t ^h o:ŋ-ale/	[kit ^h o:ŋale]	‘apontei’
	(ii):	nithoonyale	/ni-t ^h o:ŋ-ale/	[nit ^h o:ŋale]	‘apontámos’
			MS-raiz-MT		
h)	(i):	kiwuryale	/ki-wuri-ale/	[kiwur ^j ale]	‘bebi’
	(ii):	niwuryale	/ni-wuri-ale/	[niwur ^j ale]	‘bebémos’
			MS-raiz-MT		
i)	(i):	kitemwale	/ki-temu-ale/	[kitem ^w ale]	‘cansei-me’
	(ii):	nitemwale	/ni-temu-ale/	[nitem ^w ale]	‘cansámo-nos’
			MS-raiz-MT		

Em (14) apresentam-se formas verbais de raiz com estrutura **-CVC(...)-** no passado recente marcado através do sufixo **/-ale/**. À semelhança de (13), a MT em (14) não sofre alguma alteração na sua realização.

Entretanto, as formas verbais do passado recente marcado por **/-ale/**, passam também por vários processos fonológicos nas várias etapas de concatenação morfológica.

Observando os dados em (12-14), pode notar-se que todos eles exibem a estrutura morfológica MS-raiz-MT. Contudo, em verbos de raiz do tipo **-(...)CV-**, como (12b-e), (13b, c) e (14h, i), a afixação da MT **/-ale/** provoca a semivocalização das vogais na posição final da raiz que, em seguida, resultam ou na palatalização (12b, 12c, 13b, 14h) ou na labialização (12d, e) ou ainda na velarização (13c, 14i) da consoante precedente. Em seguida ocorre a afixação do prefixo MS ao tema verbal que, ao ligar-se a formas verbais com vogal na posição inicial, como em (13), provoca a elisão da vogal **/i/** da MS por co-ocorrer com a vogal inicial do tema verbal. A elisão da vogal da MS é seguida pelo alongamento compensatório da vogal seguinte nas situações em que esta não é seguida pela

nasal mórica (13a-f, h, i, k). Porém, nas situações em que a vogal seguinte ocorre antes da nasal mórica, como em (13g, j), o alongamento compensatório é bloqueado:

15.	Raiz:	/-vi-/	/-ru-/	/- unl -/	/-temu-/
a)	Morf.:	-vi-ale	-ru-ale	-inl-ale	-temu-ale
b)	Fonol. (i):	-vjale	-rwale	-inlale	-temwale
	Fonol. (ii):	-v ^j ale	-r ^w ale	NA	-tem ^w ale
	Fonol. (iii):	-v ^j a:le	-r ^w a:le	NA	NA
c)	Morf.:	ki-v ^j a:le	ki-r ^w a:le	ki-inlale	ki-tem ^w ale
		ni-v ^j a:le	ni-r ^w a:le	ni-inlale	ni-tem ^w ale
d)	Fonol. (i):	kiv ^j a:le	kir ^w a:le	køinlale	kitem ^w ale
		niv ^j a:le	niru ^w a:le	nøinlale	nitem ^w ale
	Fonol. (ii):	NA	NA	kinlale	NA
		NA	NA	ninlale	NA
e)	ES:	[kiv ^j a:le]	[kir ^w a:le]	[kinlale]	[kitem ^w ale]
	Gloss.:	queimei-me	vim	chorei	cansei-me
		[niv ^j a:le]	[nir ^w a:le]	[ninlale]	[nitem ^w ale]
	Gloss.:	queimámo-nos	viémos	chorámos	camsámo-nos

Em (15) ilustra-se a história derivacional que inclui os processos fonológicos que conduzem à estrutura de superfície. Neste sentido, a afixação da MT **/-ale/** (15a) à raiz verbal com vogal alta na posição final causa a semivocalização desta (15b⁽ⁱ⁾), resultando, por conseguinte, ou na palatalização de **/v/** ou na labialização de **/r/** (15b⁽ⁱⁱ⁾), ou ainda na velarização de **/m/** (15b⁽ⁱⁱⁱ⁾). O mesmo processo morfológico provoca o alongamento da vogal **/a/** da MT **/-ale/**, quando este morfema se afixa à raiz verbal de estrutura **-C-** bem como de estrutura **-CV-** (15b⁽ⁱⁱⁱ⁾). Contudo, o morfema de MT aqui em referência mantém a sua forma básica quando se afixa à raiz verbal de estrutura **-VC-** e **-CVC(...)-**. Após a afixação da MT e os processos fonológicos nela inerentes, ocorre a afixação da MS (15c) ocasionando, por um lado, os mesmos processos fonológicos descritos em (11f). Por outro

lado, a co-ocorrência de vogais causada pela afixação da MS em raízes verbais com estrutura interna **-VC(...)**- provoca elisão da vogal precedente (15d_(i)). Todavia, quando a vogal remanescente do processo de elisão é seguida por uma nasal mórica, o alongamento compensatório daquela é bloqueado (15d_(ii)).

4.3 O passado recente marcado através da imbricação

4.3.1 Forma afirmativa

Para além de ser marcado por meio do prefixo **/-ho-/** ou do sufixo **/-ale/**, o passado recente em Emakhuwa pode ainda ser marcado por **/-(i)N-(j)e/**, morfema descontínuo que, por regra, ocorre, uma parte no interior da raiz verbal, outra parte no final do verbo:

16. a)	(i):	kinyin'ye	/ki-ŋ-iN-je/	[kiŋiŋje]	'defeguei'
	(ii):	ninyin'ye	/ni-ŋ-iN-je/	[niŋiŋje]	'defecámos'
			MS-raiz-MT(-raiz)-MT		
b)	(i):	kilyin'ye	/ki-li-iN-je/	[kiliŋje]	'comi'
	(ii):	nilyin'ye	/ni-li-iN-je/	[niliŋje]	'comémos'
			MS-raiz-MT(-raiz)-MT		
c)	(i):	kivyin'ye	/ki-vi-iN-je/	[kiviŋje]	'queimei-me'
	(ii):	nivyin'ye	/ni-vi-iN-je/	[niviŋje]	'queimámo-nos'
			MS-raiz-MT(-raiz)-MT		
d)	(i):	kirwin'ye	/ki-ru-iN-je/	[kir ^w iŋje]	'vim'
	(ii):	nirwin'ye	/ni-ru-(i)N-(j)e/	[nir ^w iŋje]	'viémos'
			MS-raiz-MT(-raiz)-MT		
e)	(i):	kikhwin'ye	/ki-k^hu-iN-je/	[kik ^h wiŋje]	'morri'
	(ii):	nikhwin'ye	/ni-k^hu-iN-je/	[nik ^h wiŋje]	'morrémos'
			MS-raiz-MT(-raiz)-MT		

Em (16) apresentam-se exemplos de imbricação, um fenómeno que consiste, geralmente, na afixação de um material no interior da raiz, na posição imediatamente antes da última consoante. No caso específico de Makhuwa, tal material é uma consoante nasal, que é um dos constituintes do morfema descontínuo da imbricação.

As raízes dos verbos apresentados em (16) têm apenas uma consoante que se encontra na posição inicial. Assim, a estrutura das mesmas não condiciona para que a nasal da imbricação seja afixada no interior da raiz, na posição imediatamente antes da última consoante. Neste sentido, para a imbricação ter lugar, antes é inserido o sufixo **-ij-**, material epentético que fecha o espaço vazio da estrutura **-C-** e **-CV-**, permitindo, assim, que a nasal em questão possa ‘supostamente’ ocorrer no interior da raiz verbal, na posição imediatamente antes da última consoante.

A seguir, apresentam-se dados de raiz verbal de estrutura **-VC(...)-**:

17.a)	(i):	kanle	/ki-a-N-l-e/	[kanle]	‘semeiei’
	(ii):	nanle	/ni-a-N-l-e/	[nanle]	‘semeámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
b)	(i):	kansye	/ki-a-N-si-e/	[kans ^j e]	‘procurei’
	(ii):	nansye	/ni-a-N-si-e/	[nans ^j e]	‘procurámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
c)	(i):	kammwe	/ki-a-N-mu-e/	[kamm ^w e]	‘mamei’
	(ii):	nammwe	/ni-a-N-mu-e/	[namm ^w e]	‘mamámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
d)	(i):	kentte	/ki-e-N-t-e/	[keŋt̥e]	‘andei’
	(ii):	nentte	/ni-e-N-t-e/	[neŋt̥e]	‘andámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
e)	(i):	keemenxe	/ki-eme-N-ʃ-e/	[ke:meŋʃe]	‘levantei’
	(ii):	neemenxe	/ni-em-N-ʃ-e/	[ne:meŋʃe]	‘levantámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		

f)	(i):	kimpe	/ki-i-N-p-e/	[kimpe]	‘cantei’
	(ii):	nimpe	/ni-i-N-p-e/	[nimpe]	‘não cantámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
g)	(i):	kintanke	/ki-inta-N-k-e/	[kintaŋke]	‘parti’
	(ii):	nintanke	/ni-inta-N-k-e/	[nintaŋke]	‘partímos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
h)	(i):	konne	/ki-o-N-n-e/	[konne]	‘vi’
	(ii):	nonne	/ni-o-N-n-e/	[nonne]	‘vímos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
i)	(i):	kooponle	/ki-opo-N-l-e/	[ko:ponle]	‘saldei’
	(ii):	nooponle	/ni-opo-N-l-e/	[no:ponle]	‘saldámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
j)	(i):	kunle	/ki-uN-nl-e/	[kunle]	‘chorei’
	(ii):	nunle	/ni-uN-nl-e/	[nunle]	‘chorámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
k)	(i):	kuupuxenre	/ki-upuʃe-N-r-e/	[ku:puʃenre]	‘lembrei-me’
	(ii):	nuupuxenre	/ni-upuʃe-N-r-e/	[nu:puʃenre]	‘lembrámo-nos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		

Em (17) são apresentados dados do passado recente em forma de imbricação de raízes verbais de estrutura do tipo **-VC(...)**. Em todas as formas verbais aqui apresentadas observa-se a nasal de imbricação a ocorrer no interior da raiz verbal, na posição imediatamente antes da última consoante.

18. a)	(i):	kitenke	/ki-te-N-k-e/	[kiteŋke]	‘construí’
	(ii):	nitenke	/ni-te-N-k-e/	[niteŋke]	‘construímos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
b)	(i):	kirinhe	/ki-ri-N-h-e/	[kiriŋhe]	‘deitei’
	(ii):	nirinhe	/ni-ri-N-h-e/	[niriŋhe]	‘deitámos’

			MS-raiz-MT-raiz-MT		
c)	(i):	kilempe	/ki-le-N-p-e/	[kilempe]	‘escrevi’
	(ii):	nilempe	/ni-le-N-p-e/	[nilempe]	‘escrevemos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
d)	(i):	kilapun’we	/ki-lapu-N-w-e/	[kilapuŋwe]	‘atravessei’
	(ii):	nilapun’we	/ni-lapu-N-w-e/	[nilapuŋwe]	‘atravessámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
e)	(i):	kiraphen’ye	/ki-rap ^h e-N-j-e/	[kirap ^h eŋje]	‘vomitei’
	(ii):	niraphen’ye	/ni-rap ^h e-N-j-e/	[nirap ^h eŋje]	‘vomitámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
f)	(i):	kimanle	/ki-ma:N-l-e/	[kimanle]	‘calei-me’
	(ii):	nimanle	/ni-ma:N-l-e/	[nimanle]	‘calámo-nos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
g)	(i):	kitinne	/ki-ti:N-n-e/	[kitinne]	‘belisquei’
	(ii):	nitinne	/ni-ti:N-n-e/	[nitinne]	‘beliscámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
h)	(i):	kithonnye	/ki-t ^h o:N-ŋ-e/	[kit ^h oŋŋe]	‘apontei’
	(ii):	nithonnye	/ni-t ^h o:N-ŋ-e/	[nit ^h oŋŋe]	‘apontámos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
i)	(i):	kiwunrye	/ki-wu-N-ri-e/	[kiwunr ^j e]	‘bebi’
	(ii):	niwunrye	/ni-wu-N-ri-e/	[niwunr ^j e]	‘bebémos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		
j)	(i):	kitemmwe	/ki-te-N-mu-e/	[kitemm ^w e]	‘cansei-me’
	(ii):	nitemmwe	/ni-te-N-mu-e/	[nitemm ^w e]	‘cansámos-nos’
			MS-raiz-MT-raiz-MT		

Em (18) apresenta-se o passado recente em forma de imbricação de raízes verbais de estrutura do tipo **-CVC(...)-**. À semelhança dos verbos apresentados em (17), a marca

de imbricação em (18) também ocorre no interior da raiz, na posição imediatamente antes da última consoante.

Tendo em conta o comportamento da nasal da forma de imbricação decorrente dos dados (16-18), pode-se assumir que o passado recente nesta forma apresenta a estrutura morfológica MS-raiz-MT-raiz-MT, através de um processo cuja história derivacional se constrói por também etapas que incluem vários processos fonológicos:

19.	Raiz:	/-unl-/	/-ti : n-/	/-ru-/	/-vi-/
	a) Morf.:	-un-N-l-e	-ti : -N-n-e	-ru-iN-je	-vi-iN-je
	b) Fonol. (i):	-unnle	-ti : nne	-rwiŋje	-vøiŋje
	Fonol. (ii):	-uønle	-tiønne	-r ^w iŋje	-viŋje
	Fonol. (iii):	-unle	-tinne	NA	NA
	c) Morf.:	ki-unle	ki-tinne	ki-r ^w iŋje	ki-viŋje
		ni-unle	ni-tinne	ni-r ^w iŋje	ni-viŋje
	d) Fonol. (i):	køunle	kitinne	kir ^w iŋje	kiviŋje
		nøunle	nitinne	nir ^w iŋje	niviŋje
	Fonol. (ii):	kunle	NA	NA	NA
		nunle	NA	NA	NA
	e) ES:	[kunle]	[kitinne]	[kir ^w iŋje]	[kiviŋje]
	Gloss.:	chorei	belisquei	vim	queimei-me
		[nunle]	[nitinne]	[nir ^w iŋje]	[niviŋje]
	Gloss.:	chorámos	beliscámos	viemos	queimámo-nos

Em (19) observa-se a marcação do passado recente em Emakhuwa na forma da imbricação, um fenómeno que consiste, no caso particular da língua em estudo, na afixação do morfema descontínuo /-(i)N-(j)e/ que, por regra, a primeira parte, especificamente a consoante nasal, ocorre no interior da raiz verbal na posição imediatamente antes da última consoante, enquanto a última parte, neste caso, a vogal /e/, ocorre no final do verbo. Todavia, em raízes de verbos do tipo -C- e -CV-, visto que a sua estrutura não condiciona

para que a nasal da imbricação seja afixada no interior da raiz na posição imediatamente antes da última consoante, para a imbricação ter lugar, antes é inserido o sufixo **-ij-**, material epentético que fecha o espaço vazio deixado por esse tipo de raiz verbal. A inserção do material epentético acima referido permite que a nasal da MT em forma de imbricação possa ‘supostamente’ ocorrer na posição adequada de acordo com as regras da língua.

Assim, a afixação da MT em forma de imbricação (19a), por um lado, provoca a assimilação da nasal da MT ao ponto de articulação da consoante seguinte, mas, por outro lado, causa ou a semivocalização ou a elisão da vogal alta do final da raiz, quando esta é seguida da vogal alta anterior do material epentético **[-ij-]** (19b_(i)).

Por conseguinte, a semivocalização da vogal alta do final da raiz causa a labialização de /r/. No entanto, em temas verbais onde a nasal da imbricação é afixada antes da vogal longa, visto que a nasal em causa sempre antecede a uma outra consoante e, logo, se torna mórica, a sua afixação provoca a redução vocálica (19b_(ii)), fazendo com que a vogal longa precedente se realize de forma breve (19b_(iii)).

Todavia, em formas verbais onde a consoante final da raiz verbal é antecedida de uma consoante mórica, a afixação da nasal de imbricação entre tal nasal mórica e a consoante final da raiz (19b_(i)), para além da assimilação da nasal da MT ao ponto de articulação da consoante seguinte (19b_(ii)), esta nasal provoca a elisão da nasal precedente (19b_(iii)).

Por fim, afixa-se a MS (19c), processo morfológico que provoca hiatos em verbos de raiz verbal de estrutura **-VC(...)-** cuja resolução foi descrita em (15d_(ii)).

4.4 Forma negativa

A negação das formas verbais do passado recente é marcada morfológicamente por um prefixo que se afixa à forma verbal na posição imediatamente antes da MS. Na primeira pessoa gramatical, dependendo do número, ela é marcada por uma consoante nasal **N-**, quando o sujeito é do singular e pelo morfema /**k^ha-**/, quando o sujeito é do plural, como se pode observar nos dados que se seguem:

20.a) (i): nkilyaale /**N**-ki-li-ale/ [ŋkil^ja:le] ‘não comi’

(ii):	nkilin'ye	/N-ki-li-iN-je/	[ŋkiliŋje]	'não comi'
b) (i):	nkilepale	/N-ki-lep-ale/	[ŋkilepale]	'não escrevi'
(ii):	nkilempe	/N-ki-le-N-p-e/	[ŋkilempe]	'não escrevi'

Como se pode notar em (20), quando o sujeito é a primeira pessoa do singular, a negação é marcada pelo morfema **N-** que se afixa na posição imediatamente antes da MS.

21.a) (i):	khanilyaale	/k ^h a-ni-li-ale/	[k ^h anil ^j a:le]	'não comémos'
(ii):	khanilin'ye	/k ^h a-ni-li-iN-je/	[k ^h aniliŋje]	'não comémos'
b) (i):	khanilepale	/k ^h a-ni-lep-ale/	[k ^h anilepale]	'não escrevémos'
(ii):	khanilempe	/k ^h a-ni-le-N-p-e/	[k ^h anilempe]	'não escrevémos'

Em (21) ilustra-se que, quando o sujeito é a primeira pessoa do plural, a negação é marcada pelo morfema /k^ha-/. No entanto, o passado recente na forma negativa é marcado ou por /-ale/ ou, então, por /-(i)N-(j)e/.

Por ser nasal, quando ocorre em posição imediatamente antes da MS, a MN da primeira pessoa do singular assimila o ponto de articulação da consoante seguinte, como se pode notar a seguir:

22.	Raiz:	/-vi-/	/-ru-/	/- unl -/	/-emeʃ-/
a).	Morf.:	-vi-ale	-ru-ale	-inl-ale	-emeʃ-ale
b).	Fonol. (i):	-vjale	-rwale	-inlale	-emeʃale
	Fonol. (ii):	-l ^j ale	-r ^w ale	NA	NA
	Fonol. (iii):	-v ^j a:le	-r ^w a:le	NA	NA
c).	Morf.:	ki-v ^j a:le	ki-r ^w a:le	ki-inlale	ki-emeʃale
		ni-v ^j a:le	ni-r ^w a:le	ni-inlale	ni-emeʃale

d). Fonol. (i):	kiv ^j a:le	kir ^w a:le	køinlale	køemeʃale
	niv ^j a:le	niru ^w a:le	nøinlale	nøemeʃale
Fonol. (ii):	NA	NA	kinlale	ko:lepa
	NA	NA	ninlale	no:lepa
e) Morf.:	N-kiv ^j a:le	N-kir ^w a:le	N-kinlale	N-ke:meʃale
	k ^h a-niv ^j a:le	k ^h a-nir ^w a:le	k ^h a-ninlale	k ^h a-ne:meʃale
f) Fonol.:	ŋkiv ^j a:le	ŋkir ^w a:le	ŋkinlale	ŋke:meʃale
	k ^h aniv ^j a:le	k ^h anir ^w a:le	k ^h aninlale	k ^h ane:meʃale
g) ES:	[ŋkiv ^j a:le]	[ŋkir ^w a:le]	[ŋkinlale]	[ŋke:meʃale]
Gloss.:	não me queimei	não vim	não chorei	não levantei
	[k ^h aniv ^j a:le]	[k ^h anir ^w a:le]	[k ^h aninlale]	[k ^h ane:meʃale]
Gloss.:	não nos queimámos	não viámos	não chorámos	não levantámos

Em (22) pode constatar-se que as etapas morfológicas e os processos fonológicos com os quais se interrelaçam são os mesmos observados em (15), exceptuando-se a fase final. Isto é, enquanto em (15) se finaliza com a afixação da MS (15c) e os processos fonológicos dele decorrentes (15d) até à forma fonética (15e), em (22) finaliza-se com afixação da MN (22e) e as consequentes regras fonológicas (22f) que determinam a forma fonética (22g) onde, na essência, se destaca a assimilação da nasal (MN da primeira pessoa do singular) ao ponto de articulação da consoante seguinte (22f).

A seguir, apresenta-se a negação do passado recente em forma de imbricação:

23. Raiz:	/-unl-/	/-ti:n-/	/-ru-/	/-vi-/
a). Morf.:	-un-N-l-e	-ti:-N-n-e	-ru-iN-je	-vi-iN-je
b). Fonol. (i):	-unnle	-ti:nne	-rwiŋje	-vøiŋje
Fonol. (ii):	-uønle	-tiønne	-r ^w iŋje	-viŋje
Fonol. (iii):	-unle	-tinne	NA	NA

c). Morf.:	ki-unle	ki-tinne	ki-r ^w ijje	ki-v ^j ijje
	ni-unle	ni-tinne	ni-r ^w ijje	ni-v ^j ijje
d). Fonol. (i):	køunle	kitinne	kir ^w ijje	kiv ^j ijje
	nøunle	nitinne	nir ^w ijje	niv ^j ijje
Fonol. (ii):	kunle	NA	NA	NA
	nunle	NA	NA	NA
e) Morf.:	N-kunle	N-kitinne	N-kir ^w ijje	N-kiv ^j ijje
	k ^h a-nunle	k ^h a-nitinne	k ^h a-nir ^w ijje	k ^h a-niv ^j ijje
f) Fonol.:	ŋkunle	ŋkitinne	ŋkir ^w ijje	ŋkiv ^j ijje
	k ^h anunle	k ^h anitinne	k ^h anir ^w ijje	k ^h aniv ^j ijje
g) ES:	[ŋkunle]	[ŋkitinne]	[ŋkir ^w ijje]	[ŋkiv ^j ijje]
Gloss.:	não chorei	não belisquei	não vim	não me queimei
	[k ^h anunle]	[k ^h anitinne]	[k ^h anir ^w ijje]	[k ^h aniv ^j ijje]
Gloss.:	não chorámos	não beliscámos	não viémos	não nos queimámos

Em (23) apresentam-se as etapas morfológicas e a sua relação com fenómenos fonológicos responsáveis pela forma como as palavras são pronunciadas. As formas apresentadas em (23) correspondem à negação das formas afirmativas apresentadas em (19). Aliás, como se pode depreender, as etapas morfológicas de (23) e os processos fonológicos com os quais elas desencadeiam são os mesmos observados em (19), exceptuando a parte final. Enquanto em (19) se finaliza com a afixação da MS (19c) e as regras fonológicas dela decorrentes (19d) até à forma fonética (19g), em (23) finaliza-se com afixação da MN (23e) e as consequentes regras fonológicas (23f) que determinam na forma fonética (23g). Na essência, tal como se sublinhou em (22), o que se tem a destacar em (23) é a assimilação da nasal (MN da primeira pessoa do singular) ao ponto de articulação da consoante seguinte (23f).

4.5 Constatações gerais

Das formas verbais analisadas neste estudo, nota-se que o passado recente em Emakhuwa pode ser marcado morfológicamente através de três morfemas básicos, a saber: prefixo /-**ho-**/, sufixo /-**ale**/ e o morfema descontínuo /-(**i**)**N**-(**j**)**e**/.

O morfema /-**ho-**/ pode apresentar-se sob a forma de [-**ho** : -] quando se afixa a um tema monossilábico; sob a forma de [-**h-**] nos casos em que há elisão de /**o**/ quando a base a que se afixa apresenta uma vogal em posição inicial; ou ainda sob a forma de [-**o** : -] resultante da queda opcional de /**h**/ quando /-**ho-**/ se afixa a um tema ou macrotema verbal polissilábico que tem consoante na posição inicial. Contudo, o mesmo prefixo de MT mantém a sua forma [-**ho-**] quando nele não ocorre a queda opcional de /**h**/ ao afixar-se também a este último tipo de tema ou macrotema verbal.

Quanto ao sufixo /-**ale**/, observa-se que ele se realiza sob a forma de [-**a** : **le**] quando se afixa a raízes verbais de estrutura -**C-** e -**CV-** e se concretiza na sua forma básica quando se afixa a raízes verbais com estrutura -**VC(...)-** e -**CVC(...)-**.

Todavia, a consoante nasal constituinte do morfema /-(**i**)**N**-(**j**)**e**/, ocorrendo sempre na posição anterior a uma consoante, tal como acontece com as outras nasais móricas, sempre assimila o ponto de articulação da consoante seguinte. Assim, à luz da *teoria dos traços distintivos* (CHOMSKY & HALLE 1968), esta regra resume-se da seguinte maneira:

24. [+nas] —————> [αlug] / — [αlug]

A regra fonológica formalizada em (24) sistematiza aquilo que Kisseberth & Odden (2003) definiram como o princípio morfofonémico mais importante que afecta as consoantes em Emakhuwa, interpretando-se como ‘a consoante nasal realiza-se com o mesmo ponto de articulação do som seguinte’. Isto é, porque em Emakhuwa o traço [+nas] e o lugar de articulação são inerentes a consoantes, os traços [+nas] e [αlug] constituem os mais distintivos para formalizar a regra fonológica que mais caracteriza a nasal mórica nesta língua em estudo.

Ainda no que diz respeito às regras fonológicas, destaca-se, no decorrer da análise dos dados, que a adjacência de vogais, condição que a língua em análise não tolera, pode provocar vários processos cíclicos e hierarquizados, tais como a elisão ou a semivocalização da vogal antecedente. Estas regras que podem resultar ainda em alongamento compensatório da vogal subsequente quando esta não ocorre no final da palavra ou quando é seguida de consoante nasal mórica, visto que estes últimos contextos fonológicos bloqueiam o alongamento em causa.

Nota-se também que a MT na forma de imbricação ocorre com todos os verbos em forma de uma nasal mórica. Todavia, para a marca da imbricação ocorrer em temas verbais de raiz de estrutura **-C-** ou **-CV-**, exige-se a criação de certas condições morfofonológicas. Porém, quando a nasal mórica ocorre na raiz verbal, não só impede o alongamento compensatório da vogal antecedente, como também provoca a redução vocálica e ainda causa elisão de outra nasal mórica. Neste sentido, ocorre a redução vocálica quando a vogal subjacente longa é imediatamente seguida da nasal mórica em questão, enquanto a elisão da outra nasal mórica acontece quando elas co-ocorrem. Neste sentido, os factos aqui apresentados podem ser interpretados, à luz da *teoria mórica* (HYMAN 1975, 1985), da seguinte maneira:

25. a) $\begin{array}{c} \mu\mu\mu \\ | \quad | \quad | \\ \text{ki-**maa**-**n**-l-e} \end{array} > \begin{array}{c} \mu\mu \\ | \quad | \\ [\text{kimanle}] \end{array} \quad \text{'calei-me'}$
 $\text{ni-**maa**-**n**-l-e} > [\text{nimanle}] \quad \text{'calámo-nos'}$
- b) $\begin{array}{c} \mu\mu\mu \\ | \quad | \quad | \\ \text{k(i)-**un**-**n**-l-e} \end{array} > \begin{array}{c} \mu\mu \\ | \quad | \\ [\text{kunle}] \end{array} \quad \text{'chorei'}$
 $\text{n(i)-**un**-**n**-l-e} > [\text{nunle}] \quad \text{'chorámos'}$

Em (25), a afixação da consoante nasal do morfema descontínuo **/(i)N-(j)e/** na posição imediatamente anterior à última consoante da raiz verbal, contexto antecedido de

uma sequência contígua de duas moras, provoca a elisão da mora imediatamente antecedente da nasal mórica afixada. Assim, em (25a), a afixação da nasal mórica em causa provoca a redução vocálica da vogal longa antecedente, por esta possuir duas moras, enquanto em (25b) causa a elisão da nasal mórica antecedente, por esta ser antecedita de um outro som mórico, neste caso concreto, a vogal /u/. Este facto faz-nos perceber que, em Emakhuwa, há restrição de adjacência de moras. Neste sentido, em uma palavra, apenas pode ser realizada a sequência contígua de duas moras. Todavia, essa adjacência de duas moras pode ocorrer alternadamente na mesma palavra por mais de uma vez. Isto significa que, numa mesma palavra, pode ocorrer a sequências de duas moras seguidas de um segmento não mórico e depois mais outra sequência de duas moras, por aí em diante.

CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Este capítulo apresenta as considerações finais e as respectivas recomendações tidas da análise dos dados recolhidos. Ele procura, por um lado, trazer à tona os pontos de convergências e de divergências entre os resultados de estudos anteriores e os da presente pesquisa, por outro lado, e à luz dos modelos teóricos propostos, relaciona as considerações finais concebidas a partir das constatações observadas com os objectivos e as hipóteses definidos na presente pesquisa.

Assim, o presente capítulo começa por apresentar as conclusões gerais e, de seguida, as devidas recomendações.

5.1 Conclusões

O objectivo geral da presente pesquisa era o analisar os processos fonológicos que decorrem da afixação dos morfemas do passado recente a outros morfemas que constituem a estrutura do verbo em Emakhuwa. Dele, foram definidos três objectivos específicos: (i) identificar os morfemas que compõem a estrutura do verbo, sobretudo a marca do tempo, tanto na forma afirmativa, como na forma negativa; (ii) analisar os contextos fonológicos de ocorrência de cada um dos constituintes da estrutura da forma verbal e (iii) interpretar os processos fonológicos que ditam as variações alomórficas dos constituintes da estrutura do verbo, com maior enfoque as marcas do passado recente em Emakhuwa.

Assim, das constatações gerais apresentadas neste estudo através da análise dos dados, evidencia-se que o passado recente em Emakhuwa pode ser marcado, tanto através do prefixo **/-ho-**, como também por meio do sufixo **/-ale/** e ainda através do morfema descontínuo **/-(i)N-(j)e/**, que decorre do processo de imbricação. Este último morfema ocorre, normalmente, uma parte, especificamente a consoante nasal, no interior da raiz verbal na posição imediatamente antes da última consoante e outra parte no final do verbo. Este facto, por um lado concorda com as conclusões a que Ngunga & Victorino (2002) chegaram, segundo as quais, o passado recente em Emakhuwa pode ser marcado pelo prefixo básico **/-ho-**, mas, por outro lado, discorda da assunção dos autores aqui citados ao considerarem o afixo **/-ale/** como o morfema básico do passado recente que depois se deriva em **[-ij-e]** e **[-an-e]** tendo em conta a natureza do som final da raiz verbal.

Da análise dos dados aqui apresentada, nota-se também que cada afixação de morfemas pode resultar em um ou vários processos fonológicos, dependendo das condições fonológicas criadas. Por isso, à semelhança das conclusões de Ngunga & Victorino (2002), foi assumido que o morfema /-ho-/ pode apresentar-se sob a forma fonética [-o:-], resultado da queda opcional de /h/, quando /-ho-/ se afixa a um tema ou macrotema verbal polissilábico que tem consoantes na posição inicial, ou sob a forma de [-h-] como consequência da elisão de /o/ quando /-ho-/ se afixa a um tema ou macrotema que tem vogal na posição inicial. Mas também foi constatado, no presente estudo, que o afixo /-ho-/ pode apresentar-se sob a forma de [-ho:-] quando se afixa a um tema verbal monossilábico.

Estas constatações provam a hipótese a) da presente pesquisa, segundo a qual, a variação do morfema /-ho-/, prefixo que marca o passado recente em Emakhuwa, é determinada ou por elisão da consoante /h/, quando ele se afixa a uma base verbal de estrutura -CVC(...)-, ou por elisão da vogal /o/, quando ele se afixa a base verbal de estrutura -VC(...)-, ou ainda por alongamento da vogal /o/, quando ele se afixa a uma base verbal monossilábica.

Assim, os alomorfos [-ho-] e [-o:-] ocorrem em variação livre em tema ou macrotema verbal de estrutura -CVC(...)- (confira-se nos dados 9 e 10), sem que seja necessariamente o afixo [-o:-] a forma fonética restrita para este tipo de raiz ou tema verbal, como tentaram defender Ngunga & Victorino (2002).

Contudo, os alomorfos (i) [-ho-] ou [-o:-], (ii) [-ho:-] e (iii) [-h-] ocorrem em distribuição complementar, visto que cada um deles ocorre em contextos restritos, isto é, onde um ocorre, os outros não ocorrem. Sublinhe-se que a comparação aqui feita é entre (i), (ii) e (iii).

Porém, a validação da hipótese a) discorda ainda da reformulação, segundo a qual, o prefixo /-ho-/ mantém a sua forma básica somente quando se afixa à raiz verbal com estrutura do tipo -CV-, como também tentaram concluir Ngunga & Victorino (2002). Além disso, os dados (7b-e) evidenciam que o prefixo /-ho-/ muda de forma quando se afixa a formas verbais de raiz com a estrutura aqui destacada.

Sublinha-se ainda, neste estudo, que a ligação entre morfemas acontece em etapas e cada uma delas intrinsicamente ligada a regras fonológicas responsáveis pela forma como os falantes pronunciam. Nesse sentido, faz-se perceber que as formas fonéticas das palavras são resultado de diferentes etapas de ligações morfológicas estabelecidas de forma hierarquizada e que a ocorrência de cada uma delas, antes de passar para outra, é submetida a um conjunto de regras fonológicas que ditam as formas fonéticas dos morfemas que se ligam uns aos outros. E é com base nessa relação morfofonológica hierarquizada que se faz a interpretação das diferentes estruturas verbais do passado recente trazidas no presente estudo.

Na sequência desta percepção, destaca-se que, durante a ligação entre morfemas, a adjacência de vogais, condição que a língua em análise não tolera, sempre provoca processos cíclicos e hierarquizados de acordo com a natureza das vogais em causa. Por exemplo, evidencia-se que a eliminação da sequência de vogais pode provocar ou elisão ou semivocalização da vogal antecedente. Por conseguinte, a semivocalização causa ou palatalização ou labialização ou ainda velarização da consoante precedente. Tanto a elisão, como a semivocalização da vogal antecedente podem causar o alongamento compensatório da vogal subsequente, se esta não se encontrar em situações que inibem este último processo fonológico. Assim, a sequência destes processos evidencia que, na resolução de hiatos, por exemplo, a semivocalização e a elisão de vogais estão hierarquicamente acima do consequente alongamento compensatório. Aliás, mesmo em relação aos processos morfológicos, nota-se também que há morfemas que se afixam antes de outros. Como se observou, a VF, por exemplo, afixa-se à raiz antes da MT, e esta afixa-se ao tema verbal antes da MS, por aí em diante.

Destaca-se aqui a questão do tema ou macro-tema verbal, porque, como se explicou anteriormente, a VF é afixada à raiz antes da MT; logo, o prefixo da MT afixa-se a um tema ou macro-tema verbal e não necessariamente a uma raiz verbal. Adicionalmente, como bem foi evidenciado em Ngunga & Victorino (2002), em Emakhuwa, quando o verbo selecciona um objecto (directo ou indirecto) da classe nominal 1 ou 2, a forma verbal em causa traz dentro da sua estrutura morfológica a **MO**, que ocorre na posição imediatamente antes da raiz. Neste sentido, um verbo de raiz do tipo **-CV-** quando conjugado no passado recente usando o prefixo como MT, **/-ho-/** pode ocorrer tanto em forma de **[-ho-]** como em

forma de [-o : -]. Este facto põe em causa a constatação de Ngunga & Victorino (2002), segundo a qual, [-ho-] é o alomorfo que ocorre restritamente nas formas verbais com a raiz de estrutura -CV-.

Em relação ao sufixo /-ale/, notou que ele ocorre sob a forma de [-a : le] quando se afixa a uma raiz verbal com estrutura -C- e -CV-, e se concretiza na sua forma básica quando se afixa a raízes verbais com estrutura -VC(...)- e -CVC(...)-. Este facto valida a hipótese b) do presente estudo, segundo a qual, a variação do morfema /-ale/, sufixo que marca o passado recente em Emakhuwa, é determinada por alongamento da vogal /a/ quando ele se afixa a uma raiz verbal de estrutura -C- ou -VC-. Neste sentido, os alomorfos [-a : le] e [-ale] estão em distribuição complementar na medida em que eles se excluem mutuamente, isto é, no contexto de ocorrência de um, o outro nunca ocorre.

Voltando aos processos fonológicos inerentes a processos morfológicos ocorridos, destaca-se também que o alongamento compensatório, apesar de constituir uma regra complementar ao processo de eliminação de sequência de vogais, não se manifesta quando:

- (i) a vogal susceptível a este processo ocorre no final da palavra, como se pode testemunhar em (7b-e) e (8b, c), (9h, i) e (10h, i), em que a VF, por ocorrer no final da palavra, não apresenta, na estrutura de superfície, o alongamento compensatório resultante da semivocalização da vogal antecedente;
- (ii) a vogal susceptível a este processo ocorre antes de consoante nasal mórica, como se pode notar em (8g, j), (13g, j), (16b-e) e (17a, b, c, d, f, g, h, j), pois, mesmo sendo subsequente a uma vogal que sofreu elisão, por ser seguida de nasal mórica, a vogal em causa não apresenta, ao nível de estrutura de superfície, o seu alongamento compensatório.

Mas também se percebe que:

- (iii) a nasal mórica, para além de provocar a redução vocálica da vogal antecedente, causa também a elisão da nasal mórica precedente, quando elas co-ocorrem, como se pode observar em (17j) e (23b⁽ⁱⁱ⁾).

A percepção trazida em (iii) diverge-se da constatação de Ngunga & Victorino (2002), segundo a qual, em Emakhuwa, a imbricação não acontece em raízes verbais onde

a nasal mórica ocorre antes da última consoante, pois que ela acontece, afixando-se a nasal da imbricação à raiz verbal no contexto entre a nasal mórica e a última consoante, processo morfológico que causa, em seguida, a elisão da nasal mórica precedente.

Os factos levantados em (ii) e (iii) fazem perceber também que, em Emakhuwa, existem certas restrições de sequência de moras. Neste sentido, numa palavra só é permitida a sequência adjacente de um máximo de duas moras. Pois, mesmo quando algum processo morfológico condiciona a adjacência de mais de duas moras, essa sequência concretiza-se, no máximo, em duas moras. Contudo, isto não significa que, numa mesma palavra, não possa ocorrer várias sequências de duas moras. Porém, esta pode ocorrer seguida de um segmento não mórico e depois mais outra sequência de duas moras, por aí em diante.

Outro dado que merece destaque sobre a nasal mórica é a sua susceptibilidade em assimilar o ponto de articulação da consoante seguinte. Aliás, como bem concluíram Kisseberth & Odden (2003), a assimilação da consoante nasal ao ponto de articulação da consoante seguinte constitui o princípio morfofonémico mais importante que afecta as consoantes em Makhuwa. Este facto prova a hipótese c) da presente pesquisa, segundo a qual, as variações do morfema que marca o passado recente em Emakhuwa na forma de imbricação são determinadas por assimilação da consoante nasal ao ponto de articulação da consoante seguinte, quando o morfema descontínuo */(i)N-(j)e/* se afixa ao verbo.

Reanalizando o passado recente na forma de imbricação, processo que, como afirmamos anteriormente, consiste, no caso específico de Makhuwa, na afixação de um material no interior da raiz na posição imediatamente antes da última consoante, pode-se perceber que tal material que se insere à raiz é uma consoante nasal, um dos constituintes do morfema descontínuo da imbricação.

Entretanto, em raízes verbais de estrutura **-C-** e **-CV-**, porque a sua estrutura interna não condiciona para que a nasal da imbricação seja afixada no interior, na posição imediatamente antes da última consoante, para a imbricação ter lugar, antes é inserido o sufixo **-ij-**, material epentético que fecha o espaço vazio criado pela estrutura do verbo, permitindo, assim, que a nasal em questão possa ‘supostamente’ ocorrer no interior da raiz na posição adequada, segundo as regras da língua. Neste sentido, esta constatação diverge da conclusão apresentada em Ngunga & Victorino (2002), segundo a qual, a forma fonética

[-ije] ocorre somente em verbos de raiz verbal de estrutura **-(...)**CV**-**. A Contradição surge pelo facto de, primeiro, os dados apresentados na presente pesquisa revelarem que todas as formas de imbricação apresentam uma nasal que, por ocorrer antes da “última consoante da raiz verbal”, se realiza com o mesmo ponto de articulação da consoante seguinte, enquanto a forma **[-ije]** trazida pelos autores acima citados não traz tal nasal; segundo, a forma **[-ijnje]** somente ocorre em verbos de raiz verbal de estrutura **-C-** ou **-CV-** e não exclusivamente em verbos de raízes com vogal na posição final. Pois, se isso fosse verdade, os dados (17b, c) e (18i, j), que são verbos de raiz verbal com vogal na posição final, estariam também a apresentar esta mesma forma fonética de imbricação; terceiro, há ainda raiz verbal que tem consoante na posição final que ocorre com a forma fonética **[-ijnje]**, como (16a). Este último dado prova, mais uma vez, que o que restringe a ocorrência da forma fonética **[-ijnje]** não é necessariamente o som final da raiz, mas, sim, a estrutura da raiz verbal. Pois, se a raiz verbal à qual se afixa for **-C-** ou **-CV-**, a nasal de imbricação ocorre entre a vogal **[i]** e a semiconsoante **[j]** do sufixo **[-ij-]** que se afixa a esse tipo de raiz verbal de modo a satisfazer as condições morfofonológicas da imbricação. Contudo, às raízes verbais **-VC(...)-** e **-CVC(...)-**, independentemente do som que estiver a ocorrer na posição final, afixa-se a nasal da imbricação na posição imediatamente antes da última consoante.

Ainda em relação ao morfema da imbricação, Ngunga & Victorino (2002) definem-no como **-an-e**, enquanto neste estudo é reconstituído como **/-(i)N-(j)e/**, visto que, a consoante nasal nele constituinte se apresenta sob a forma do ponto de articulação da consoante seguinte, excepto quando ela ocorre antes da fricativa glotal. Aqui ela se realiza como velar, como se pode notar em (18b). O facto curioso que se levanta através do dado apresentado em (18) leva-nos a assumir que, na matriz fonética de Emakhuwa, a consoante nasal mais recuada é a velar, razão pela qual ela constitui o último recurso que pode ocorrer com as consoantes mais recuadas, já que o princípio geral da nasal mórica desta língua é assimilar o ponto de articulação da consoante seguinte.

No decurso da presente pesquisa, denotou-se também que a VF **/-a/** exclui a marcação do passado recente através do prefixo **/-ale/** e **/-(i)N-(j)e/**.

Todavia, embora os morfemas **/-ho-/**, **/-ale/** e **/-(i)N-(j)e/** marquem o passado recente, os dois últimos afixos, para além de sempre seleccionarem um complemento,

parece apresentarem um papel semântico diferente do primeiro. Ou seja, enquanto o prefixo /-ho-/ tende mais a fornecer uma declaração da acção em si, procurando descrever como a situação decorreu no tempo em causa, os dois últimos morfemas parece mais procurarem dar ênfase ao seu complemento, isto é, topicalizam mais o complemento, mesmo quando este não é seleccionado pelo verbo. Portanto, talvez seja pelo seu papel semântico que estes últimos morfemas seleccionam sempre algum complemento.

Estas percepções fazem com que a presente pesquisa não discuta tanto sobre as relações distribucionais, sobretudo, entre o prefixo /-ho-/ e os outros morfemas em análise (/ale/ e /-(i)N(j)e/), uma vez que os papéis semânticos desempenhados pelo primeiro morfema são relativamente diferentes dos últimos afixos, mesmo todos eles reflectindo situações ocorridas na mesma categoria temporal. Contudo, os dados aqui analisados evidenciam que /-(i)N-(j)e/ e /ale/ estão em **variação livre**, visto que, cada um deles pode afixar-se à mesma base verbal a que o outro se afixa e ambos desempenham o mesmo papel semântico.

Trazidas, assim, todas as considerações gerais levantadas na presente pesquisa, pode-se perceber que a hipótese d) do presente estudo, segundo a qual, as variações dos morfemas que marcam o passado recente em Emakhuwa acontecem de forma livre, independentemente das condições fonológicas que se criam quando eles se afixam a outros morfemas constituintes da estrutura verbal não é válida, visto que os dados aqui apresentados revelaram outras verdades que foram evidenciadas no decurso desta dissertação.

Neste sentido, tendo em conta todas as contatações aqui apresentadas, conjugadas com as hipóteses definidas no presente estudo, no geral, pode concluir-se que as variações dos morfemas que marcam o passado recente em Emakhuwa são determinadas através das condições fonológicas criadas na estrutura da base verbal quando a ela se afixam.

5.2 Recomendações

Como qualquer pesquisa, a presente dissertação não esgota o estudo morfofonológico global da estrutura verbal em Emakhuwa. No entanto, abre um espaço para outros estudos. Por exemplo, no decurso da presente investigação, notou-se que a marcação do passado recente em Emakhuwa através do sufixo /ale/ e /-(i)N-(j)e/ é sempre

acompanhada por um complemento. Contudo, a presença dos complementos em causa não é necessariamente regida pela transividade do verbo, mas pela ocorrência dos morfemas da MT em questão, visto que, mesmo em verbos não transitivos, a presença das marcas de tempo /-ale/ e /-(i)N-(j)e/ é sempre acompanhada por algum complemento.

Logo, não se tendo analisado com profundidade os papéis semânticos dos morfemas da MT no passado recente analisados nesta dissertação, recomenda-se que este estudo constitua um impulso para futuras pesquisas.

Portanto, a partir das análises e conclusões aqui apresentadas e as devidas recomendações, espera-se que o presente trabalho tenha contribuído, sobremaneira, para o enriquecimento do conhecimento da gramática de Emakhuwa e do acervo bibliográfico que esta língua ainda carece.

Bibliografia

- Afido, P. 1998. *Zinisomihya Osoma ni Olepa Emakhuwa (Como Ensinar a Ler e a Escrever Macua)*. Moçambique: AAIM.
- Afido, P. 1997. Contribuição para o Estudo dos Morfemas do Presente do Indicativo no Emakhuwani. Maputo: UEM (Tese de Licenciatura).
- Appolinário, F. 2004. *Dicionário de Metodologia Científica: Um Guia para a Produção do Conhecimento Científico*. São Paulo: Editora Atlas.
- Azuaga, L. 1996. Morfologia. In I. Faria et al (Orgs). 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho [pp. 215-244].
- Bauer, L. 1988. *Introducing Linguistic Morphology*. Bristol: J. W. Arrowsmith, Lda.
- Bell, J. 1997. *Como Realizar Um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bernardo, M. 2009a. A Morfofonologia das Marcas do Passado Remoto Imperfectivo em Emakhuwa. In A. Ngunga (Edit). *Lexicografia e Descrição de Línguas Bantu*. Maputo: Centro de Estudos Africanos - UEM [pp. 79-91].
- Bernardo, M. 2009b. Análise Contrastiva nas Formas de Cumprimento entre Português e Emakhuwa. In P. Langa (Edit). *Folha de Linguística e Literatura: Número 13*. Maputo: Imprensa Universitária - UEM [pp. 2-7].
- Cagliari, L. 1997. *Análise Fonológica: Introdução à Teoria e à Prática com Especial Destaque para o Modelo Fonêmico*. Campinas, São Paulo: Edição do Autor.
- Centis, G. 2000. *Método Macua*. Nampula: Centro Catequético Paulo VI.
- Chimuzu, A. 2002. Reorganização do Sistema Nominal em Makhuwa: O Caso dos Nomes dos Animais. Maputo: UEM (Tese de Licenciatura).
- Chomsky, N. & M. Halle. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York, Evanston and London: Harper & Row, Publishers.
- Cipollone, N. et al. 1998. *Language Files*. Seventh Edition. Ohio: Ohio State University Press Columbus, Department of Linguistics.
- Comrie, B. 1985. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dacala, A. 1994. Variação Alomórfica no Nome em Ciyao (Yao) e Cicopi (Copi). Maputo: UEM (Tese de Licenciatura).
- De Matos, A. 1982. *Provérbios Macuas*. Lisboa: IICT.
- Filippi, M. & G. Frizzi. 2005. *Dicionário Xirima - Português e Português - Xirima*.

- Gramática e Algoritização*. Maúá: Centro de Investigação Xirima.
- Gleason Jr, H. 1961. *Introdução à Linguística Descritiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (tradução de João Pinguelo).
- Guthrie, M. 1967-71. *Comparative Bantu*. Volumes I-V. London: Oxford University Press.
- Hayes, B. 2009. *Introductory Phonology*. United Kingdom, London: Wiley-Blackwell.
- Hyman, L. 1975. *Phonology: Theory and Analysis*. San Francisco: Holt, Rinehart and Winston.
- Hyman, L. 1985. *A Theory of Phonological Weight*. Dordrecht: Foris.
- Katamba, F. 1989. *An Introduction to Phonology*. London & New York: Longman.
- Katamba, F. 2003. Bantu Nominal Morphology. In D. Nurse & G. Philippon (Edits). 2003. *The Bantu Languages*. London: Routledge [103-120].
- Katupha, M. 1988. O Panorama Linguístico de Moçambique e a Contribuição da Linguística na Definição de Uma Política Linguística Apropriada. In *Lua Nova* [pp. 27-31].
- Katupha, M. 1991. *The Grammar of Emakhuwa Verbal Extensions*. London: University of London (Tese de Doutoramento).
- Kawasha, B. 2016. Remote Past and Phonological Process in Kaonde. In D. Payne et al (Edits). 2016. *Diversity in African Languages: Selected Papers from the 46th Annual Conference on African Linguistics (Contemporary African Linguistics 1)*. Berlin: Language Science Press [pp. 183-200].
- Kindell, G. 1981. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, DF.
- Kiparsky, P. 1982. Lexical Morphology and Phonology. In *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: The Linguistics Society of Korea.
- Kiparsky, P. 1985. Some Consequences of Lexical Phonology. In *Phonology Yearbook 2* [pp. 83-135].
- Kisseberth, C. & D. Odden. 2003. Makhuwa Phonology. In D. Nurse & G. Philippon. (Edits). 2003. *The Bantu Languages*. London: Routledge [pp. 548-565].
- Kula, N. 2001. Imbrication in Bemba. In E. Hume et al (Edits). 2001. *Surface Syllable Structure and Segment Sequencing: HIL Occasional Papers*. [pp. 102-116].

- Ladefoged, P. 1993. *A Course in Phonetics*. Third Edition. Harcourt Brace Jovanovitch College Publisher.
- Langa, D. 2008. O Aspecto no Passado Afirmativo na Morfologia Verbal do Changana. Maputo: UEM (Tese de Mestrado).
- Langa, D. 2013. *Morfofonologia do Verbo em Changana*. Maputo: Centro de Estudos Africanos - UEM.
- Liphola, M. 2001. Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde. Ohio: The Ohio State University (Tese de Doutoramento).
- Liphola, M. 2015. *Morfologia de Shimakonde*. Maputo: Imprensa Universitária – UEM.
- Marconi, M. & E. Lakatos. 2008. *Metodologia do Trabalho Científico*. 7ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Martinez, F. 1989. *O Povo Macua e a Sua Cultura*. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Massimaculo, P. A. 2004. Reduplicação Verbal em Eshirima. Maputo: UEM (Tese de Licenciatura).
- Mateus, M. 1989. *Gramática da Língua Portuguesa*. 3ª Edição. Lisboa: Editorial Caminho.
- Medeiros, E. 1995. Os Senhores da Floresta. Coímbra: Universidade de Coímbra (Tese de Doutoramento).
- Meeussen, A. 1967. *Bantu Grammatical Reconstructions*. Tervuren: Annales du Musée Royale de L’Afrique Centrale.
- Mohanan, K. 1982. The Theory of Lexical Phonology. Massachusetts Institute of Technology (Tese de Doutoramento).
- NELIMO. 1989. *Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: INDE-NELIMO - UEM.
- Ngunga, A. 1998. Imbrication in Ciyao. In I. Maddieson & T. Hinnebusch (Edits). *Language History and Linguistic Description in Africa*. Trenton, NJ: Africa World Press, Inc. [pp.167-176].
- Ngunga, A. 2000. *Phonology and Morphology of the Ciyao Verb*. California: Center for the Study of Language and Information.

- Ngunga, A. 2002. *Elementos da Gramática da Língua Yao*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, A. 2014. *Introdução à Linguística Bantu*. 2ª Edição. Maputo: Imprensa Universitária - UEM.
- Ngunga, A. (Edit). 2015. *Elementos de Linguística Teórica e Descritiva das Línguas Bantu*. Maputo: Centro de Estudos Africanos – UEM.
- Ngunga, A. & A. Victorino. 2002. Recent Past in the Emakhuwa. In *LASU Jornal, Volume 2* [pp. 62-75].
- Ngunga, A. & O. Faquir. 2011. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos – UEM.
- Nhantumbo, N. 2015. A Morfofonologia das Marcas do Tempo Presente e Futuro em Copi. In A. Ngunga (Edit). 2015. *Elementos de Linguística Teórica e Descritiva das Línguas Bantu*. Maputo: Centro de Estudos Africanos - UEM [pp. 169-194].
- Petter, M. 2003. Morfologia. In J. Fiorin (Org). 2003. *Introdução à Linguística: Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto [pp. 56-80].
- Prata, A. (s/d). *Dicionário Português - Macua*. (s / l): Cucujães - Sociedade Missionária Portuguesa.
- Prata, A. 1960. *Gramática da Língua Macua (e Seus Dialectos)*. Lisboa: Cucujães - Sociedade Missionária Portuguesa.
- Prata, A. 1990. *Dicionário Macua - Português*. Lisboa: Cucujães – Sociedade Missionária Portuguesa.
- Schadeberg, T. 1999. Katupha's Law in Makhuwa. In J. Hombert & L. Hyman (Edits). *Bantu Historical Linguistics: Theoretical and Empirical Perspectives*. California: CSLI Publications.
- Sitoe, B. 1986. *Dicionário Changana*. Maputo: INDE.
- Sitoe, B. & A. Ngunga (Edits). 2000. *Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO/UEM.
- Victorino, V. 1995. Estudo Comparativo Fonológico das Variantes do Emakhuwa: Implicações Ortográficas. Maputo: UEM (Tese de Licenciatura).
- Weiss, H. 1988. *Introdução à Fonética Articulatória: Guia de Exercícios*. São Paulo: Almedina.

ANEXOS

Anexo 1: Guião de entrevista usado na recolha de dados



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Guião de Entrevista para a Recolha de Dados de Emakhuwa

1: Dados pessoais do informante (consultor linguístico)

Nome completo: _____;

Natural de: _____; Idade: _____ Anos;

Língua Materna: _____; Género: _____;

Outras língua que fala: _____

2: *Das frases em Português que se seguem, apresente todas as formas correspondentes em Emakhuwa:*

A: Forma afirmativa

01. Hoje defequei de manhã.

Hoje defecámos de manhã.

02. Ontem comi manga.

Ontem comémos manga.

03. Hoje vim aqui.

Hoje viémos aqui.

04. Ontem vi peixes.
Ontem vímos peixes.
05. Hoje andei a pé.
Hoje andámos a pé.
06. Ontem cantei a música de Warila.
Ontem cantámos a música de Warila.
07. Hoje semeiei mapira.
Hoje semeámos mapira.
08. Ontem murmurei à noite.
Ontem murmurámos à noite.
09. Hoje chorei de manhã.
Hoje chorámos de manhã.
10. Ontem cheguei a casa dele.
Ontem chegámos a casa dele.
11. Hoje ‘apodrecí’ nas narinas.
Hoje ‘apodrecémos’ nas narinas.
12. Ontem metí dinheiro no bolso.
Ontem metémos dinheiro no bolso.
13. Hoje construí casa.
Hoje construímos casa.
14. Ontem levei os livros.
Ontem levámos os livros.
15. Hoje calei-me de manhã.
Hoje calámo-nos de manhã.
16. Ontem batí à árvore.
Ontem batémos à árvore.
17. Hoje ceifei mexoeira.
Hoje ceifámos mexoeira.
18. Ontem escrevi um livro.
Ontem escrevémos um livro.

19. Hoje saltei à corda.
Hoje saltámos à corda.
20. Ontem subí árvore.
Ontem subímos árvore.
21. Hoje deitei caril.
Hoje deitámos caril.
22. Ontem sonhei muito.
Ontem sonhámos muito.
23. Hoje mordí o dedo dele.
Hoje mordémos o dedo dele.
24. Ontem ‘enfeiticei’ a chuva.
Ontem ‘enfeitiçámos’ a chuva.
25. Hoje passei pela escola.
Hoje passámos pela escola.
26. Ontem cultivei mapira.
Ontem cultivámos mapira.
27. Hoje arranquei o pico do pé.
Hoje arrancámos o pico do pé.
28. Ontem retorecí a corda.
Ontem retorcémos a corda.
29. Hoje lancei as pedras.
Hoje lançámos as pedras.
30. Ontem gozei a vida ‘muito bem’.
Ontem gozámos a vida ‘muito bem’.
31. Hoje orei em casa.
Hoje orámos em casa.
32. Ontem saí de manhã.
Ontem saímos de manhã.
33. Hoje sacudí as pernas.
Hoje sacudímos as pernas.

34. Ontem apontei a montanha.
Ontem apontámos a montanha.
35. Hoje mendiguei na mesquita.
Hoje mendigámos na mesquita.
36. Ontem ocultei o falecimento.
Ontem ocultámos o falecimento.
37. Hoje paguei o carro.
Hoje pagámos o carro.
38. Ontem dei conselhos em casa.
Ontem démos conselhos em casa.
39. Hoje varrí o pátio.
Hoje varrémos o pátio.
40. Ontem limpei a machamba.
Ontem limpámos a machamba.
41. Hoje pilei arroz.
Hoje pilámos arroz.
42. Ontem coloquei enxada na árvore.
Ontem colocámos enxada na árvore.
43. Hoje esfreguei os pés.
Hoje esfregámos os pés.
44. Ontem confessei na igreja.
Ontem confessámos na igreja.
45. Hoje amaldiçoei a sorte dele no rio.
Hoje amaldiçoámos a sorte dele no rio.
46. Ontem medí a porta.
Ontem medímos a porta.
47. Hoje ‘ginguei’ muito.
Hoje ‘gingámos’ muito.
48. Ontem olhei para fora.
Ontem olhámos para fora.

49. Hoje belisquei a barriga.
Hoje beliscámos a barriga.
50. Ontem afiei facas.
Ontem afiámos facas.
51. Hoje rasguei a sacola.
Hoje rasgámos a sacola.
52. Ontem acabei o trabalho à noite.
Ontem acabámos o trabalho à noite.
53. Hoje pisei o rato de carro.
Hoje pisámos o rato de carro.
54. Ontem chupei o leite da mama da tia Alima.
Ontem chupámos o leite da mama da tia Alima.
55. Hoje procurei a rede.
Hoje procurámos a rede.
56. Ontem ‘noivei’ na casa do Napawa.
Ontem ‘noivámos’ na casa do Napawa.
57. Hoje brilhei muito.
Hoje brilhámos muito.
58. Ontem cansei-me muito.
Ontem cansámo-nos muito.
59. Hoje bebí muita água.
Hoje bebémos muita água.
60. Ontem engoli sementes de gergelim.
Ontem engolímos sementes de gergelim.
61. Hoje decaí muito.
Hoje decaímos muito.
62. Ontem falei coisas boas.
Ontem falámos coisas boas.
63. Hoje cresci muito.
Hoje crescémos muito.

64. Ontem abaixei-me na machamba.
Ontem abaixámo-nos na machamba.
65. Hoje parti o bambúm.
Hoje partímos o bambúm.
66. Ontem saldei a minha economia.
Ontem saldámos a nossa economia.
67. Hoje torrei sementes de abóbora.
Hoje torrámos sementes de abóbora.
68. Ontem cozinhei peixe.
Ontem cozinhámos peixe.
69. Hoje ajoelhei-me no chão.
Hoje ajoelhámo-nos no chão.
70. Ontem pisei o rato.
Ontem pisámos o rato.
71. Hoje cometi adultério de manhã.
Hoje cometémos adultério de manhã.
72. Ontem atravessei o rio.
Ontem atravessámos o rio.
73. Hoje zanguei-me muito.
Hoje zangámo-nos muito.
74. Ontem corri à noite.
Ontem corrémos à noite.
75. Hoje fiz um clique no volume do rádio.
Hoje fizémos um clique no volume do rádio.
76. Ontem fiz muito barulho.
Ontem fizémos muito barulho.
77. Hoje diminui o arroz.
Hoje diminuímos o arroz.
78. Ontem despejei o caril.
Ontem despejámos o caril.

79. Hoje rebentei a corda.
Hoje rebentámos a corda.
80. Ontem vomitei no chão.
Ontem vomitámos no chão.
81. Hoje cortei a linha com unha.
Hoje cortámos a linha com unha.
82. Ontem cortei a linha com tesoura.
Ontem cortámos a linha com tesoura.
83. Hoje respirei bem.
Hoje respirámos bem.
84. Ontem anunciei o comportamento dele.
Ontem anunciámos o comportamento dele.
85. Hoje fiz côcegas nas pernas dele.
Hoje fizémos côcegas nas pernas dele.
86. Ontem provoqueei um problema.
Ontem provocámos um problema.
87. Hoje bocejei muito.
Hoje bocejámos muito.
88. Ontem espirrei muito à noite.
Ontem espirrei muito à noite.
89. Hoje lembrei-me da verdade.
Hoje lembrámo-nos da verdade.
90. Ontem rebelei-me em casa.
Ontem rebelámo-nos em casa.
91. Hoje furei o saco de arroz.
Hoje furámos o saco de arroz.
92. Ontem destruí casa.
Ontem destrímos casa.
93. Hoje arrombei a porta.
Hoje arrombámos a porta.

94. Ontem escorreguei no rio.
Ontem escorregámos no rio.
95. Hoje agitei as formigas.
Hoje agitámos as formigas.
96. Ontem entortei a faca.
Ontem entortámos a faca.
97. Hoje tremí muito.
Hoje tremémos muito.
98. Ontem queimei-me com o sol nos pés.
Ontem queimámo-nos com o sol nos pés.
99. Ontem respondi o chamamento dele.
Ontem respondémos o chamamento dele.
100. Ontem mencionei o nome dele.
Ontem mencionámos o nome dele.

B: Forma negativa

101. Hoje não defeguei de manhã.
Hoje não defecámos de manhã.
102. Ontem não comi manga.
Ontem não comémos manga.
103. Hoje não vim aqui.
Hoje não viémos aqui.
104. Ontem não vi peixes.
Ontem não vímos peixes.
105. Hoje não andei a pé.
Hoje não andámos a pé.
106. Ontem não cantei a música de Warila.
Ontem não cantámos a música de Warila.
107. Hoje não semeiei mapira.
Hoje não semeámos mapira.

108. Ontem não murmurei à noite.
Ontem não murmurámos à noite.
109. Hoje não chorei de manhã.
Hoje não chorámos de manhã.
110. Ontem não cheguei em casa dele.
Ontem não chegámos em casa dele.
111. Hoje não ‘apodrecí’ nas narinas.
Hoje não ‘apodrecémos’ nas narinas.
112. Ontem não metí dinheiro no bolso.
Ontem não metémos dinheiro no bolso.
113. Hoje não construí casa.
Hoje não construámos casa.
114. Ontem não levei os livros.
Ontem não levámos os livros.
115. Hoje não me calei de manhã.
Hoje não nos calámos de manhã.
116. Ontem não batí à árvore.
Ontem não batémos à árvore.
117. Hoje não ceifei mexoeira.
Hoje não ceifámos mexoeira.
118. Ontem não escrevi um livro.
Ontem não escrevémos um livro.
119. Hoje não saltei à corda.
Hoje não saltámos à corda.
120. Ontem não subí árvore.
Ontem não subímos árvore.
121. Hoje não deitei caril.
Hoje não deitámos caril.
122. Ontem não sonhei muito.
Ontem não sonhámos muito.

123. Hoje não mordí o dedo dele.
Hoje não mordémos dedo dele.
124. Ontem não ‘enfeiticei’ a chuva.
Ontem não ‘enfeitiçámos’ a chuva.
125. Hoje não passei pela escola.
Hoje não passámos pela escola.
126. Ontem não cultivei mapira.
Ontem não cultivámos mapira.
127. Hoje não arranquei o pico do pé.
Hoje não arrancámos o pico do pé.
128. Ontem não retorcí a corda.
Ontem não retorcémos a corda.
129. Hoje não lancei as pedras.
Hoje não lancámos as pedras.
130. Ontem não gozei a vida ‘muito bem’.
Ontem não gozámos a vida ‘muito bem’.
131. Hoje não orei em casa.
Hoje não orámos em casa.
132. Ontem não saí de manhã.
Ontem não saímos de manhã.
133. Hoje não sacudí as pernas.
Hoje não sacudímos as pernas.
134. Ontem não apontei a montanha.
Ontem não apontámos a montanha.
135. Hoje não mendiguei na mesquita.
Hoje não mendigámos na mesquita.
136. Ontem não ocultei o falecimento.
Ontem não ocultámos o falecimento.
137. Hoje não paguei o carro.
Hoje não pagámos o carro.

138. Ontem não dei conselhos em casa.
Ontem não démos conselhos em casa.
139. Hoje não varrí o pátio.
Hoje não varrémos o pátio.
140. Ontem não limpei a machamba.
Ontem não limpámos a machamba.
141. Hoje não pilei arroz.
Hoje não pilámos arroz.
142. Ontem não coloquei enxada na árvore.
Ontem não colocámos enxada na árvore.
143. Hoje não esfreguei os pés.
Hoje não esfregámos os pés.
144. Ontem não confessei na igreja.
Ontem não confessámos na igreja.
145. Hoje não amaldiçoei a sorte dele no rio.
Hoje não amaldiçoámos a sorte dele no rio.
146. Ontem não medí a porta.
Ontem não medímos a porta.
147. Hoje não ‘ginguei’ muito.
Hoje não ‘gingámos’ muito.
148. Ontem não olhei para fora.
Ontem não olhámos para fora.
149. Hoje não belisquei a barriga.
Hoje não beliscámos a barriga.
150. Ontem não afiei facas.
Ontem não afiámos facas.
151. Hoje não rasguei a sacola.
Hoje não rasgámos a sacola.
152. Ontem não acabei o trabalho à noite.
Ontem não acabámos o trabalho à noite.

153. Hoje não pisei o rato de carro.
Hoje não pisámos o rato de carro.
154. Ontem não chupei o leite da mama da tia Alima.
Ontem não chupámos o leite da mama da tia Alima.
155. Hoje não procurei a rede.
Hoje não procurámos a rede.
156. Ontem não ‘noivei’ na casa do Napawa.
Ontem não ‘noivámos’ na casa do Napawa.
157. Hoje não brilhei muito.
Hoje não brilhámos muito.
158. Ontem não me cansei muito.
Ontem não nos cansámos muito.
159. Hoje não bebí muita água.
Hoje não bebémos muita água.
160. Ontem não engoli sementes de gergelim.
Ontem não engolímos sementes de gergelim.
161. Hoje não decaí muito.
Hoje não decaímos muito.
162. Ontem não falei coisas boas.
Ontem não falámos coisas boas.
163. Hoje não cresci muito.
Hoje não crescémos muito.
164. Ontem não me abaixei na machamba.
Ontem não nos abaixámos na machamba.
165. Hoje não parti o bambúm.
Hoje não partímos o bambúm.
166. Ontem não saldei a minha economia.
Ontem não saldámos a nossa economia.
167. Hoje não torrei sementes de abóbora.
Hoje não torrámos sementes de abóbora.

168. Ontem não cozinhei peixe.
Ontem não cozinhámos peixe.
169. Hoje não me ajoelhei no chão.
Hoje não nos ajoelhámos no chão.
170. Ontem não pisei rato.
Ontem não pisámos rato.
171. Hoje não cometi adultério de manhã.
Hoje não cometémos adultério de manhã.
172. Ontem não atravessei o rio.
Ontem não atravessámos o rio.
173. Hoje não me zanguei muito.
Hoje não nos zangámos muito.
174. Ontem não corri à noite.
Ontem não corrémos à noite.
175. Hoje não fiz um clique no volume do rádio.
Hoje não fizémos um clique no volume do rádio.
176. Ontem não fiz muito barulho.
Ontem não fizémos muito barulho.
177. Hoje não diminui o arroz.
Hoje não diminuímos o arroz.
178. Ontem não despejei o caril.
Ontem não despejámos o caril.
179. Hoje não rebentei a corda.
Hoje não rebentámos a corda.
180. Ontem não vomitei no chão.
Ontem não vomitámos no chão.
181. Hoje não cortei a linha com unha.
Hoje não cortámos a linha com unha.
182. Ontem não cortei a linha com tesoura.
Ontem não rebentámos a linha com tesoura.

183. Hoje não respirei bem.
Hoje não respirámos bem.
184. Ontem não anunciei o comportamento dele.
Ontem não anunciámos o comportamento dele.
185. Hoje não fiz côcegas nas pernas dele.
Hoje não fizémos côcegas nas pernas dele.
186. Ontem não provoqueei um problema.
Ontem não provocámos um problema.
187. Hoje não bocejei muito.
Hoje não bocejámos muito.
188. Ontem não espirrei muito à noite.
Ontem não espirrei muito à noite.
189. Hoje não me lembrei da verdade.
Hoje não nos lembrámos da verdade.
190. Ontem não me rebelei em casa.
Ontem não nos rebelámos em casa.
191. Hoje não furei o saco de arroz.
Hoje não furámos o saco de arroz.
192. Ontem não destruí casa.
Ontem não destrímos casa.
193. Hoje não arrombei a porta.
Hoje não arrombámos a porta.
194. Ontem não escorreguei no rio.
Ontem não escorregámos no rio.
195. Hoje não agitei as formigas.
Hoje não agitámos as formigas.
196. Ontem não entortei a faca.
Ontem não entortámos a faca.
197. Hoje não tremí muito.
Hoje não tremémos muito.

198. Ontem não me queimei com o sol nos pés.
Ontem não nos queimámos com o sol nos pés.
199. Ontem não respondi o chamamento dele.
Ontem não respondémos o chamamento dele.
200. Hoje não mencionei o nome dele.
Hoje não mencionámos o nome dele.

3: Desfecho da entrevista

Entrevista conduzida por: _____ ;
Função: _____ ;
Local da entrevista: _____ ;
Data da entrevista: ____ / 12 / 2016; Horas (início): ____ : ____ ; (término): ____ / ____
Observações:.....

Anexo 2: Guião de entrevista com os dados recolhidos



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Guião de Entrevista com Dados de Emakhuwa

1: Dados pessoais do informante (consultor linguístico)

Nome completo: _____;

Natural de: _____; Idade: _____ Anos;

Língua Materna: _____; Género: _____;

Outras língua que fala: _____

2: *Dados de Emakhuwa correspondentes às frases fornecidas no guião de entrevista em Português:*

A: Forma afirmativa

01. Olelo kihoonya wiiciso.

Olelo kinyaale wiiciso.

Olelo kinyin'ye wiiciso.

Olelo nihoonya wiiciso.

Olelo ninyaale wiiciso.

Olelo ninyin'ye wiiciso.

02. Nsana kihoolya emanka.

Nsana kilyaale emanka.

- Nsana kilin'ye emanka.
Nsana nihoolya emanka.
Nsana nilyaale emanka.
Nsana nilin'ye emanka.
03. Olelo kihoorwa va.
Olelo kirwaale va.
Olelo kirwin'ye va.
Olelo nihoorwa va.
Olelo nirwaale va.
Olelo nirwin'ye va.
04. Nsana kihoona ihopa.
Nsana koonale ihopa.
Nsana konne ihopa.
Nsana nihoona ihopa.
Nsana noonale ihopa.
Nsana nonne ihopa.
05. Olelo kiheetta vathi.
Olelo keettale vathi.
Olelo kentte vathi.
Olelo niheetta vathi.
Olelo neettale vathi.
Olelo nentte vathi.
06. Nsana kihiiipa nsipo na Warila.
Nsana kiipale nsipo na Warila.
Nsana kimpe nsipo na Warila.
Nsana nihiipa nsipo na Warila.
Nsana niipale nsipo na Warila.
Nsana nimpe nsipo na Warila.
07. Olelo kihaala meelee.
Olelo kaalale meelee.
Olelo kanle meelee.

- Olelo nihaala meele.
Olelo naalale meele.
Olelo nanle meele.
08. Nsana kihaapa ohiyu.
Nsana kaapale ohiyu.
Nsana kampe ohiyu.
Nsana nihaapa ohiyu.
Nsana naapale ohiyu.
Nsana nampe ohiyu.
09. Olelo kihinla wiiciso.
Olelo kinlale wiiciso.
Olelo kinle wiiciso.
Olelo nihinla wiiciso.
Olelo ninlale wiiciso.
Olelo ninle wiiciso.
10. Nsana kihophiya owaani wawe.
Nsana koophiya owaani wawe.
Nsana kiphiyale owaani wawe.
Nsana kiphin'ye owaani wawe.
Nsana nihophiya owaani wawe.
Nsana noophiya owaani wawe.
Nsana niphiyale owaani wawe.
Nsana niphin'ye owaani wawe.
11. Olelo kihuntta mphulani.
Olelo kunttale mphulani.
Olelo kuntte mphulani.
Olelo nihuntta mphulani.
Olelo nunttale mphulani.
Olelo nuntte mphulani.
12. Nsana kihohela musurukhu mmahotthani.
Nsana koohela musurukhu mmahotthani.

- Nsana kihelale musurukhu mmahotthani.
Nsana kihenle musurukhu mmahotthani.
Nsana nihohela musurukhu mmahotthani.
Nsana noohela musurukhu mmahotthani.
Nsana nihelale musurukhu mmahotthani.
Nsana nihenle musurukhu mmahotthani.
13. Olelo kihoteka empa.
Olelo kooteka empa.
Olelo kitekale empa.
Olelo kitenke empa.
Olelo nihoteka empa.
Olelo nooteka empa.
Olelo nitekale empa.
Olelo nitenke empa.
14. Nsana kihokuxa iliivuru.
Nsana kookuxa iliivuru.
Nsana kikuxale iliivuru.
Nsana kikunxe iliivuru.
Nsana nihokuxa iliivuru.
Nsana nookuxa iliivuru.
Nsana nikuxale iliivuru.
Nsana nikunxe iliivuru.
15. Olelo kihomaala wiiciso.
Olelo koomaala wiiciso.
Olelo kimaalale wiiciso.
Olelo kimanle wiiciso.
Olelo nihomaala wiiciso.
Olelo noomaala wiiciso.
Olelo nimaalale wiiciso.
Olelo nimanle wiiciso.

16. Nsana kihomana mwiri.
Nsana koomana mwiri.
Nsana kimanale mwiri.
Nsana kimanne mwiri.
Nsana nihomana mwiri.
Nsana noomana mwiri.
Nsana nimanale mwiri.
Nsana nimanne mwiri.
17. Olelo kichohepa mahele.
Olelo koohepa mahele.
Olelo kihepale mahele.
Olelo kihempe mahele.
Olelo nihohepa mahele.
Olelo noohepa mahele.
Olelo nihepale mahele.
Olelo nihempe mahele.
18. Nsana kiholepa eliivuru.
Nsana koolepa eliivuru.
Nsana kilepale eliivuru.
Nsana kilempe eliivuru.
Nsana niholepa eliivuru.
Nsana noolepa eliivuru.
Nsana nilepale eliivuru.
Nsana nilempe eliivuru.
19. Olelo kihotupha mukhoyi.
Olelo kootupha mukhoyi.
Olelo kituphale mukhoyi.
Olelo kitumphe mukhoyi.
Olelo nihotupha mukhoyi.
Olelo nootupha mukhoyi.
Olelo nituphale mukhoyi.

- Olelo nitumphe mukhoyi.
20. Nsana kihowela mwiri.
Nsana koowela mwiri.
Nsana kiwelale mwiri.
Nsana kiwenle mwiri.
Nsana nihowela mwiri.
Nsana noowela mwiri.
Nsana niwelale mwiri.
Nsana niwenle mwiri.
21. Olelo kihoriha muhusi.
Olelo kooriha muhusi.
Olelo kirihale muhusi.
Olelo kirinhe muhusi.
Olelo nihoriha muhusi.
Olelo nooriha muhusi.
Olelo nirihale muhusi.
Olelo nirinhe muhusi.
22. Nsana kiholoha vanceene.
Nsana kooloha vanceene.
Nsana kilohale vanceene.
Nsana kilonhe vanceene.
Nsana niholoha vanceene.
Nsana nooloha vanceene.
Nsana nilohale vanceene.
Nsana nilonhe vanceene.
23. Olelo kiholuma ekatha aya.
Olelo kooluma ekatha aya.
Olelo kilumale ekatha aya.
Olelo kilumme ekatha aya.
Olelo niholuma ekatha aya.
Olelo nooluma ekatha aya.

- Olelo nilumale ekatha aya.
Olelo nilumme ekatha aya.
24. Nsana kiholowa epula.
Nsana koolowa epula.
Nsana kilowale epula.
Nsana kilon'we epula.
Nsana niholowa epula.
Nsana noolowa epula.
Nsana nilowale epula.
Nsana nilon'we epula.
25. Olelo kihovira oxikola.
Olelo koovira oxikola.
Olelo kivirale oxikola.
Olelo kivinre oxikola.
Olelo nihovira oxikola.
Olelo noovira oxikola.
Olelo nivirale oxikola.
Olelo nivinre oxikola.
26. Nsana kiholima mееe.
Nsana koolima mееe.
Nsana kilimale mееe.
Nsana kilimme mееe.
Nsana niholima mееe.
Nsana noolima mееe.
Nsana nilimale mееe.
Nsana nilimme mееe.
27. Olelo kihokhula mwiiwa nnawoni.
Olelo kookhula mwiiwa nnawoni.
Olelo kikhulale mwiiwa nnawoni.
Olelo kikhunle mwiiwa nnawoni.
Olelo nihokhula mwiiwa nnawoni.

- Olelo nookhula mwiiwa nnawoni.
Olelo nikhulale mwiiwa nnawoni.
Olelo nikhunle mwiiwa nnawoni.
28. Nsana kihoritha mukhoyi.
Nsana kooritha mukhoyi.
Nsana kirithale mukhoyi.
Nsana kirinthe mukhoyi.
Nsana nihoritha mukhoyi.
Nsana nooritha mukhoyi.
Nsana nirithale mukhoyi.
Nsana nirinthe mukhoyi.
29. Olelo kihovonya maluku.
Olelo koovonya maluku.
Olelo kivonyale maluku.
Olelo kivonnye maluku.
Olelo nihovonya maluku.
Olelo noovonya maluku.
Olelo nivonyale maluku.
Olelo nivonnye maluku.
30. Nsana kihopuha vanceene.
Nsana koopuha vanceene.
Nsana kipuhale vanceene.
Nsana kipunhe vanceene.
Nsana nihopuha vanceene.
Nsana noopuha vanceene.
Nsana nipuhale vanceene.
Nsana nipunhe vanceene.
31. Olelo kihoveka owaani.
Olelo kooveka owaani.
Olelo kivekale owaani.
Olelo kivenke owaani.

- Olelo nihoveka owaani.
Olelo nooveka owaani.
Olelo nivekale owaani.
Olelo nivenke owaani.
32. Nsana kihovenya wiiciso.
Nsana koovenya wiiciso.
Nsana kivenyale wiiciso.
Nsana kivennye wiiciso.
Nsana nihovenya wiiciso.
Nsana noovenya wiiciso.
Nsana nivenyale wiiciso.
Nsana nivennyeye wiiciso.
33. Olelo kihotatha myetto.
Olelo kootatha myetto.
Olelo kitathale myetto.
Olelo kitanthe myetto.
Olelo nihotatha myetto.
Olelo nootatha myetto.
Olelo nitathale myetto.
Olelo nitanthe myetto.
34. Nsana kihothoonya myaako.
Nsana koothoonya myaako.
Nsana kithoonyale myaako.
Nsana kithonnye myaako.
Nsana nihothoonya myaako.
Nsana noothoonya myaako.
Nsana nithoonyale myaako.
Nsana nithonnye myaako.
35. Olelo kiholola omusikiti.
Olelo koolola omusikiti.
Olelo kilolale omusikiti.

- Olelo kilonle omusikiti.
Olelo niholola omusikiti.
Olelo noolola omusikiti.
Olelo nilolale omusikiti.
Olelo nilonle omusikiti.
36. Nsana kihokhuwa mariro.
Nsana kookhuwa mariro.
Nsana kikhuwale mariro.
Nsana kikhun'we mariro.
Nsana nihokhuwa mariro.
Nsana nookhuwa mariro.
Nsana nikhuwale mariro.
Nsana nikhun'we mariro.
37. Olelo kiholiva mukukutta.
Olelo kooliva mukukutta.
Olelo kilivale mukukutta.
Olelo kilinve mukukutta.
Olelo niholiva mukukutta.
Olelo nooliva mukukutta.
Olelo nilivale mukukutta.
Olelo nilinve mukukutta.
38. Nsana kiholaka owaani.
Nsana koolaka owaani.
Nsana kilakale owaani.
Nsana kilanke owaani.
Nsana niholaka owaani.
Nsana noolaka owaani.
Nsana nilakale owaani.
Nsana nilanke owaani.
39. Olelo kihokwesa vate.
Olelo kookwesa vate.

- Olelo kikwesale vate.
Olelo kikwense vate.
Olelo nihokwesa vate.
Olelo nookwesa vate.
Olelo nikwesale vate.
Olelo nikwense vate.
40. Nsana kihokweha ematta.
Nsana kookweha ematta.
Nsana kikwehale ematta.
Nsana kikwenhe ematta.
Nsana nihokweha ematta.
Nsana nookweha ematta.
Nsana nikwehale ematta.
Nsana nikwenhe ematta.
41. Olelo kihothita musoro.
Olelo koothita musoro.
Olelo kithitale musoro.
Olelo kithinte musoro.
Olelo nihothita musoro.
Olelo noothita musoro.
Olelo nithitale musoro.
Olelo nithinte musoro.
42. Nsana kihokuha ehipa mmwirini.
Nsana kookuha ehipa mmwirini.
Nsana kikhale ehipa mmwirini.
Nsana kikunhe ehipa mmwirini.
Nsana nihokuha ehipa mmwirini.
Nsana nookuha ehipa mmwirini.
Nsana nikuhale ehipa mmwirini.
Nsana nikunhe ehipa mmwirini.

43. Olelo kihokuttha myetto.
Olelo kookuttha myetto.
Olelo kikutthale myetto.
Olelo kikuntthe myetto.
Olelo nihokuttha myetto.
Olelo nookuttha myetto.
Olelo nikutthale myetto.
Olelo nikuntthe myetto.
44. Nsana kiholapa mukerexa.
Nsana koolapa mukerexa.
Nsana kilapale mukerexa.
Nsana kilampe mukerexa.
Nsana niholapa mukerexa.
Nsana noolapa mukerexa.
Nsana nilapale mukerexa.
Nsana nilampe mukerexa.
45. Olelo kiholapha eparakha awe omuro.
Olelo koolapha eparakha awe omuro.
Olelo kilaphale eparakha awe omuro.
Olelo kilamphe eparakha awe omuro.
Olelo niholapha eparakha awe omuro.
Olelo noolapha eparakha awe omuro.
Olelo nilaphale eparakha awe omuro.
Olelo nilamphe eparakha awe omuro.
46. Nsana kiholika nkhora.
Nsana koolika nkhora.
Nsana kilikale nkhora.
Nsana kilinke nkhora.
Nsana niholika nkhora.
Nsana noolika nkhora.
Nsana nilikale nkhora.

- Nsana nilinke nkhora.
47. Olelo kihottuxa vanceene.
Olelo koottuxa vanceene.
Olelo kittuxale vanceene.
Olelo kittunxe vanceene.
Olelo nihottuxa vanceene.
Olelo noottuxa vanceene.
Olelo nittuxale vanceene.
Olelo nittunxe vanceene.
48. Nsana kihoweha vate.
Nsana koweha vate.
Nsana kiwehale vate.
Nsana kiwenhe vate.
Nsana nihoweha vate.
Nsana noweha vate.
Nsana niwehale vate.
Nsana niwenhe vate.
49. Olelo kihotiina erukulu.
Olelo kootiina erukulu.
Olelo kitiinale erukulu.
Olelo kitinne erukulu.
Olelo nihotiina erukulu.
Olelo nootiina erukulu.
Olelo nitiinale erukulu.
Olelo nitinne erukulu.
50. Nsana kihowaka myaalo.
Nsana koowaka myaalo.
Nsana kiwakale myaalo.
Nsana kiwanke myaalo.
Nsana nihowaka myaalo.
Nsana noowaka myaalo.

- Nsana niwakale myaalo.
Nsana niwanke myaalo.
51. Olelo kihopera murupa.
Olelo kooperera murupa.
Olelo kiperale murupa.
Olelo kipenre murupa.
Olelo nihopera murupa.
Olelo noopera murupa.
Olelo niperale murupa.
Olelo nipenre murupa.
52. Nsana kihophera ohiyu.
Nsana koophera ohiyu.
Nsana kipherale ohiyu.
Nsana kiphenre ohiyu.
Nsana nihophera ohiyu.
Nsana noophera ohiyu.
Nsana nipherale ohiyu.
Nsana niphenre ohiyu.
53. Olelo kihophita nikhule ni mukukutta.
Olelo koophita nikhule ni mukukutta.
Olelo kiphitale nikhule ni mukukutta.
Olelo kiphinte nikhule ni mukukutta.
Olelo nihophita nikhule ni mukukutta.
Olelo noophita nikhule ni mukukutta.
Olelo niphitale nikhule ni mukukutta.
Olelo niphinte nikhule ni mukukutta.
54. Nsana kihaamwa nipele na amaama Alima.
Nsana kaamwale nipele na amaama Alima.
Nsana kammwe nipele na amaama Alima.
Nsana nihaamwa nipele na amaama Alima.
Nsana naamwale nipele na amaama Alima.

- Nsana nammwe nipele na amaama Alima.
55. Olelo kihaasya ntthavi.
Olelo kaasyale ntthavi.
Olelo kansye ntthavi.
Olelo nihaasya ntthavi.
Olelo naasyale ntthavi.
Olelo nansye ntthavi.
56. Nsana kihuurya owaani wa Napawa.
Nsana kuuryale owaani wa Napawa.
Nsana kunrye owaani wa Napawa.
Nsana nihuurya owaani wa Napawa.
Nsana nuuryale owaani wa Napawa.
Nsana nunrye owaani wa Napawa.
57. Olelo kihaarya vanceene.
Olelo kaaryale vanceene.
Olelo kanrye vanceene.
Olelo nihaarya vanceene.
Olelo naaryale vanceene.
Olelo nanrye vanceene.
58. Nsana kihotemwa vanceene.
Nsana kootemwa vanceene.
Nsana kitemwale vanceene.
Nsana kitemmwe vanceene.
Nsana nihotemwa vanceene.
Nsana nootemwa vanceene.
Nsana nitemwale vanceene.
Nsana nitemmwe vanceene.
59. Olelo kihowurya maasi anceene.
Olelo koowurya maasi anceene.
Olelo kiwuryale maasi anceene.
Olelo kiwunrye maasi anceene.

- Olelo nihowurya maasi anceene.
Olelo noowurya maasi anceene.
Olelo niwuryale maasi anceene.
Olelo niwunrye maasi anceene.
60. Nsana kihomirya ipyo sa muhakwa.
Nsana koomirya ipyo sa muhakwa.
Nsana kimiryale ipyo sa muhakwa.
Nsana kimmirye ipyo sa muhakwa.
Nsana nihomirya ipyo sa muhakwa.
Nsana noomirya ipyo sa muhakwa.
Nsana nimiryale ipyo sa muhakwa.
Nsana nimmirye ipyo sa muhakwa.
61. Olelo kiholamwa vanceene.
Olelo koolamwa vanceene.
Olelo kilamwale vanceene.
Olelo kilammwe vanceene.
Olelo niholamwa vanceene.
Olelo noolamwa vanceene.
Olelo nilamwale vanceene.
Olelo nilammwe vanceene.
62. Nsana kiholavula itthu sooreera.
Nsana koolavula itthu sooreera.
Nsana kilavulale itthu sooreera.
Nsana kilavunle itthu sooreera.
Nsana niholavula itthu sooreera.
Nsana noolavula itthu sooreera.
Nsana nilavulale itthu sooreera.
Nsana nilavunle itthu sooreera.
63. Olelo kihunnuwa vanceene.
Olelo kunnuwale vanceene.
Olelo kunnun'we vanceene.

- Olelo nihunnuwa vanceene.
Olelo nunnuwale vanceene.
Olelo nunnun'we vanceene.
64. Nsana kihuurama omatta.
Nsana kuuramale omatta.
Nsana kuuramme omatta.
Nsana nihuurama omatta.
Nsana nuuramale omatta.
Nsana nuuramme omatta.
65. Olelo kihintaka muthala.
Olelo kintakale muthala.
Olelo kintanke muthala.
Olelo nihintaka muthala.
Olelo nintakale muthala.
Olelo nintanke muthala.
66. Nsana kihoopola muhakhu aka.
Nsana koopolale muhakhu aka.
Nsana kooponle muhakhu aka.
Nsana nihoopola muhakhu ahu.
Nsana noopolale muhakhu ahu.
Nsana nooponle muhakhu ahu.
67. Olelo kihaarika ipyo sa minuku.
Olelo kaarikale ipyo sa minuku.
Olelo kaarinke ipyo sa minuku.
Olelo nihaarika ipyo sa minuku.
Olelo naarikale ipyo sa minuku.
Olelo naarinke ipyo sa minuku.
68. Nsana kihaapeya ehopa.
Nsana kaapeyale ehopa.
Nsana kaapen'ye ehopa.
Nsana nihaapeya ehopa.

- Nsana naapeyale ehopa.
Nsana naapen'ye ehopa.
69. Olelo kihokhorama vathi.
Olelo kookhoroma vathi.
Olelo kikhoromale vathi.
Olelo kikhoromme vathi.
Olelo nihokhorama vathi.
Olelo nookhoroma vathi.
Olelo nikhoromale vathi.
Olelo nikhoromme vathi.
70. Nsana kihonyakala nikhule.
Nsana koonyakala nikhule.
Nsana kinyakalale nikhule.
Nsana kinyakanle nikhule.
Nsana nihonyakala nikhule.
Nsana noonyakala nikhule.
Nsana ninyakalale nikhule.
Nsana ninyakanle nikhule.
71. Olelo kihoraruwa wiiciso.
Olelo kooraruwa wiiciso.
Olelo kiraruwale wiiciso.
Olelo kirarun'we wiiciso.
Olelo nihoraruwa wiiciso.
Olelo nooraruwa wiiciso.
Olelo niraruwale wiiciso.
Olelo nirarun'we wiiciso.
72. Nsana kiholapuwa muro.
Nsana koolapuwa muro.
Nsana kilapuwale muro.
Nsana kilapun'we muro.
Nsana niholapuwa muro.

- Nsana noolapuwa muro.
Nsana nilapuwale muro.
Nsana nilapun'we muro.
73. Olelo kihothunala vanceene.
Olelo koothunala vanceene.
Olelo kithunalale vanceene.
Olelo kithunanle vanceene.
Olelo nihothunala vanceene.
Olelo noothunala vanceene.
Olelo nithunalale vanceene.
Olelo nithunanle vanceene.
74. Nsana kihotthimaka ohiyu.
Nsana kootthimaka ohiyu.
Nsana kitthimakale ohiyu.
Nsana kitthimanke ohiyu.
Nsana nihotthimaka ohiyu.
Nsana nootthimaka ohiyu.
Nsana nitthimakale ohiyu.
Nsana nitthimanke ohiyu.
75. Olelo kihottapunya evolume ya raatiyu.
Olelo koottapunya evolume ya raatiyu.
Olelo kittapunyale evolume ya raatiyu.
Olelo kittapunnye evolume ya raatiyu.
Olelo nihottapunya evolume ya raatiyu.
Olelo noottapunya evolume ya raatiyu.
Olelo nittapunyale evolume ya raatiyu.
Olelo nittapunnye evolume ya raatiyu.
76. Nsana kihonyakula vanceene.
Nsana koonyakula vanceene.
Nsana kinyakulale vanceene.
Nsana kinyakunle vanceene.

- Nsana nihonyakula vanceene.
Nsana noonyakula vanceene.
Nsana ninyakulale vanceene.
Nsana ninyakunle vanceene.
77. Olelo kihovukula musoro.
Olelo koovukula musoro.
Olelo kivukulale musoro.
Olelo kivukunle musoro.
Olelo nihovukula musoro.
Olelo noovukula musoro.
Olelo nivukulale musoro.
Olelo nivukunle musoro.
78. Nsana kihokuthula muhusi.
Nsana kookuthula muhusi.
Nsana kikuthulale muhusi.
Nsana kikuthunle muhusi.
Nsana nihokuthula muhusi.
Nsana nookuthula muhusi.
Nsana nikuthulale muhusi.
Nsana nikuthunle muhusi.
79. Olelo kihokwattula mukhoyi.
Olelo kookwattula mukhoyi.
Olelo kikwattulale mukhoyi.
Olelo kikwattunle mukhoyi.
Olelo nihokwattula mukhoyi.
Olelo nookwattula mukhoyi.
Olelo nikwattulale mukhoyi.
Olelo nikwattunle mukhoyi.
80. Nsana kihorapheya vathi.
Nsana koorapheya vathi.
Nsana kirapheyale vathi.

- Nsana kiraphen'ye vathi.
Nsana nihorapheya vathi.
Nsana noorapheya vathi.
Nsana nirapheyale vathi.
Nsana niraphen'ye vathi.
81. Olelo kihottuphula nliinya ni nikarikhwa.
Olelo koottuphula nliinya ni nikarikhwa.
Olelo kittuphulale nliinya ni nikarikhwa.
Olelo kittuphunle nliinya ni nikarikhwa.
Olelo nihottuphula nliinya ni nikarikhwa.
Olelo noottuphula nliinya ni nikarikhwa.
Olelo nittuphulale nliinya ni nikarikhwa.
Olelo nittuphunle nliinya ni nikarikhwa.
82. Nsana kihokwitula nliinya ni etesora.
Nsana kookwitula nliinya ni etesora.
Nsana kikwitulale nliinya ni etesora.
Nsana kikwitunle nliinya ni etesora.
Nsana nihokwitula nliinya ni etesora.
Nsana nookwitula nliinya ni etesora.
Nsana nikwitulale nliinya ni etesora.
Nsana nikwitunle nliinya ni etesora.
83. Olelo kihomumula saana.
Olelo koomumula saana.
Olelo kimumulale saana.
Olelo kimumunle saana.
Olelo nihomumula saana.
Olelo noomumula saana.
Olelo nimumulale saana.
Olelo nimumunle saana.
84. Nsana kiholattuxa mukhalelo awe.
Nsana koolattuxa mukhalelo awe.

- Nsana kilattuxale mukhalelo awe.
Nsana kilattunxe mukhalelo awe.
Nsana niholattuxa mukhalelo awe.
Nsana noolattuxa mukhalelo awe.
Nsana nilattuxale mukhalelo awe.
Nsana nilattunxe mukhalelo awe.
85. Olelo kihotikinya myetto sawe.
Olelo kootikinya myetto sawe.
Olelo kitikinyale myetto sawe.
Olelo kitikinnye myetto sawe.
Olelo nihotikinya myetto sawe.
Olelo nootikinya myetto sawe.
Olelo nitikinyale myetto sawe.
Olelo nitikinnye myetto sawe.
86. Nsana kihotakanya mulattu.
Nsana kootakanya mulattu.
Nsana kitakanyale mulattu.
Nsana kitakannye mulattu.
Nsana nihotakanya mulattu.
Nsana nootakanya mulattu.
Nsana nitakanyale mulattu.
Nsana nitakannye mulattu.
87. Olelo kiharamura vanceene.
Olelo kaaramurale vanceene.
Olelo kaaramunre vanceene.
Olelo nihaaramura vanceene.
Olelo naaramurale vanceene.
Olelo naaramunre vanceene.
88. Nsana kihaaxamura ohiyu.
Nsana kaaxamurale ohiyu.
Nsana kaaxamunre ohiyu.

- Nsana nihaaxamura ohiyu.
Nsana naaxamurale ohiyu.
Nsana naaxamunre ohiyu.
89. Olelo kihuupuxera ekayikhayi.
Olelo kuupuxerale ekayikhayi.
Olelo kuupuxenre ekayikhayi.
Olelo nihuupuxera ekayikhayi.
Olelo nuupuxerale ekayikhayi.
Olelo nuupuxenre ekayikhayi.
90. Nsana kihorapurya owaani.
Nsana koorapurya owaani.
Nsana kirapuryale owaani.
Nsana kirapunrye owaani.
Nsana nihorapurya owaani.
Nsana noorapurya owaani.
Nsana nirapuryale owaani.
Nsana nirapunrye owaani.
91. Olelo kihothorola esaakhu ya musoro.
Olelo koothorola esaakhu ya musoro.
Olelo kithorolale esaakhu ya musoro.
Olelo kithoronle esaakhu ya musoro.
Olelo nihothorola esaakhu ya musoro.
Olelo noothorola esaakhu ya musoro.
Olelo nithorolale esaakhu ya musoro.
Olelo nithoronle esaakhu ya musoro.
92. Nsana kihokurumula empa.
Nsana kookurumula empa.
Nsana kikumumulale empa.
Nsana kikumunle empa.
Nsana nihokurumula empa.
Nsana nookurumula empa.

- Nsana nikurumulale empa.
Nsana nikurumunle empa.
93. Olelo kihokakhamura nkhora.
Olelo kookakhamura nkhora.
Olelo kikakhamurale nkhora.
Olelo kikakhamunre nkhora.
Olelo nihokakhamura nkhora.
Olelo nookakhamura nkhora.
Olelo nikakhamurale nkhora.
Olelo nikakhamunre nkhora.
94. Nsana kihotherekuwa omuro.
Nsana kootherekuwa omuro.
Nsana kitherekuwale omuro.
Nsana kitherekun'we omuro.
Nsana nihotherekuwa omuro.
Nsana nootherekuwa omuro.
Nsana nitherekuwale omuro.
Nsana nitherekun'we omuro.
95. Olelo kihotharamula ineneele.
Olelo kootharamula ineneele.
Olelo kitharamulale ineneele.
Olelo kitharamunle ineneele.
Olelo nihotharamula ineneele.
Olelo nootharamula ineneele.
Olelo nitharamulale ineneele.
Olelo nitharamunle ineneele.
96. Nsana kihokhurupula mwaalo.
Nsana kookhurupula mwaalo.
Nsana kikhurupulale mwaalo.
Nsana kikhurupunle mwaalo.
Nsana nihokhurupula mwaalo.

- Nsana nookhurupula mwaalo.
Nsana nikhurupulale mwaalo.
Nsana nikhurupunle mwaalo.
97. Olelo kihottetemela vanceene.
Olelo koottetemela vanceene.
Olelo kittetemelale vanceene.
Olelo kittetemenle vanceene.
Olelo nihottetemela vanceene.
Olelo noottetemela vanceene.
Olelo nittetemelale vanceene.
Olelo nittetemenle vanceene.
98. Nsana kihoosya manawu ni nsuwa.
Nsana kisyaaale manawu ni nsuwa.
Nsana kisin'ye manawu ni nsuwa.
Nsana nihoosya manawu ni nsuwa.
Nsana nisyaale manawu ni nsuwa.
Nsana nisin'ye manawu ni nsuwa.
99. Nsana kihaakhula mwiitthanelo awe.
Nsana kaakhulale mwiitthanelo awe.
Nsana kaakhunle mwiitthanelo awe.
Nsana nihaakhula mwiitthanelo awe.
Nsana naakhulale mwiitthanelo awe.
Nsana naakhunle mwiitthanelo awe.
100. Nsana kihoromola nsina nawe.
Nsana kooromola nsina nawe.
Nsana kiromolale nsina nawe.
Nsana kiromonle nsina nawe.
Nsana nihoromola nsina nawe.
Nsana nooromola nsina nawe.
Nsana niromolale nsina nawe.
Nsana niromonle nsina nawe.

B: Forma negativa

101. Olelo nkinyaale wiiciso.
Olelo nkinyin'ye wiiciso.
Olelo khaninyaale wiiciso.
Olelo khaninyin'ye wiiciso.
102. Nsana nkilyaale emanka.
Nsana nkilin'ye emanka.
Nsana khanilyaale emanka.
Nsana khanilin'ye emanka.
103. Olelo nkirwaale va.
Olelo nkirwin'ye va.
Olelo khanirwaale va.
Olelo khanirwin'ye va.
104. Nsana ncoonale ihopa.
Nsana nkonne ihopa.
Nsana khanoonale ihopa.
Nsana khanonne ihopa.
105. Olelo nkeettale vathi.
Olelo nkentte vathi.
Olelo khaneettale vathi.
Olelo khanentte vathi.
106. Nsana nkiipale nsipo na Warila.
Nsana nkimpe nsipo na Warila.
Nsana khaniipale nsipo na Warila.
Nsana khanimpe nsipo na Warila.
107. Olelo nkaalale meelee.
Olelo nkanle meelee.
Olelo khanaalale meelee.
Olelo khananle meelee.
108. Nsana nkaapale ohiyu.
Nsana nkampe ohiyu.

- Nsana khanaapale ohiyu.
Nsana khanampe ohiyu.
109. Olelo nkinlale wiiciso.
Olelo nkinle wiiciso.
Olelo khaninlale wiiciso.
Olelo khaninle wiiciso.
110. Nsana nkiphiyale owaani wawe.
Nsana nkiphin'ye owaani wawe.
Nsana khaniphiyale owaani wawe.
Nsana khaniphin'ye owaani wawe.
111. Olelo nkunttale mphulani.
Olelo nkuntte mphulani.
Olelo khanunttale mphulani.
Olelo khanuntte mphulani.
112. Nsana nkihelale musurukhu mmahotthani.
Nsana nkihenle musurukhu mmahotthani.
Nsana khanihelale musurukhu mmahotthani.
Nsana khanihenle musurukhu mmahotthani.
113. Olelo nkitekale empa.
Olelo nkitenke empa.
Olelo khanitekale empa.
Olelo khanitenke empa.
114. Nsana nkikuxale iliivuru.
Nsana nkikunxe iliivuru.
Nsana khanikuxale iliivuru.
Nsana khanikunxe iliivuru.
115. Olelo nkimaalale wiiciso.
Olelo nkimanle wiiciso.
Olelo khanimaalale wiiciso.
Olelo khanimanle wiiciso.

116. Nsana nkimanale mwiri.
Nsana nkimanne mwiri.
Nsana kxanimanale mwiri.
Nsana kxanimanne mwiri.
117. Olelo nkihepale mahele.
Olelo nkihempe mahele.
Olelo kxanihepale mahele.
Olelo kxanihempe mahele.
118. Nsana nkilepale eliivuru.
Nsana nkilempe eliivuru.
Nsana kxanilepale eliivuru.
Nsana kxanilempe eliivuru.
119. Olelo nkituphale mukhoyi.
Olelo nkitumphe mukhoyi.
Olelo kxanituphale mukhoyi.
Olelo kxanitumphe mukhoyi.
120. Nsana nkiwelale mwiri.
Nsana nkiwenle mwiri.
Nsana kxaniwelale mwiri.
Nsana kxaniwenle mwiri.
121. Olelo nkirihale muhusi.
Olelo nkirinhe muhusi.
Olelo kxanirihale muhusi.
Olelo kxanirinhe muhusi.
122. Nsana nkilohale vanceene.
Nsana nkilonhe vanceene.
Nsana kxanilohale vanceene.
Nsana kxanilonhe vanceene.
123. Olelo nkilumale ekatha aya.
Olelo nkilumme ekatha aya.

- Olelo khanilumale ekatha aya.
Olelo khanilumme ekatha aya.
124. Nsana nkilowale epula.
Nsana nkilon'we epula.
Nsana khanilowale epula.
Nsana khanilon'we epula.
125. Olelo nkivirale oxikola.
Olelo nkivinre oxikola.
Olelo khanivirale oxikola.
Olelo khanivinre oxikola.
126. Nsana nkilimale meelee.
Nsana nkilimme meelee.
Nsana khanilimale meelee.
Nsana khanilimme meelee.
127. Olelo nkikhulale mwiiwa nnawoni.
Olelo nkikhunle mwiiwa nnawoni.
Olelo khanikhulale mwiiwa nnawoni.
Olelo khanikhunle mwiiwa nnawoni.
128. Nsana nkirithale mukhoyi.
Nsana nkirinthe mukhoyi.
Nsana khanirithale mukhoyi.
Nsana khanirinthe mukhoyi.
129. Olelo nkivonyale maluku.
Olelo nkivonnye maluku.
Olelo khanivonyale maluku.
Olelo khanivonnye maluku.
130. Nsana nkipuhale vanceene.
Nsana nkipunhe vanceene.
Nsana khanipuhale vanceene.
Nsana khanipunhe vanceene.

131. Olelo nkivekale owaani.
Olelo nkivenke owaani.
Olelo khanivekale owaani.
Olelo khanivenke owaani.
132. Nsana nkivenyale wiiciso.
Nsana nkivennye wiiciso.
Nsana khanivenyale wiiciso.
Nsana khanivennye wiiciso.
133. Olelo nkitathale myetto.
Olelo nkitanthe myetto.
Olelo khanitathale myetto.
Olelo khanitanthe myetto.
134. Nsana nkithoonyale myaako.
Nsana nkithonnye myaako.
Nsana khanithoonyale myaako.
Nsana khanithonnye myaako.
135. Olelo nkilolale omusikiti.
Olelo nkilonle omusikiti.
Olelo khanilolale omusikiti.
Olelo khanilonle omusikiti.
136. Nsana nkikhuwale mariro.
Nsana nkikhun'we mariro.
Nsana khanikhuwale mariro.
Nsana khanikhun'we mariro.
137. Olelo nkilivale mukukutta.
Olelo nkilinve mukukutta.
Olelo khanilivale mukukutta.
Olelo khanilinve mukukutta.
138. Nsana nkilakale owaani.
Nsana nkilanke owaani.

- Nsana khanilakale owaani.
Nsana khanilanke owaani.
139. Olelo nkikwesale vate.
Olelo nkikwense vate.
Olelo khanikwesale vate.
Olelo khanikwense vate.
140. Nsana nkikwehale ematta.
Nsana nkikwenhe ematta.
Nsana khanikwehale ematta.
Nsana khanikwenhe ematta.
141. Olelo nkithitale musoro.
Olelo nkithinte musoro.
Olelo khanithitale musoro.
Olelo khanithinte musoro.
142. Nsana nkikuhale ehipa mmwirini.
Nsana nkikunhe ehipa mmwirini.
Nsana khanikuhale ehipa mmwirini.
Nsana khanikunhe ehipa mmwirini.
143. Olelo nkikutthale myetto.
Olelo nkikuntthe myetto.
Olelo khanikutthale myetto.
Olelo khanikuntthe myetto.
144. Nsana nkilapale mukerexa.
Nsana nkilampe mukerexa.
Nsana khanilapale mukerexa.
Nsana khanilampe mukerexa.
145. Olelo nkilaphale eparakha awe omuro.
Olelo nkilamphe eparakha awe omuro.
Olelo khanilaphale eparakha awe omuro.
Olelo khanilamphe eparakha awe omuro.

146. Nsana nkilikale nkhora.
Nsana nkilinke nkhora.
Nsana khanilikale nkhora.
Nsana khanilinke nkhora.
147. Olelo nkittuxale vanceene.
Olelo nkittunxe vanceene.
Olelo khanittuxale vanceene.
Olelo khanittunxe vanceene.
148. Nsana nkiwehale vate.
Nsana nkiwenhe vate.
Nsana khaniwehale vate.
Nsana khaniwenhe vate.
149. Olelo nkitiinale erukulu.
Olelo nkitinne erukulu.
Olelo khanitiinale erukulu.
Olelo khanitinne erukulu.
150. Nsana nkiwakale myaalo.
Nsana nkiwanke myaalo.
Nsana khaniwakale myaalo.
Nsana khaniwanke myaalo.
151. Olelo nkiperale murupa.
Olelo nkipenre murupa.
Olelo khaniperale murupa.
Olelo khanipenre murupa.
152. Nsana nkipherale ohiyu.
Nsana nkiphenre ohiyu.
Nsana khanipherale ohiyu.
Nsana khaniphenre ohiyu.
153. Olelo nkiphitale nikhule ni mukukutta.
Olelo nkiphinte nikhule ni mukukutta.

- Olelo khaniphitale nikhule ni mukukutta.
Olelo khaniphinte nikhule ni mukukutta.
154. Nsana nkaamwale nipele na amaama Alima.
Nsana nkammwe nipele na amaama Alima.
Nsana khanaamwale nipele na amaama Alima.
Nsana khanammwe nipele na amaama Alima.
155. Olelo nkaasyale ntthavi.
Olelo nkansye ntthavi.
Olelo khanaasyale ntthavi.
Olelo khanansye ntthavi.
156. Nsana nkuuryale owaani wa Napawa.
Nsana nkunrye owaani wa Napawa.
Nsana khanuuryale owaani wa Napawa.
Nsana khanunrye owaani wa Napawa.
157. Olelo nkaaryale vanceene.
Olelo nkanrye vanceene.
Olelo khanaaryale vanceene.
Olelo khananrye vanceene.
158. Nsana nkitemwale vanceene.
Nsana nkitemmwe vanceene.
Nsana khanitemwale vanceene.
Nsana khanitemmwe vanceene.
159. Olelo nkiwuryale maasi anceene.
Olelo nkiwunrye maasi anceene.
Olelo khaniwuryale maasi anceene.
Olelo khaniwunrye maasi anceene.
160. Nsana nkimiryale ipyo sa muhakwa.
Nsana nkimmirye ipyo sa muhakwa.
Nsana khanimiryale ipyo sa muhakwa.
Nsana khanimmirye ipyo sa muhakwa.

161. Olelo nkilamwale vanceene.
Olelo nkilammwe vanceene.
Olelo khanilamwale vanceene.
Olelo khanilammwe vanceene.
162. Nsana nkilavulale itthu sooreera.
Nsana nkilavunle itthu sooreera.
Nsana khanilavulale itthu sooreera.
Nsana khanilavunle itthu sooreera.
163. Olelo nkunnuwale vanceene.
Olelo nkunnun'we vanceene.
Olelo khanunnuwale vanceene.
Olelo khanunnun'we vanceene.
164. Nsana nkuuramale omatta.
Nsana nkuuramme omatta.
Nsana khanuuramale omatta.
Nsana khanuuramme omatta.
165. Olelo nkintakale muthala.
Olelo nkintanke muthala.
Olelo khanintakale muthala.
Olelo khanintanke muthala.
166. Nsana nkoopolale muhakhu aka.
Nsana nkooponle muhakhu aka.
Nsana khanoopolale muhakhu ahu.
Nsana khanooponle muhakhu ahu.
167. Olelo nkaarikale ipyo sa minuku.
Olelo nkaarinke ipyo sa minuku.
Olelo khanaarikale ipyo sa minuku.
Olelo khanaarinke ipyo sa minuku.
168. Nsana nkaapeyale ihopa.
Nsana nkaapen'ye ihopa.
Nsana khanaapeyale ihopa.

- Nsana khanaapen'ye ihopa.
169. Olelo nkikhoromale vathi.
Olelo nkikhoromme vathi.
Olelo khanikhoromale vathi.
Olelo khanikhoromme vathi.
170. Nsana nkinyakalale nikhule.
Nsana nkinyakanle nikhule.
Nsana khaninyakalale nikhule.
Nsana khaninyakanle nikhule.
171. Olelo nkiraruwale wiiciso.
Olelo nkirarun'we wiiciso.
Olelo khaniraruwale wiiciso.
Olelo khanirarun'we wiiciso.
172. Nsana nkilapuwale muro.
Nsana nkilapun'we muro.
Nsana khanilapuwale muro.
Nsana khanilapun'we muro.
173. Olelo nkithunalale vanceene.
Olelo nkithunanle vanceene.
Olelo khanithunalale vanceene.
Olelo khanithunanle vanceene.
174. Nsana nkitthimakale ohiyu.
Nsana nkitthimanke ohiyu.
Nsana khanitthimakale ohiyu.
Nsana khanitthimanke ohiyu.
175. Olelo nkittapunyale evolume ya raatiyu.
Olelo nkittapunye evolume ya raatiyu.
Olelo khanittapunyale evolume ya raatiyu.
Olelo khanittapunye evolume ya raatiyu.
176. Nsana nkinyakulale vanceene.
Nsana nkinyakunle vanceene.

- Nsana khaninyakulale vanceene.
Nsana khaninyakunle vanceene.
177. Olelo nkivukulale musoro.
Olelo nkivukunle musoro.
Olelo khanivukulale musoro.
Olelo khanivukunle musoro.
178. Nsana nkikuthulale muhusi.
Nsana nkikuthunle muhusi.
Nsana khanikuthulale muhusi.
Nsana khanikuthunle muhusi.
179. Olelo nkikwattulale mukhoyi.
Olelo nkikwattunle mukhoyi.
Olelo khanikwattulale mukhoyi.
Olelo khanikwattunle mukhoyi.
180. Nsana nkirapheyale vathi.
Nsana nkiraphen'ye vathi.
Nsana khanirapheyale vathi.
Nsana khaniraphen'ye vathi.
181. Olelo nkittuphulale nliinya ni nikarikhwa.
Olelo nkittuphunle nliinya ni nikarikhwa.
Olelo khanittuphulale nliinya ni nikarikhwa.
Olelo khanittuphunle nliinya ni nikarikhwa.
182. Nsana nkikwitulale nliinya ni etesora.
Nsana nkikwitunle nliinya ni etesora.
Nsana khanikwitulale nliinya ni etesora.
Nsana khanikwitunle nliinya ni etesora.
183. Olelo nkimumulale saana.
Olelo nkimumunle saana.
Olelo khanimumulale saana.
Olelo khanimumunle saana.

184. Nsana nkilattuxale mukhalelo awe.
Nsana nkilattunxe mukhalelo awe.
Nsana khanilattuxale mukhalelo awe.
Nsana khanilattunxe mukhalelo awe.
185. Olelo nkitikinyale myetto sawe.
Olelo nkitikinnye myetto sawe.
Olelo khanitikinyale myetto sawe.
Olelo khanitikinnye myetto sawe.
186. Nsana nkitakanyale mulattu.
Nsana nkitakannye mulattu.
Nsana khanitakanyale mulattu.
Nsana khanitakannye mulattu.
187. Olelo nkaaramurale vanceene.
Olelo nkaaramunre vanceene.
Olelo khanaaramurale vanceene.
Olelo khanaaramunre vanceene.
188. Nsana nkaaxamurale ohiyu.
Nsana nkaaxamunre ohiyu.
Nsana khanaaxamurale ohiyu.
Nsana khanaaxamunre ohiyu.
189. Olelo nkuupuxerale ekayikhayi.
Olelo nkuupuxenre ekayikhayi.
Olelo khanuupuxerale ekayikhayi.
Olelo khanuupuxenre ekayikhayi.
190. Nsana nkirapuryale owaani.
Nsana nkirapunrye owaani.
Nsana khanirapuryale owaani.
Nsana khanirapunrye owaani.
191. Olelo nkithorolale esaakhu ya musoro.
Olelo nkithoronle esaakhu ya musoro.

- Olelo khanithorolale esaakhu ya musoro.
Olelo khanithoronle esaakhu ya musoro.
192. Nsana nkikurumulale empa.
Nsana nkikurumunle empa.
Nsana khanikurumulale empa.
Nsana khanikurumunle empa.
193. Olelo nkikakhamurale nkhora.
Olelo nkikakhamunre nkhora.
Olelo khanikakhamurale nkhora.
Olelo khanikakhamunre nkhora.
194. Nsana nkitherekuwale omuro.
Nsana nkitherekun'we omuro.
Nsana khanitherekuwale omuro.
Nsana khanitherekun'we omuro.
195. Olelo nkitharamulale ineneele.
Olelo nkitharamunle ineneele.
Olelo khanitharamulale ineneele.
Olelo khanitharamunle ineneele.
196. Nsana nkikhurupulale mwaalo.
Nsana nkikhurupunle mwaalo.
Nsana khanikhurupulale mwaalo.
Nsana khanikhurupunle mwaalo.
197. Olelo nkittettemelale vanceene.
Olelo nkittettemenle vanceene.
Olelo khanittettemelale vanceene.
Olelo khanittettemenle vanceene.
198. Nsana nkisyaale manawu ni nsuwa.
Nsana nkisin'ye manawu ni nsuwa.
Nsana khanisyaale manawu ni nsuwa.
Nsana khanisin'ye manawu ni nsuwa.

199. Nsana nkaakhulale mwiitthanelo awe.
Nsana nkaakhunle mwiitthanelo awe.
Nsana khanaakhulale mwiitthanelo awe.
Nsana khanaakhunle mwiitthanelo awe.
200. Nsana nkiromolale nsina nawe.
Nsana nkiromonle nsina nawe.
Nsana khaniromolale nsina nawe.
Nsana khaniromonle nsina nawe.

3: Desfecho da entrevista

Entrevista conduzida por: _____;
Função: _____;
Local da entrevista: _____;
Data da entrevista: ____ / 12 / 2016; Horas (início): ____ : ____; (término): ____ / ____
Observações:.....

Anexo 3: Lista dos 100 verbos usados na presente pesquisa

-C-:	<i>/-ʝ-/</i>	‘defecar’
-CV-:	<i>/-li-/</i>	‘comer’
	<i>/-ru-/</i>	‘vir’
	<i>/-si-/</i>	‘defecar’
-V(N)C-:	<i>/-on-/</i>	‘ver’
	<i>/-e t-/</i>	‘andar’
	<i>/-ip-/</i>	‘cantar’
	<i>/-al-/</i>	‘semear’
	<i>/-ap-/</i>	‘murmurar’
	<i>/-uNl-/</i>	‘chorar’
-C(G)VC-:	<i>/p^hij-/</i>	‘chegar’
	<i>/-hel-/</i>	‘meter’
	<i>/-tek-/</i>	‘construir’
	<i>/-ku ʃ-/</i>	‘levar’
	<i>/-ma:l-/</i>	‘calar-se’
	<i>/-man-/</i>	‘bater’
	<i>/-hep-/</i>	‘ceifar’
	<i>/-lep-/</i>	‘escrever’
	<i>/-tup^h-/</i>	‘saltar’
	<i>/-wel-/</i>	‘subir’
	<i>/-rih-/</i>	‘deitar’

<i>/-loh-/</i>	‘sonhar’
<i>/-lum-/</i>	‘morder’
<i>/-mir-/</i>	‘engolir’
<i>/-low-/</i>	‘enfeitiçar’
<i>/-vir-/</i>	‘passar’
<i>/-lim-/</i>	‘cultivar’
<i>/-k^hul-/</i>	‘arrancar’
<i>/-rit^h-/</i>	‘retorcer (fio)’
<i>/-voɽ-/</i>	‘lançar’
<i>/-puh-/</i>	‘gozar (a vida)’
<i>/-vek-/</i>	‘orar’
<i>/-veɽ-/</i>	‘sair’
<i>/-tat^h-/</i>	‘sacudir’
<i>/-t^hooɽ-/</i>	‘apontar’
<i>/-lol-/</i>	‘mendigar’
<i>/-k^huw-/</i>	‘ocultar (um facto)’
<i>/-liv-/</i>	‘pagar’
<i>/-lak-/</i>	‘aconselhar’
<i>/-k^wes-/</i>	‘varrer’
<i>/-k^weh-/</i>	‘limpar a machamba’
<i>/-t^hit-/</i>	‘pilar’
<i>/-kuh-/</i>	‘colocar’

	<i>/-ku t^h-/</i>	‘esfregar’
	<i>/-lap-/</i>	‘confessar-se’
	<i>/-lap^h-/</i>	‘amaldiçoar / fazer prece’
	<i>/-lik-/</i>	‘medir’
	<i>/-tʉʃ-/</i>	‘gingar’
	<i>/-weh-/</i>	‘olhar’
	<i>/-tiin-/</i>	‘beliscar’
	<i>/-wak-/</i>	‘afiar’
	<i>/-per-/</i>	‘rasgar’
	<i>/-p^her-/</i>	‘terminar (uma actividade)’
	<i>/-p^hit-/</i>	‘pisar’
-VCV-:	<i>/-amu-/</i>	‘mamar’
	<i>/-asi-/</i>	‘procurar’
	<i>/-uri-/</i>	‘noivar’
	<i>/-ari-/</i>	‘brilhar’
-CVCV-:	<i>/-temu-/</i>	‘cansar-se’
	<i>/-wuri-/</i>	‘beber’
	<i>/-lamu-/</i>	‘decair’
-V(N)CVC-:	<i>/-uNkom-/</i>	‘sentar-se’
	<i>/-uram-/</i>	‘abaixar-se’
	<i>/-intak-/</i>	‘partir (algo)’
	<i>/-opol-/</i>	‘saldar’
	<i>/-arik-/</i>	‘torrar’

<i>/-apej-/</i>	‘cozinhar’
<i>/-ak^hul-/</i>	‘responder’
-CVC(G)VC-: <i>/-k^horom-/</i>	‘ajoelhar-se’
<i>/-vukul-/</i>	‘diminuir’
<i>/-ɲakal-/</i>	‘pisar’
<i>/-romol-/</i>	‘mencionar’
<i>/-raruw-/</i>	‘cometer adultério / prostituir-se’
<i>/-lapuw-/</i>	‘atravessar’
<i>/-t^hunal-/</i>	‘zangar-se’
<i>/-t^himak-/</i>	‘correr’
<i>/-tɔpuɲ-/</i>	‘clicar’
<i>/-lavul-/</i>	‘falar’
<i>/-ɲakul-/</i>	‘fazer barulho’
<i>/-ɲikal-/</i>	‘pisar’
<i>/-kut^hul-/</i>	‘despejar’
<i>/-k^wa tɔul-/</i>	‘rebentar (uma corda)’
<i>/-rap^hej-/</i>	‘vomitar’
<i>/-tɔp^hul-/</i>	‘cortar (com unha)’
<i>/-k^witul-/</i>	‘cortar (com um objecto cortante)’
<i>/-mumul-/</i>	‘respirar’
<i>/-la tɔ f-/</i>	‘anunciar / propagar’

	<i>/-tikiʝ-/</i>	‘fazer cócegas’
	<i>/-takaʝ-/</i>	‘provocar’
-VCVCVC:	<i>/-aramur-/</i>	‘bocejar’
	<i>/-a ʃamur-/</i>	‘espirrar’
	<i>/-upu ʃer-/</i>	‘recordar’
-CVCVCV:	<i>/-rapuri-/</i>	‘rebelar-se’
-CVCVCVC:	<i>/-t^horomol-/</i>	‘furar’
	<i>/-kurumul-/</i>	‘demolir’
	<i>/-kak^hamur-/</i>	‘arrombar’
	<i>/-t^herekuw-/</i>	‘escorregar’
	<i>/-t^haramul-/</i>	‘provocar (agitar)’
	<i>/-k^hurupul-/</i>	‘entortar’
	<i>/-t^etemel-/</i>	‘tremer’